



COMPANHIA DAS LETRAS

Morda meu coração na esquina

*poesia reunida*

# dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

Morda  
meu  
coração  
na  
esquina

**ROBERTO PIVA**

*poesia reunida*

Organização ALCIR PÉCORÁ



COMPANHIA DAS LETRAS

# Sumário

Capa  
Folha de rosto  
Sumário  
*Apresentação* — ALCIR PÉCORÁ

## **UM ESTRANGEIRO NA LEGIÃO**

Ode a Fernando Pessoa  
Paranoia  
Piazzas  
Os que viram a carcaça

## **MALA NA MÃO & ASAS PRETAS**

Abra os olhos & diga Ah!  
Coxas: Sex fiction & delírios  
20 poemas com brócoli  
Quizumba  
O século XXI me dará razão

## **ESTRANHOS SINAIS DE SATURNO**

Ciclones  
Estranhos sinais de Saturno  
Sindicato da natureza

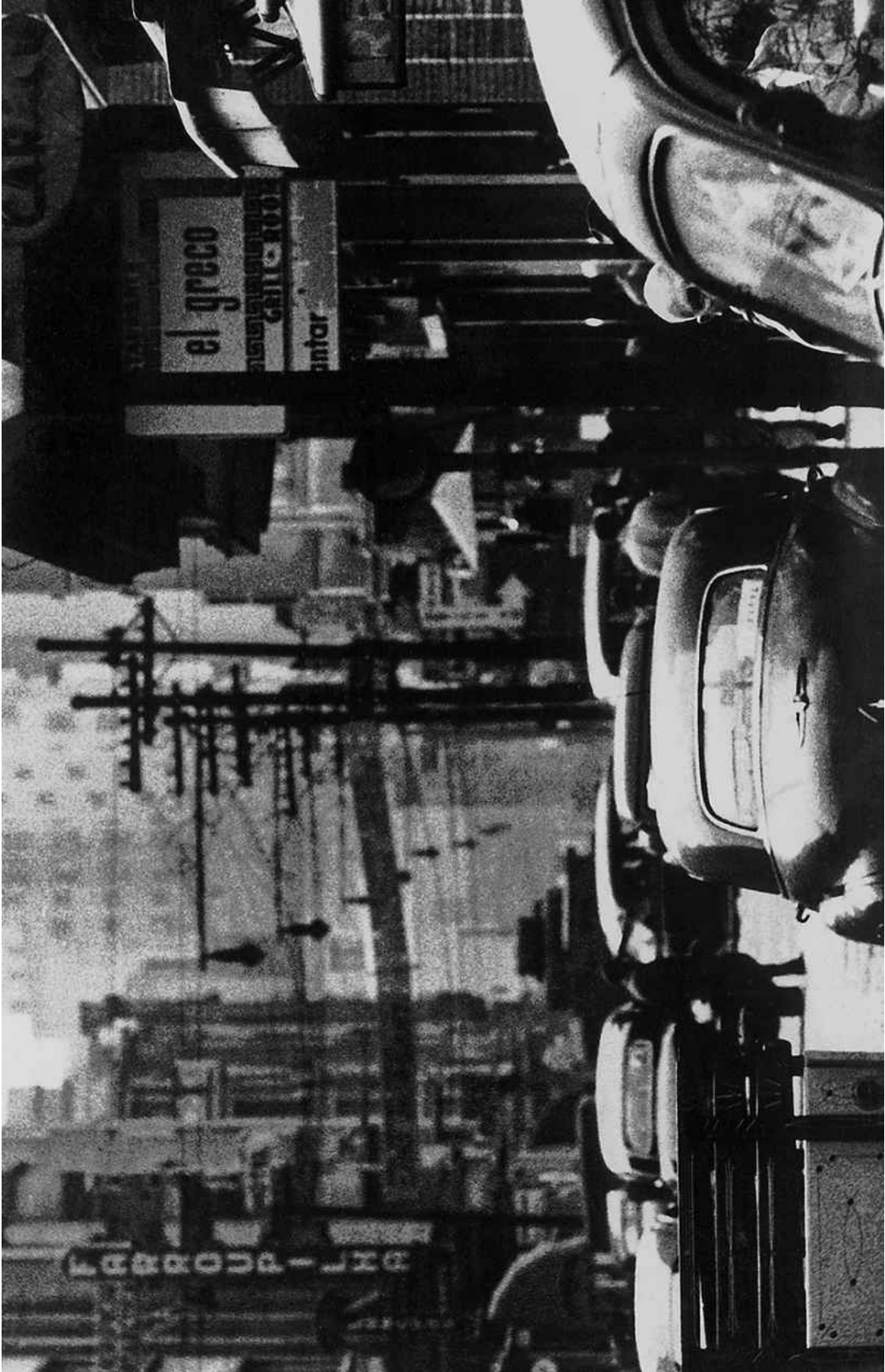
## **FRAGMENTOS POÉTICOS**

### **FORTUNA CRÍTICA**

*Mais sobre Roberto Piva* — CLAUDIO WILLER  
*A cintilação da noite* — ELIANE ROBERT MORAES  
*O mundo delirante (a poesia de Roberto Piva)* — DAVI  
ARRIGUCCI JR.

*Cronologia*  
*Sugestões de leituras e filmes*  
*Índice de títulos e primeiros versos*  
*Sobre o autor*  
*Créditos*

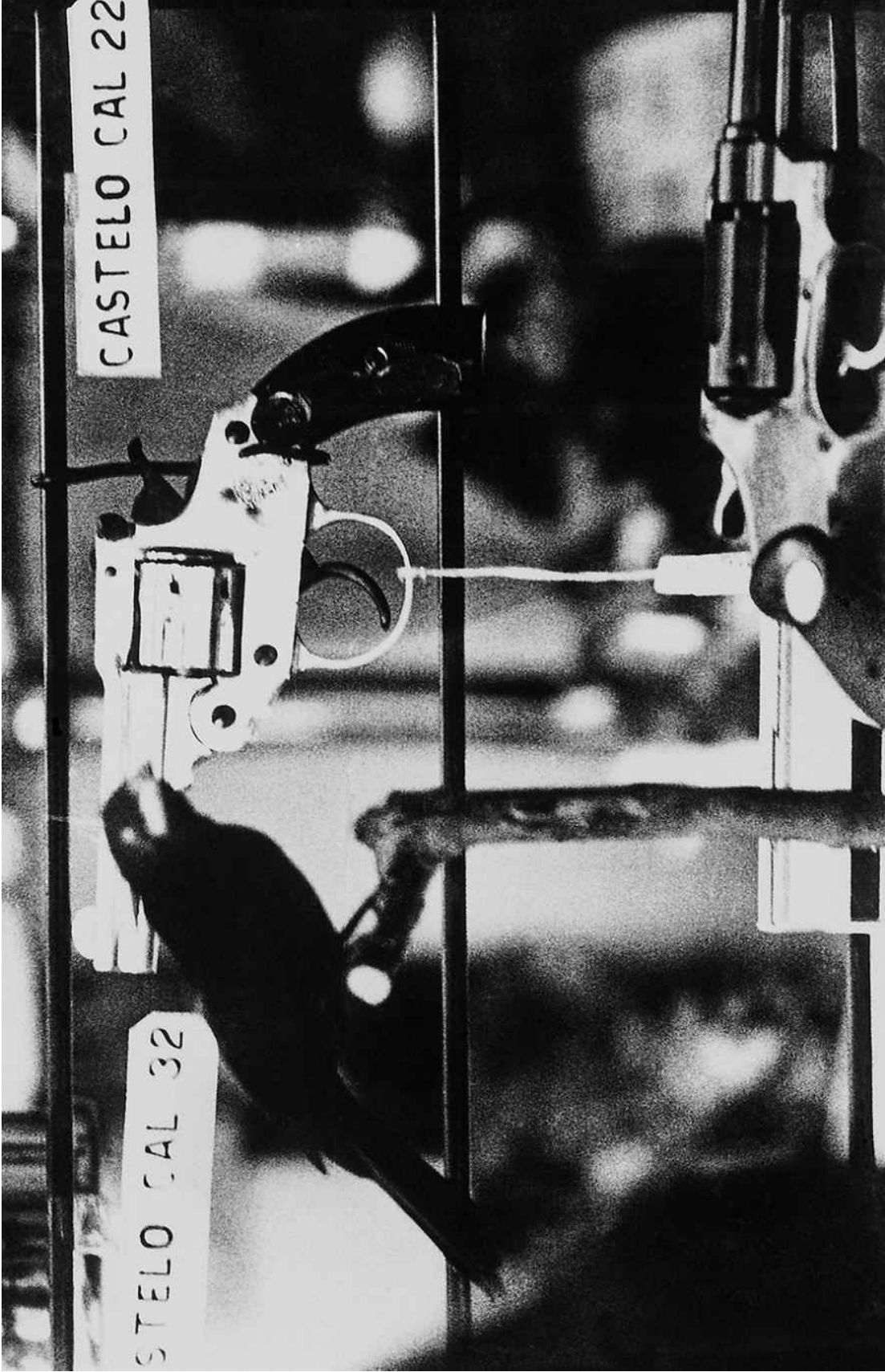


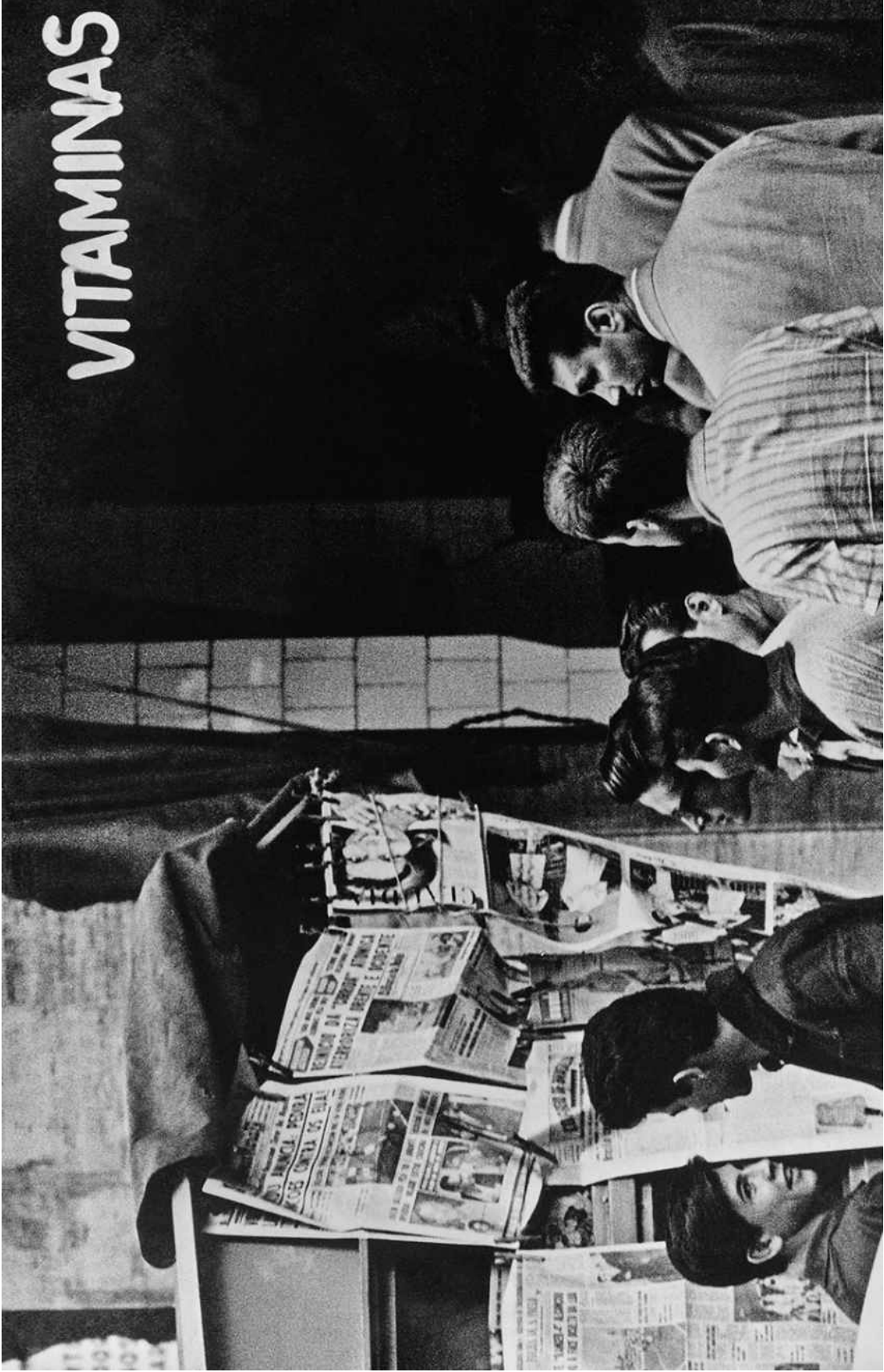












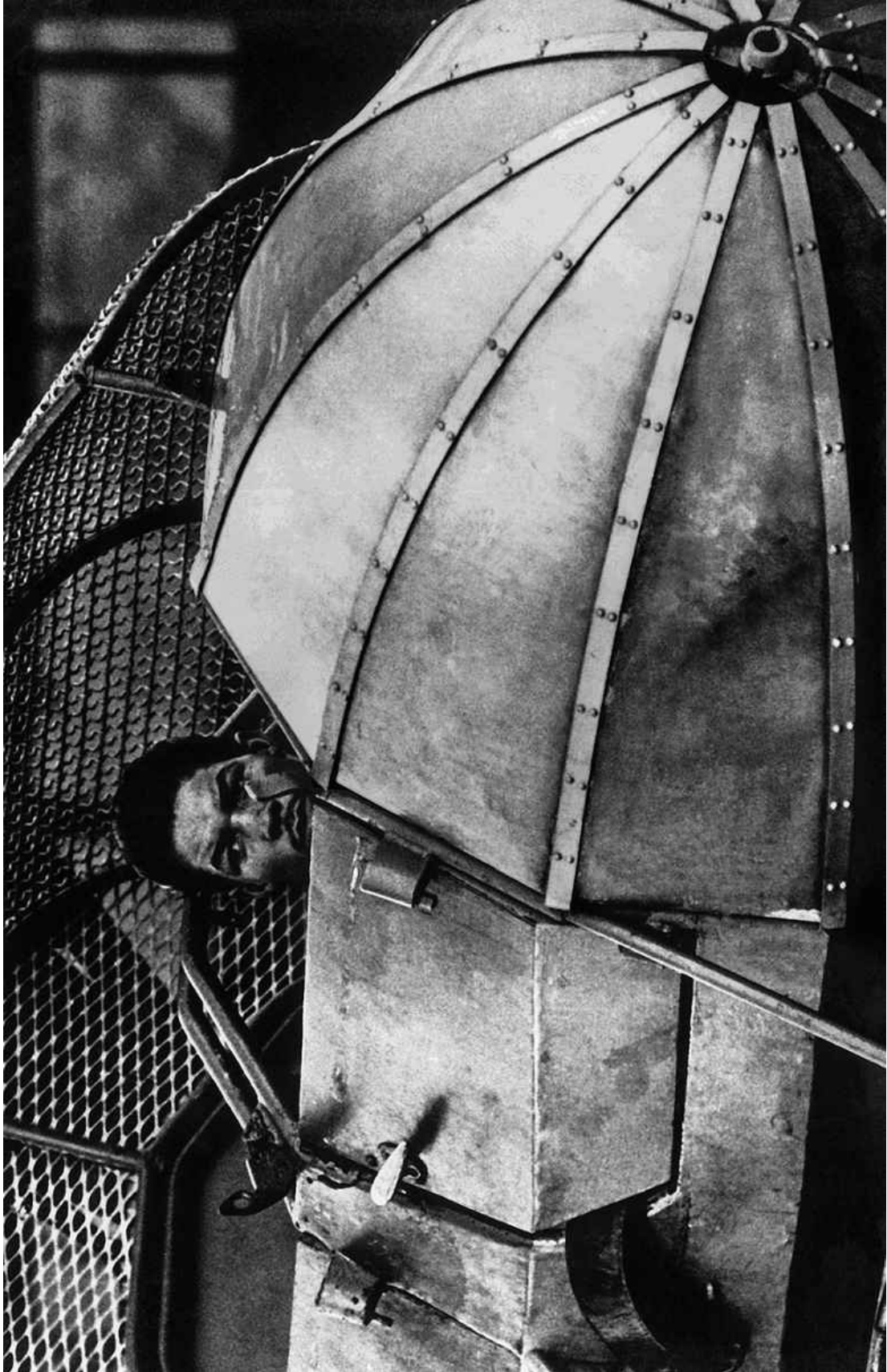
VITAMINAS















# **A EPOPEIA BÉLICO-AMOROSA DE ROBERTO PIVA**

ALCIR PÉCORA

*Chovia na merda do teu coração*

R. P.

O CONVITE DE ALICE SANT'ANNA, editora de poesia da Companhia das Letras, para que eu organizasse a nova edição das obras completas de Roberto Piva foi uma alegria pelo reconhecimento do que havia feito anteriormente, quando o editei pela editora Globo, e também uma oportunidade de o aperfeiçoar. Em relação aos críticos que havia convidado para participar daquela edição, apressei-me a confirmar a presença de todos, pois, cada um a seu modo — Claudio Willer, Davi Arrigucci Jr. e Eliane Robert Moraes —, eram decisivos para esclarecer algumas chaves da poesia de Piva. No caso de Willer, achei interessante incorporar um novo texto que ele fez, no qual manifesta discordâncias em relação a algumas observações que fiz na primeira edição, como, por exemplo, a de que o surrealismo fora apenas incidental na poesia de Piva, ou a de que era importante considerar os seus ciclos de publicação no âmbito mesmo de sua poesia, já que os livros de Piva, pensados como tal, acabavam compondo unidades poéticas significantes.

Mantenho as minhas opiniões, mas acredito que um pouco de dialética crítica certamente fará bem à compreensão mais abrangente de Piva.

Mas, se pude ter a alegria de manter o aparato crítico, algo se tornou irreversivelmente diferente agora: já não contava com Piva ao lado para comentar o que fizesse. Não que ele tivesse interferido na primeira edição, mas era sempre uma tranquilidade mental saber que ele estava ali, vivo e fogoso, apto para dizer o que lhe agradava ou não. Desta vez, estávamos — Alice e eu — sós, e todas as decisões que tivemos de fazer, fizemos por nossa própria conta e risco. Talvez a mais importante delas foi a de decidir se incorporariamos os poemas publicados posteriormente à morte do escritor, sem saber se ele daria esses poemas como finalizados para publicação. A minha hesitação quanto a isso se devia à convicção de que Piva possuía clara definição do livro que compunha, a cada vez. Poemas isolados não necessariamente teriam o mesmo acabamento ao compor um livro novo. Assim, preferimos fazer desse conjunto de inéditos apenas uma antologia de catorze poemas, escolhidos estritamente pelo gosto meu e de Alice, e tratá-los mais modestamente, ou precavidamente, como “fragmentos”.

De qualquer maneira, na ausência de Piva, procurei retomar um pouco de sua presença, mesmo de sua presença física, unindo o tecido da memória com a audição de leitura de poemas seus que cresciam extraordinariamente quando era ele quem os lia. Também revi algumas de suas entrevistas e seus depoimentos, dos quais destacaria os que aparecem no belo filme de Ugo Giorgetti sobre o grupo de artistas e intelectuais que, junto ao Piva, batiam as ruas de São Paulo nos anos 1960. Ou talvez não exatamente a São Paulo que existe agora, mas, como se declara já no título,

“Uma outra cidade”, a qual no ano 2000, época de seu filme, o cineasta já dava por finada.

O grupo de amigos — aparentemente pouco inclinado a compor qualquer movimento organizado ou dotado de nome ou doutrina, ao contrário dos poetas concretos, por exemplo — está representado, no filme, por Claudio Willer, Jorge Mautner, Rodrigo de Haro e Antonio Fernando De Franceschi — estes dois últimos desgraçadamente mortos no ano fúnebre de 2021 —, além do próprio Piva e de Giorgetti. Em algum momento, preparando este texto, em 2021, tive a ideia de perguntar ao cineasta que atitude pensava uni-los de modo mais radical. Ugo me respondeu, em conversas alternadas por telefone e e-mail, que

a única coisa a unir todos verdadeiramente era uma profunda aversão e, não diria ódio, mas negação do que se convencionava chamar naquele tempo de “burguesia”. “Burguesia” era uma palavra usada a todo instante para definir falta de preparo, de gosto, ignorância, mesquinaria, estreiteza mental, família em geral, crença no progresso, na técnica moderna, no mundo empresarial, na religião etc. etc. Para muita gente, como Piva, essa aversão incluía também os operários, portanto não havia nada, ou quase nada, de política nessa atitude em relação à burguesia. Os operários eram considerados como aspirantes à burguesia, no fundo eram também burgueses, antes de o ser verdadeiramente. Há uma frase de Rimbaud, acho que em *Une Saison en enfer*<sup>1</sup> que diz: “*maîtres et ouvriers, tous paysans, ignobles*”.<sup>2</sup> Rimbaud era simplesmente adorado, principalmente pelo Piva. Depois, cheguei à conclusão de que havia muito de “dandismo” nessa atitude. Na verdade, foi a ditadura que atirou todos muito mais à esquerda do que éramos antes do golpe, eu inclusive.

Já quando lhe perguntei sobre o que via em Piva de mais singular em relação ao grupo, Ugo me respondeu:

Filosoficamente eu acho que Piva sofreu enorme influência de Vicente Ferreira da Silva, que sustentava as ideias de Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger e Sartre na contracorrente do marxismo da época. Todo o poder estabelecido era motivo de questionamento, seja nas fábricas, nos escritórios, nas universidades; o poder tinha de ser combatido implacavelmente porque era mau em si mesmo, por definição, como se costumava dizer naquela época. Piva manteve essa atitude por toda a sua vida. Acho que foi o que se conservou mais ligado ao que pensava na primeira juventude. O Piva velho era o Piva jovem, alquebrado pelos excessos, pela idade. Só isso. Continuava um andarilho pela sua cidade, como sempre foi. Nunca teve carro, andava a pé, e era comum encontrá-lo vagando em todos os lugares pelo que hoje chamam, ridiculamente, de “centro expandido”. Na verdade, andava por aí, verdadeiro *piéton* em São Paulo.

Quando disse a Ugo que Piva sempre me tratava como um conterrâneo italiano, e que, mais do que isso, parecia ter uma ideia completamente fantasiosa e nobilitante de quem descendia de imigrantes — e, portanto, de gente que vinha para o Brasil empurrado pela mais dura miséria —, disse-me que era mais ou menos o que fazia com todos os amigos:

ao contrário de quase todos que almejavam viagens pelo exterior, Paris particularmente, Piva jamais teve interesse nisso. Como muitos de nós, odiava a cidade de São Paulo, mas não saía dela, ela ocupava fortemente sua poesia. É comum encontrar lugares com nome e localização clara nos versos do Piva.

Nesse sentido, acho que se assemelhava muito a Mário de Andrade, que também jamais deixou o país. O máximo que fez foi morar por pouco tempo no Rio. O Piva nem isso. De vez em quando ele vestia uma camiseta com o desenho de algum animal em extinção, ia até o Horto Florestal ou almoçava em algum restaurante a vinte quilômetros da cidade com algum livro sobre xamanismo embaixo do braço. Era sua maneira de “ir para o exterior”. Era uma figura de enorme charme pessoal, por isso parecia *homme du monde*, viajado, frequentador de todos os lugares. Não era nada disso. Era conservador até no cotidiano. No fim da sua vida íamos almoçar, por insistência dele, no restaurante O Marinheiro, na Radial Leste, que existe desde 1942. Piva colecionava o que restava da sua cidade. E era muito engraçado. Nos seus dias inspirados, era realmente uma companhia deliciosa. Tenho uma amiga italiana que me chama até hoje de Uguccione della Faggiuola, personagem de Dante, que era como Piva me chamava. Uma de suas características era, já que se considerava monárquico, atribuir títulos de nobreza aos amigos. Não sei o que era o Willer, mas devia ser da cúpula hierárquica. Eu era um mísero conde. Mas o Nando de Franceschi, esse era “O Príncipe”, para ele.

O que Ugo diz, a meu ver, vale como uma divertida e fiel síntese da personalidade impressionante de Piva; o que faço a seguir é apenas esboçar alguma aproximação de aspectos técnicos relevantes aplicados pela sua poesia. O primeiro deles é justamente o de que a publicação original dos seus livros apresenta três grandes ciclos ou agrupamentos: o primeiro, em torno da primeira metade dos anos 1960; outro, na virada de 1970 para 1980; e enfim um terceiro, iniciado na virada para os anos 1990, que continuou até sua morte, em 2010. Os intervalos

desses momentos privilegiados de publicação parecem bastante largos para caracterizar ciclos diferentes no empenho de comunicação com um público mais amplo. Isso não significa que exista alguma separação radical entre esses núcleos: os elementos mais relevantes de um período permanecem nos outros, havendo continuidade e coerência marcantes no conjunto. Trata-se apenas de anotar que o termo poético dominante em cada um desses núcleos apresenta diferenças significativas; por exemplo, no primeiro, predomina o verso longo; no segundo, um cruzamento de prosa e poesia, além de experimentos gráficos; no terceiro, correntes os versos curtos e regulares.

## A POESIA DOS ANOS 1960

Os dois livros fundamentais aqui são *Paranoia* e *Piazzas*, respectivamente de 1963 e 1964, ambos editados pelo extraordinário Massao Ohno, dono de um ouvido único para o que de melhor se produzia na poesia paulista da época, muito além do que se considerava academicamente a melhor poesia paulista da época.

Nessa primeira poesia de Piva, o que admira, antes de tudo, é o sistema de oposições proposto nos poemas. Não há meios-tons, o que lhe dá um caráter geral de manifesto, e que não raro se apresenta explicitamente nesse gênero, como ocorre em “Os que viram a carcaça”, de 1962. Assim, “crepúsculo” e “aurora”, “motocicleta” e “lambreta”, “maconha” e “licor”, “boxe” e “tênis”, entre outros alegadamente opostos, tornam-se verdadeiros partidos e escolhas a serem feitas com urgência, de modo a definir, de um lado, o poeta e seus amigos, e, do outro, tudo o que julgava detestável, como gabinetes de políticos, bombas de gás e radiopatrulhas, negociantes, patrões, operários, estudantes, advogados etc.

Para Piva, não há escolha senão escolher, se é que não se nasce escolhido: “D. H. Lawrence” ou “Valéry”, “Artaud” ou “Hegel”, “De Chirico” ou “Mondrian”, ou exemplarmente: “Sade” ou “Eliot”? E obviamente ele escolhe os primeiros termos dessas oposições, nos quais também se alinham “Barrabás” (não “Cristo”), “corpo” (não “mente”), “gambás” (não “cegonhas”). Aí estão também a “violência” contra a “lógica”, as “baterias” contra os “violões”, o “ânus” contra a “vagina”. Tudo nessa poesia se organiza como um “nós” contra “eles”,

ou melhor, contra “vós”, pois o que se delineia é um campo épico de batalha, de que não se safa o próprio leitor.

Tal esquematismo não deve de modo algum ser atenuado, ou sequer contextualmente justificado e explicado como um aspecto episódico de sua poesia. A escolha sem nuances não é acaso, nem circunstância: é condição dessa escrita que se pretende uma espécie de epepeia libertina. Trata-se de investir contra os interditos, medindo o valor de cada gesto pela régua da transgressão contra quem, como salientou Ugo Giorgetti, cabia o labéu de “burguês” — noção vaga, mais estética do que econômica ou política, embora contenha seguramente um gesto político, anárquico, de não conformidade com padrões normativos da sociedade capitalista. Para Piva, trata-se de esclarecer sem meias-tintas a situação básica de repressão que define o cerne da vida burguesa. O esquematismo, portanto, é programático e está a serviço da demonstração do cerco imposto a toda forma de vida insubmissa à banalidade admitida socialmente. Ele serve para alertar que, nessas condições, a poesia apenas se cultiva como fruto da violência, permanecendo válida a máxima de Blake, segundo a qual a prudência é uma solteirona rica e malcheirosa, a serviço da impotência e da negação da alegria.

Outro aspecto a ressaltar nessa primeira poesia de Piva é a centralidade do sexo nesses jogos de extremos. Como interdito privilegiado, a sua transgressão é também a via tumultuosa que conduz à vida dos sentidos. Em *Paranoia*, por exemplo, atendo-se ao cenário desequilibrado e perverso da cidade, a violência sensual concentra-se sobretudo em seu caráter baixo, com forte traço de *overidentification*, isto é, que visa a ostentar a degradação que a cidade produz, mas prefere esconder. Em *Piazzas* — curioso título, com plural



inventado, *mezzo* italiano, *mezzo* paulista —, a via profanatória incide nos excessos dos amantes, na fúria extática do conhecimento logrado pela exploração das suas entranhas. Nos dois casos, seja como ato profanatório degradado ou como excesso orgiástico, a poesia de Piva está imantada pelo vetor de transgressão, inevitável quando a vida se encontra represada pelos interditos e lugares-comuns.

Outro ponto a considerar aqui é que o leitor logo se vê empurrado para um lugar em que não dispõe de muitas estratégias de leitura. Entretanto, o acesso ao texto exige atenção, não abandono ao nonsense. O leitor se vê diante de uma experiência difícil de incompreensão, que, no entanto, nada tem de gratuita, pois está orientada para atingir outro inteligível, supostamente mais livre dos clichês que, fingindo tudo comunicar, apenas naturalizam interditos. Recusar-se ao sentido é parte integrante das estratégias dessa poesia, e não se trata de recusar uma significação banal para entregar-se a outra, na qual a ausência de sentido é apenas uma regra estética. A questão decisiva está em sustentar uma poesia análoga a uma experiência iniciática, na qual é preciso despojar-se da significação a fim de acumular energia para a percepção de sentidos novos, além dos determinados pelos hábitos. Ou seja, a “dificultação” da leitura não é elogio do sem sentido, mas via estruturante do sentido.

Nessa primeira poesia de Piva, também vale a pena referir o tratamento do verso, usualmente deixado de lado em favor de paráfrases de conteúdo. Tanto em *Paranoia* como em *Piazzas*, predomina o verso longo, mais acentuadamente no primeiro do que no segundo livro. De início, pode-se considerar, nas pegadas do próprio Piva, que o ditirambo dionisíaco é a sua matriz. Sem possuir estrofes regulares em números de versos, de pés, de métrica ou de rima, a organização do ditirambo assenta-se no emprego de ritmos exaltatórios

e declamativos, tradicionalmente dedicados à celebração da alegria de viver, que inclui os transportes da mesa, do corpo e do sexo. Embora genericamente correta, essa descrição não dá conta da dinâmica rítmica particular dos versos de Piva. Tome-se, por exemplo, um poema bem do início de sua carreira, como “Ode a Fernando Pessoa”. O primeiro verso, bem longo, pode parecer completamente sem medida: “O rádio toca Stravinski para homens surdos e eu recomponho na minha imaginação a tua vida triste passada em Lisboa”. No entanto, visto mais de perto, pode-se destacar nele uma divisão de seis membros, a saber: “O rádio toca Stravinski/ para homens surdos/ e eu recomponho/ na minha imaginação/ a tua vida triste/ passada em Lisboa”. Ou seja, o verso longo se recompõe facilmente como seis redondilhos, alternados entre maiores e menores. Mas não é apenas isso que se passa aí: é possível ainda reunir os membros do verso dois a dois, de modo que o conjunto passe a ser lido como composto de três versos de doze sílabas — alexandrinos, em sentido lato —, sendo que o último deles se arredonda num alexandrino perfeitamente equilibrado, com o acento principal na sexta sílaba.

Claro, não é sempre assim, nem estou a afirmar que a regularidade métrica presida esses versos, o que não é verdade. Pretendo apenas mostrar como há uma questão rítmica importante na poesia de Piva, a qual exige estudo mais técnico do que tem sido feito, não podendo ser entendida simplesmente como decorrência das propriedades exaltatórias mais ou menos óbvias. Por exemplo, um desdobramento dessa dinâmica que mostrei acima pode ser a disponibilidade notável da poesia de Piva para a leitura oral, que usualmente explora simetrias e oscilações rítmicas alternativas.

Ainda cabe considerar nessa poesia de Piva que ela leva a sério o poder da própria literatura. É literatura

embebida em literatura, que respira literatura. Um levantamento sem qualquer intuito de exaustividade encontra, em “Paranoia”, referências explícitas a Mário de Andrade, Dostoiévski, Lautréamont, Rilke, García Lorca, Machado, Rimbaud, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Dante, Whitman, Leopardi, Tolstói, Oscar Wilde, Gide, Kierkegaard, Artaud e muitos outros autores. Se passarmos a *Piazzas*, estão lá, além dos já citados, Maiakóvski, Nietzsche, Blake, Mary e Percy Shelley, Sade, Baudelaire, Isaac Asimov, Villon, Apollinaire, Michaux, Byron, Swift, Jarry etc. Um ex-orientando, Marcelo Veronese, fez um estudo aprofundado dessas relações intertextuais buscadas por Piva,<sup>3</sup> que, por vezes, dão a impressão de uma poesia composta de versos alheios tomados como ready-mades, na linhagem das vanguardas históricas ocidentais e do pop norte-americano. Nessa relação intertextual, predomina, ainda que sem hegemonia, a linhagem maldita do romantismo — aquela que justamente culmina em Rimbaud, para lembrar o que diz Giorgetti sobre a “adoração” de Piva. Esse protagonismo talvez ajude a esclarecer o sentido básico da via transgressiva buscada em sua poesia: o de uma crença na literatura como lugar onde respira uma potência resistente à institucionalização da vida. Tanto o interdito da significação como o ritmo exaltatório estão a serviço desse ato voluntarista de proclamação do poder da poesia, exercido como libação discursiva do sexo e de toda sorte de excessos.

## AGRADECIMENTOS

Este volume jamais teria a forma final a que chegou sem a colaboração de vários amigos que foram fundamentais em todo o percurso. De todos eles, é obrigatório mencionar: Joaci Pereira Furtado, pela indicação editorial e pelo trabalho encaminhado como editor da primeira recolha de toda a poesia de Roberto Piva; Gustavo Benini, pela parceria generosa, enquanto detentor dos direitos da obra; e Claudio Willer, companheiro de viagem de Piva e um de seus melhores exegetas, que colaborou com este volume desde as primeiras provas e que infelizmente não chegou a ver seu resultado final. Também é necessário agradecer a Davi Arrigucci Jr. e a Eliane Robert Moraes, queridos colegas cujos ensaios muito valorizam esta edição. Nesta lista essencial de agradecimentos, será preciso ainda acrescentar o nome de Érico Melo, que trabalhou na cronologia que acompanha este volume.

---

1. Arthur Rimbaud, *Uma temporada no inferno & Iluminações*. Trad. de Lêdo Ivo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

2. “Patrões e operários, todos são camponeses, ignóbeis.”

3. Marcelo Antonio Milaré Veronese, *A intertextualidade na primeira poesia de Roberto Piva*. Campinas: IEL-Unicamp, 2009. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária).

**UM  
ESTRANGEIRO  
NA LEGIÃO**

# **ODE A FERNANDO PESSOA**

## ODE A FERNANDO PESSOA

O rádio toca Stravinski para homens surdos e eu  
recomponho na minha imaginação  
a tua vida triste passada em Lisboa.  
Ó Mestre da plenitude da Vida cavalgada em Emoções,  
Eu e meus amigos te saudamos!  
Onde estarás sentindo agora?  
Eu te chamo do meio da multidão com minha voz  
arrebatada,  
A ti, que és também Caeiro, Reis, Tu-mesmo, mas é como  
Campos que vou  
saudar-te, e sei que não ficarás sentido por isso.  
Quero oferecer-te o palpitar dos meus dias e noites,  
A ti, que escutaste tudo quanto se passou no universo,  
Grande Aventureiro do Desconhecido, o canto que me  
ensinaste foi de libertação.  
Quando leio teus poemas, alastra-se pela minh'alma  
dentro um comichão de  
saudade da Grande Vida,  
Da Grande Vida batida de sol dos trópicos,  
Da Grande Vida de aventuras marítimas salpicada de  
crimes,  
Da grande vida dos piratas, Césares do Mar Antigo.  
Teus poemas são gritos alegres de Posse,  
Vibração nascida com o Mundo, diálogos contínuos com a  
Morte,  
Amor feito à força com toda Terra.

Sempre levo teus poemas na alma e todos os meus amigos fazem o mesmo.

Sei que não sofres fisicamente pelos que estão doentes de Saudade, mas de

    Madrugada, quando exaustos nos sentamos nas praças, Tu estás conosco, eu sei disso, e te respiramos na brisa.

Quero que venhas compartilhar conosco as orgias da meia-noite, queremos ser

    para ti mais do que para o resto do mundo.

Fernando Pessoa, Grande Mestre, em que direção aponta tua loucura esta noite?

Que paisagens são estas?

Quem são estes descabelados com gestos de bailarinos?

Vamos, o subúrbio da cidade espera nossa aventura,

As meninas já abandonaram o sono das famílias,

Adolescentes iletrados nos esperam nos parques.

Vamos com o vento nas folhagens, pelos planetas, cavalgando vaga-lumes cegos

    até o Infinito.

Nós, tenebrosos vagabundos de São Paulo, te ofertamos em turíbulo para uma

    bacanal em espuma e fúria.

Quero violar todas as superfícies e todos os homens da superfície,

Vamos viver para além da burguesia triste que domina meu país alegremente

    Antropófago.

Todos os desconhecidos se aproximam de nós.

Ah, vamos girar juntos pela cidade, não importa o que faças ou quem sejas, eu te

    abraço, vamos!

Alimentar o resto da vida com uma hora de loucura, mandar à merda todos os



deveres, chutar os padres quando passarmos por  
eles nas ruas, amar os  
pederastas pelo simples prazer de traí-los depois,  
Amar livremente mulheres, adolescentes, desobedecer  
integralmente uma ordem  
por cumprir, numa orgia insaciável e insaciada de todos  
os propósitos—

Sombra.

Em mim e em Ti todos os ritmos da alma humana, todos  
os risos, todos os olhares,

todos os passos, os crimes, as fugas,

Todos os êxtases sentidos de uma vez,

Todas as vidas vividas num minuto Completo e Eterno,

Eu e Tu, Toda a Vida!

Fernando, vamos ler Kierkegaard e Nietzsche no Jardim  
Trianon pela manhã,

enquanto as crianças brincam na gangorra ao lado.

Vamos percorrer as vielas do centro aos domingos  
quando toda a gente decente

dorme, e só adolescentes bêbados e putas  
encontram-se na noite.

Tu, todas as crianças vivazes e sonolentas,

Carícia obscena que o rapazito de olheiras fez ao  
companheiro de classe e o

professor não vê;

Tu, o Ampliado, latitude-longitude, Portugal África Brasil  
Angola Lisboa São

Paulo e o resto do mundo,

Abraçado com Sá-Carneiro pela Rua do Ouro acima, de  
mãos dadas com Mário

de Andrade no Largo do Arouche.

Tu, o rumor dos planaltos, tumulto do tráfego na hora do  
rush, repique dos

sinos de São Bento, hora tristonha do entardecer  
visto do Viaduto do Chá,

Digo em sussurro teus poemas ao ouvido do Brasil,  
adolescente moreno empinando  
papagaios na América.

Vamos ver a luz da Aurora chispando nas janelas dos  
edifícios, escorrendo pelas  
águas do Amazonas, batendo em chapa na caatinga  
nordestina, debruçando  
no Corcovado,

Ouçamos a bossa nova deitados na palma da mão do  
Cristo e a batucada vinda  
diretamente do coração do morro.

Tu, a selvagem inocência nos beijos dos que se amam,  
Tu, o desengajado, o repentino, o livre.

Agora, vem comigo ao Bar, e beberemos de tudo nunca  
passando pelo caixa,

Vamos ao Brás beber vinho e comer pizza no Lucas, para  
depois vomitarmos  
tudo de cima da ponte,

Vem comigo, eu te mostrarei tudo: o Largo do Arouche à  
tarde, o Jardim da Luz  
pela manhã, veremos os bondes gingando nos trilhos  
da Avenida,

assaltaremos o Fasano, iremos ver “as luzes do Cambuci  
pelas noites de crime”,  
onde está a menina-moça violada por nós num dia  
de Chuva e Tédio,

Não te levarei ao Paissandu para não acordarmos o sexo  
do Mário de Andrade  
(ai de nós se ele desperta!),

Mas vamos respirar a Noite do alto da Serra do Mar:  
quero ver as estrelas refletidas  
em teus olhos.

Sobre as crianças que dormem, tuas palavras dormem;  
eu deles me aproximo e  
dou-lhes um beijo familiar na face direita.

Teu canto para mim foi música de redenção,

Para tudo e todos a recíproca atração de Alma e Corpo.  
Doce intermediário entre nós e a minha maneira  
predileta de pecar.  
Descartes tomando banho-maria, penso, logo minto, na  
cidade futura, industrial  
e inútil.  
Mundo, fruto amadurecido em meus braços arqueados de  
te embalar,  
Resumirei para Ti a minha história:  
Venho aos trambolhões pelos séculos,  
Encarno todos os fora da lei e todos os desajustados,  
Não existe um gângster juvenil preso por roubo e  
nenhum louco sexual que eu  
não acompanhe para ser julgado e condenado;  
Desconheço exame de consciência, nunca tive remorsos,  
sou como um lobo  
dissonante nas lonjuras de Deus.  
Os que me amam dançam nas sepulturas.  
Da vidraça aberta olho as estrelas disseminadas no céu;  
onde estás, Mestre Fernando?  
Foste levar a desobediência aos aplicados meninos do  
Jardim América?  
Dás um lírio para quem fugir de casa?  
Grande indisciplinador, é verdade?

Vamos ao norte amar as coisas divinamente rudes.  
Vamos lá, Fernando, dançar maxixe na Bahia e beber  
cerveja até cair com um  
baque surdo no centro da Cidade Baixa.  
Sabes que há mais vida num beco da Bahia ou num  
morro carioca do que em  
toda São Paulo?  
São Paulo, cidade minha, até quando serás o convento  
do Brasil?  
Até teus comunistas são mais puritanos do que padres.

Pardos burocratas de São Paulo, vamos fugir para as  
praias?

Ó cidade das sempiternas mesmices, quando te racharás  
ao meio?

Quero cuspir no olho do teu Governador e queimar os  
troncos medrosos da floresta  
humana.

Ó Faculdade de Direito, antro de cavalgadas  
eloquentes da masturbação transferida!

Ó mocidade sufocada nas Igrejas, vamos ao ar puro das  
manhãs de setembro!

Ó maior parque industrial do Brasil, quando limperei  
minha bunda em ti?

Fornalha do meu Tédio transbordando até o Espasmo.

Horda de bugres galopando a minha raiva!

Sei que não há horizontes para a minha inquietação sem  
nexo,

Não me limitem, mercadores!

Quero estar livre no meio do Dilúvio!

Quero beber todos os delírios e todas as loucuras, mais  
profundamente que  
qualquer Deus!

Põe-te daqui para fora, policiamento familiar da alma dos  
fortes: eu quero ser  
como um raio para vós!

Violência sincopada de todos os *boxeurs*!

Brasileira do Chiado em dias de porre de absinto.

Arcabouço de todas as náuseas da vida levada em  
carícias de Infinito.

Tudo dói na tua alma, Nando, tudo te penetra, e eu sinto  
contigo o íntimo tédio  
de tudo.

Realizarei todos os teus poemas, imaginando como eu  
seria feliz se pudesse estar  
contigo e ser tuã Sombra.

# **PARANOIA**

Agradecimentos a Massao Ohno

*O Piva define o momento. Um poeta com rosto de menino atravessa a cidade rompendo sozinho um hímen gigantesco. Poesia de sangue, que gera uma flor no sexo da adolescência. Visão de Piva, antropófago, São Paulo na boca, madrugada no dente, poesia no estômago. Um poeta com cara de menino atravessa a cidade. Puxando a juventude.*

THOMAZ SOUTO CORRÊA, SÃO PAULO, 1963

## **VISÃO 1961**

as mentes ficaram sonhando penduradas nos esqueletos  
de fósforo  
    invocando as coxas do primeiro amor brilhando como  
    uma  
    flor de saliva  
o frio dos lábios verdes deixou uma marca azul-clara  
debaixo do pálido  
    maxilar ainda desesperadamente fechado sobre o  
    seu mágico vazio  
marchas nômades através da vida noturna fazendo  
desaparecer o perfume  
    das velas e dos violinos que brota dos túmulos sob as  
    nuvens de  
    chuva  
fagulha de lua partida precipitava nos becos frenéticos  
onde  
    cafetinas magras ajoelhadas no tapete tocando o  
    trombone de vidro  
    da Loucura repartiam lascas de hóstias invisíveis  
a náusea circulava nas galerias entre borboletas  
adiposas  
    e lábios de menina febril colados na vitrina onde  
    almas coloridas  
    tinham 10% de desconto enquanto costureiros  
    arrancavam os ovários  
    dos manequins



minhas alucinações pendiam fora da alma protegidas por  
caixas de matéria  
plástica eriçando o pelo através das ruas iluminadas  
e nos arrabaldes  
de lábios apodrecidos  
na solidão de um comboio de maconha Mário de Andrade  
surge como um  
Lótus colando sua boca no meu ouvido fitando as  
estrelas e o céu  
que renascem nas caminhadas  
noite profunda de cinemas iluminados e lâmpada azul da  
alma desarticulando

aos trambolhões pelas esquinas onde conheci os  
estranhos  
visionários da Beleza  
já é quinta-feira na avenida Rio Branco onde um enxame  
de Harpias  
vacilava com cabelos presos nos luminosos e minha  
imaginação  
gritava no perpétuo impulso dos corpos encerrados  
pela  
Noite  
os banqueiros mandam aos comissários lindas caixas  
azuis de excrementos  
secos enquanto um milhão de anjos em cólera  
gritam nas assembleias  
de cinza OH cidade de lábios tristes e trêmulos onde  
encontrar asilo na tua face?  
no espaço de uma Tarde os moluscos engoliram suas  
mãos  
em sua vida de Camomila nas vielas onde meninos  
dão o cu  
e jogam malha e os papagaios morrem de Tédio nas  
cozinhas engorduradas  
a Bolsa de Valores e os Fonógrafos pintaram seus lábios  
com urtigas  
sob o chapéu de prata do ditador Tacanho e o ferro e  
a borracha verteram monstros inconcebíveis  
ao sudoeste do teu sonho uma dúzia de anjos de pijama  
urinam com

transporte e em silêncio nos telefones nas portas nos  
capachos das Catedrais sem Deus

imensos telegramas moribundos trocam entre si abraços  
e condolências  
    pendurando nos cabides de vento das maternidades  
    um batalhão  
    de novos idiotas  
os professores são máquinas de fezes conquistadas pelo  
Tempo invocando  
    em jejum de Vida as trombetas de fogo do Apocalipse  
afã irrisório de ossadas inchadas pela chuva e bomba H  
    árvore  
    branca coberta de anjos e loucos adiando seus frutos  
    até o século futuro  
meus êxtases não admitindo mais o calor das mãos e o  
brilho  
    platônico dos postes da rua Aurora comichando nas  
    omoplatas  
    irreais do meu Delírio  
arte culinária ensinada nos apopléticos vagões da  
Seriedade por  
    quinze mil perdidas almas sem rosto destrinchando  
    barrigas  
    adolescentes numa Apoteose de intestinos  
porres acabando lentamente nas alamedas de mendigos  
perdidos esperando  
    a sangria diurna de olhos fundos e neblina enrolada  
    na voz  
    exaurida na distância

cus de granito destruídos com estardalhaço nos  
subúrbios demoníacos pelo  
cometa sem fé meditando beatamente nos púlpitos  
agonizantes  
minhas tristezas quilometradas pela sensível persiana  
semiaberta da  
Pureza Estagnada e gargarejo de amêndoas  
emocionante nas palavras  
cruzadas no olhar  
as névoas enganadoras das maravilhas consumidas  
sobre o arco-íris  
de Orfeu amortalhado despejavam um milhão de  
crianças atrás das  
portas sofrendo  
nos espelhos meninas desarticuladas pelos mitos recém-  
nascidos vagabundeavam  
acompanhadas pelas pombas a serem fuziladas pelo  
veneno  
da noite no coração seco do amor solar  
meu pequeno Dostoiévski no último corrimão do ciclone  
de almofadas  
furadas derrama sua cabeça e sua barba como um  
enxoval noturno  
estende até o Mar  
no exílio onde padeço angústia os muros invadem minha  
memória  
atirada no Abismo e meus olhos meus manuscritos  
meus amores

pulam no Caos

## POEMA SUBMERSO

Eu era um pouco da tua voz violenta, Maldoror  
quando os cílios do anjo verde enrugavam as  
chaminés da rua onde eu caminhava  
E via tuas meninas destruídas como rãs por  
uma centena de pássaros fortemente de passagem  
Ninguém chorava no teu reino, Maldoror, onde o  
infinito pousava na palma da minha mão vazia  
E meninos-prodígios eram seviciados pela Alma  
ausente do Criador  
Havia um revólver imparcialíssimo vigiado pelas  
Amebas no telhado roído pela urina de tuas  
borboletas  
Um jardim azul sempre grande deitava nódoas nos  
meus olhos injetados  
Eu caminhava pelas aleias olhando com alucinada  
ternura  
as meninas na grande farra dos canteiros de  
insetos baratinados  
Teu canto insatisfeito semeava o antigo clamor dos  
piratas trucidados  
Enquanto o mundo de formas enigmáticas se desnudava  
para mim, em leves mazurcas

## PARANOIA EM ASTRAKHAN

Eu vi uma linda cidade cujo nome esqueci  
onde anjos surdos percorrem as madrugadas  
tingindo seus olhos com  
lágrimas invulneráveis  
onde crianças católicas oferecem limões para  
pequenos paquidermes  
que saem escondidos das tocas  
onde adolescentes maravilhosos fecham seus  
cérebros para os telhados  
estéreis e incendiam internatos  
onde manifestos niilistas distribuindo pensamentos  
furiosos puxam  
a descarga sobre o mundo  
onde um anjo de fogo ilumina os cemitérios em  
festa e a noite caminha  
no seu hálito  
onde o sono de verão me tomou por louco e  
decapitei o Outono de sua  
última janela  
onde o nosso desprezo fez nascer uma lua  
inesperada no horizonte  
branco  
onde um espaço de mãos vermelhas ilumina aquela  
fotografia de peixe  
escurecendo a página  
onde borboletas de zinco devoram as góticas  
hemorroidas



das beatas  
onde as cartas reclamam drinks de emergência para  
lindos tornozelos  
arranhados  
onde os mortos se fixam na noite e uivam por um  
punhado de fracassos  
penas  
onde a cabeça é uma bola digerindo os aquários  
desordenados da  
imaginação

## **VISÃO DE SÃO PAULO À NOITE POEMA ANTROPÓFAGO SOB NARCÓTICO**

Na esquina da rua São Luís uma procissão de mil pessoas  
acende velas no meu crânio  
há místicos falando bobagens ao coração das viúvas  
e um silêncio de estrela partindo em vagão de luxo  
fogo azul de gim e tapete colorindo a noite, amantes  
chupando-se como raízes  
Maldoror em taças de maré alta  
na rua São Luís o meu coração mastiga um trecho da  
minha vida  
a cidade com chaminés crescendo, anjos engraxates com  
sua gíria  
feroz na plena alegria das praças, meninas  
esfarrapadas  
definitivamente fantásticas  
há uma floresta de cobras verdes nos olhos do meu  
amigo  
a lua não se apoia em nada  
eu não me apoio em nada  
sou ponte de granito sobre rodas de garagens  
subalternas  
teorias simples fervem minha mente enlouquecida  
há bancos verdes aplicados no corpo das praças  
há um sino que não toca  
há anjos de Rilke dando o cu nos mictórios  
reino-vertigem glorificado  
espectros vibrando espasmos

beijos ecoando numa abóbada de reflexos  
torneiras tossindo, locomotivas uivando, adolescentes  
roucos

enlouquecidos na primeira infância  
os malandros jogam ioiô na porta do Abismo  
eu vejo Brama sentado em flor de lótus  
Cristo roubando a caixa dos milagres

Chet Baker ganindo na vitrola  
eu sinto o choque de todos os fios saindo pelas portas  
partidas do meu cérebro

eu vejo putos putas patacos torres chumbo chapas  
chopes

vitruinas homens mulheres pederastas e crianças  
cruzam-se e

abrem-se em mim como lua gás rua árvores lua  
medrosos repuxos

colisão na ponte cego dormindo na vitrina do horror  
disparo-me como uma tómbola  
a cabeça afundando-me na garganta  
chove sobre mim a minha vida inteira, sufoco ardo  
flutuo-me

nas tripas, meu amor, eu carrego teu grito como um  
tesouro afundado

quisera derramar sobre ti todo meu epiciclo de  
centopeias libertas

ânsia fúria de janelas olhos bocas abertas, torvelins de  
vergonha,

correrias de maconha em piqueniques flutuantes

vespas passeando em volta das minhas ânsias  
meninos abandonados nus nas esquinas  
angélicos vagabundos gritando entre as lojas e os  
templos  
entre a solidão e o sangue, entre as colisões, o  
parto  
e o Estrondo

## A PIEDADE

Eu urrava nos poliedros da Justiça meu momento abatido  
na extrema  
paliçada  
os professores falavam da vontade de dominar e da luta  
pela vida  
as senhoras católicas são piedosas  
os comunistas são piedosos  
os comerciantes são piedosos  
só eu não sou piedoso  
se eu fosse piedoso meu sexo seria dócil e só se ergueria  
aos  
sábados à noite  
eu seria um bom filho meus colegas me chamariam cu  
de ferro e me  
fariam perguntas por que navio boia? Por que prego  
afunda?  
eu deixaria proliferar uma úlcera e admiraria as estátuas  
de  
fortes dentaduras  
iria a bailes onde eu não poderia levar meus amigos  
pederastas ou  
barbudos  
eu me universalizaria no senso comum e eles diriam que  
tenho  
todas as virtudes  
eu não sou piedoso  
eu nunca poderei ser piedoso

meus olhos retinem e tingem-se de verde

Os arranha-céus de carniça se decompõem nos  
pavimentos

Os adolescentes nas escolas bufam como cadelas  
asfixiadas

arcânjos de enxofre bombardeiam o horizonte através  
dos meus sonhos

## PRAÇA DA REPÚBLICA DOS MEUS SONHOS

A estátua de Álvares de Azevedo é devorada com  
paciência pela paisagem  
de morfina

a praça leva pontes aplicadas no centro de seu corpo e  
crianças brincando  
na tarde de esterco

Praça da República dos meus sonhos  
onde tudo se faz febre e pombas crucificadas  
onde beatificados vêm agitar as massas  
onde García Lorca espera seu dentista  
onde conquistamos a imensa desolação dos dias  
mais doces

os meninos tiveram seus testículos espetados pela  
multidão

lábios coagulam sem estardalhaço

os mictórios tomam um lugar na luz

e os coqueiros se fixam onde o vento desarruma os  
cabelos

*Delirium tremens* diante do Paraíso bundas glabras sexos  
de papel

anjos deitados nos canteiros cobertos de cal água  
fumegante nas

privadas cérebros sulcados de acenos

os veterinários passam lentos lendo *Dom Casmurro*

há jovens pederastas embebidos em lilás

e putas com a noite passeando em torno de suas unhas

há uma gota de chuva na cabeleira abandonada

enquanto o sangue faz naufragar as corolas  
Oh minhas visões lembranças de Rimbaud praça da  
República dos meus  
    Sonhos última sabedoria debruçada numa porta  
    santa



## POEMA DE NINAR PARA MIM E BRUEGEL

*Ninguém ampara  
o cavaleiro do mundo delirante*

MURILO MENDES

Eu te ouço rugir para os documentos e as multidões  
denunciando tua agonia às enfermeiras  
desarticuladas  
A noite vibrava o rosto sobrenatural nos telhados  
manchados  
Tua boca engolia o azul  
Teu equilíbrio se desprendia nas vozes das alucinantes  
madrugadas  
Nas boates onde comias picles e lias Santo Anselmo  
nas desertas ferrovias  
nas fotografias inacessíveis  
nos topos umedecidos dos edifícios  
nas bebedeiras de xerez sobre os túmulos  
As leguminosas lamentavam-se chocando-se contra o  
vento  
drogas davam movimento demais aos olhos  
Saltimbancos de Picasso conhecendo-se numa viela  
maldita  
e os ruídos agachavam-se nos meus olhos turbulentos  
resta dizer uma palavra sobre os roubos  
enquanto os cardeais nos saturam de conselhos bem-  
aventurados

e a Virgem lava sua bunda imaculada na pia batismal

Rangem os dentes da memória  
segredos públicos pulverizam-se em algum ponto da  
América  
peixes entravados se sentam contra a noite  
O parque Shanghai é conquistado pela lua  
adolescentes beijam-se no trem fantasma  
sargentos se arredondam no palácio dos espelhos  
Eu percorro todas as barracas  
    atropelando anjos da morte chupando sorvete  
os fios telegráficos simplificam as enchentes e as secas  
os telefones anunciam a dissolução de todas as coisas  
a paisagem racha-se de encontro com as almas  
o vento sul sopra contra a solidão das janelas e as  
    gaiolas de carne crua  
Eu abro os braços para as cinzentas alamedas de São  
Paulo  
e como um escravo vou medindo a vacilante música das  
flâmulas

## BOLETIM DO MUNDO MÁGICO

Meus pés sonham suspensos no Abismo  
minhas cicatrizes se rasgam na pança cristalina  
eu não tenho senão dois olhos vidrados e sou um órfão  
havia um fluxo de flores doentes nos subúrbios  
eu queria plantar um taco de *snooker* numa estrela fixa  
na porta do bar eu estou confuso como sempre mas as  
galerias do

meu crânio não odeiam mais a batucada dos ossos  
colégios e carros fúnebres estão desertos  
pelas calçadas crescem longos delírios  
punhados de esqueletos são atirados no lixo  
eu penso nos escorpiões de ouro e estou contente  
os luminosos cantam nos telhados  
eu posso abrir os olhos para a lua aproveitar o medo das  
nuvens

mas o céu roxo é uma visão suprema  
minha face empalidece com o álcool  
eu sou uma solidão nua amarrada a um poste  
fios telefônicos cruzam-se no meu esôfago  
nos pavimentos isolados meus amigos constroem um  
manequim fugitivo

meus olhos cegam minha mente racha-se de encontro a  
uma calota

minha alma desconjuntada passa rodando

## O VOLUME DO GRITO

Eu sonhei que era um Serafim e as putas de São Paulo  
avançavam na  
densidade exasperante  
estátuas com conjuntivite olham-me fraternalmente  
defuntos acesos tagarelam mansamente ao pé de um  
cartão de visitas  
bacharéis praticam sexo com liquidificadores como os  
pederastas cuja  
santidade confunde os zombeteiros  
terraços ornados com samambaias e suicídios onde  
também as confissões  
mágicas podem causar paixões de tal gênero  
relógios podres turbinas invisíveis burocracias de cinza  
cérebros blindados alambiques cegos viadutos  
demoníacos  
capitais fora do Tempo e do Espaço e uma  
Sociedade Anônima  
regendo a ilusão da perfeita Bondade  
os gramofones dançam no cais  
o Espírito Puro vomita um aplauso antiaéreo  
O Homem Aritmético conta em voz alta os minutos que  
nos faltam  
contemplando a bomba atômica como se fosse seu  
espelho  
encontro com Lorca num hospital da Lapa  
a Virgem assassinada num bordel

estaleiros com coqueluche espetando *banderillas* no meu  
Tabu  
eu bebia chá com pervitin para que todos apertassem  
minha mão  
elétrica  
as nuvens coçavam os bigodes enquanto masturbavas  
colérico sobre o  
cadáver ainda quente de tua filha menor  
a lua tem violentas hemoptises no céu de nitrato  
Deus suicidou-se com uma navalha espanhola  
os braços caem  
os olhos caem  
os sexos caem  
Jubileu da morte  
ó rosas ó arcanjos ó loucura apoderando-se do luto azul  
suspenso na minha  
VOZ

## JORGE DE LIMA, PANFLETÁRIO DO CAOS

Foi no dia 31 de dezembro de 1961 que te compreendi  
Jorge de Lima  
enquanto eu caminhava pelas praças agitadas pela  
melancolia presente  
na minha memória devorada pelo azul  
eu soube decifrar os teus jogos noturnos  
indisfarçável entre as flores  
uníssonos em tua cabeça de prata e plantas ampliadas  
como teus olhos crescem na paisagem Jorge de Lima e  
como tua boca  
palpita nos bulevares oxidados pela névoa  
uma constelação de cinza esboroa-se na contemplação  
inconsútil  
de tua túnica  
e um milhão de vaga-lumes trazendo estranhas  
tatuagens no ventre  
se despedaçam contra os ninhos da Eternidade  
é neste momento de fermento e agonia que te invoco  
grande alucinado  
querido e estranho professor do Caos sabendo que  
teu nome deve  
estar como um talismã nos lábios de todos os  
meninos

## STENAMINA BOAT

*Prepara tu esqueleto para el aire*

GARCÍA LORCA

Eu queria ser um anjo de Piero della Francesca  
Beatriz esfaqueada num beco escuro  
Dante tocando piano ao crepúsculo  
eu penso na vida sou reclamado pela contemplação  
olho desconsolado o contorno das coisas copulando no  
caos  
Eu reclamo uma lenda instantânea para o meu Mar Morto  
Tempo e Espaço pousam no meu antebraço como um  
ídolo  
há um osso carregando uma dentadura  
Eu vejo Lautréamont num sonho nas escadas de Santa  
Cecília  
ele me espera no largo do Arouche no ombro de um  
santuário  
hoje pela manhã as árvores estavam em Coma  
meu amor cuspiu brasas nas bundas dos loucos  
havia tinteiros medalhas esqueletos vidrados flocos  
dálías  
explodindo no cu ensanguentado dos órfãos  
meninos visionários arcanjos de subúrbio entranhas em  
êxtase alfinetados  
nos mictórios atômicos  
minha loucura atinge a extensão de uma alameda



as árvores lançam panfletos contra o céu cinza

## POEMA LACRADO

meu abraço pluri-ssexual na sua  
imagem niquelada  
onde o grito  
desliza suavemente nos seios fixos  
a  
diminuta peça teatral estreando para os alucinados  
e as  
crianças instalavam transatlânticos nas bacias  
de água morna  
Tarde de estopa carcomida  
e pêssego com marshmallow no Lanches  
Pancho  
meu pequeno estúdio invadido por meus amigos  
bêbados  
Miles Davis a 150 quilômetros por hora  
caçando minhas visões como um  
demônio  
uma avenida sem nome e uma esferográfica  
Parker  
nos meus manuscritos  
e os anjos catando micróbios psicomânticos  
dentro dos Táxis  
minhas alucinações arrepiando os cabelos do  
sexo de Whitman  
ó janela insone que a chuva  
abre desesperada!

ó delírio das negras à saída das  
prisões!

os drinks desfilam diante dos amigos  
embriagados no tapete  
Saratoga Springs  
Kummel Coquetel  
minhas almas estão sendo enforcadas  
com intestinos de esqualos  
meus livros flutuam horrivelmente  
no parapeito meu melhor amigo  
brinca de profeta  
no meu cérebro oito mil vaga-lumes  
balbuciam e morrem

## L'OVALLE DELLE APPARIZIONI

*... e quindi il vivere è di sua  
propria natura uno stato violento.*

LEOPARDI

Eu queria ver as caras dos estranhos embaixadores da  
Bondade quando me  
vissem passar entre as rosas de lama fermentando  
nas ruelas onde  
a Morte é tal qual uma porrada  
tilintam campainhas nas asas dos anjos que vão passar  
tanto as cidades que percorrem como as cidades que  
abandonam estão vazias  
som morte tempo ossos verdes vontade energia e as  
habituais velhas  
loucas distribuindo bombons aos meninos pobres  
o apito disentérico das fábricas expulsando escravos  
bailarinos trazendo a maresia nojenta dos fiordes  
endoidecendo atrás  
dos tapumes indevassáveis  
grossas fatias de penumbra nos olhos vencidos pelo  
álcool  
eixos titânicos montados na mente onde a  
heterossexualidade quer nos  
comer vivos  
partos desenfreados extraíndo larvas angulosas  
e as crianças fazendo haraquiri ao som de Lohengrin

sobre os pavimentos desolados o firmamento está  
distante como nunca  
nós provamos a esperança desesperada que acompanha  
cada gosto ritual  
enquanto nossas tripas agonizam nos indefesos caules  
das hortênsias

## RUA DAS PALMEIRAS

Minha visão com os cabelos presos nos rumores de uma  
rua o sol fazendo  
floreecer as persianas por detrás do futuro  
meu impulso de conquistar a Terra violentamente  
descendo uma rua  
gasta  
minha vertigem entornando a alma violentamente por  
uma rua estranha  
os insetos as nuvens costuram o espaço avermelhado de  
um céu sem dentes  
as copeiras se estabelecem nas sacadas para gritar  
o sangue fermenta debaixo das tábuas  
meninas saem de mãos dadas sem que a Tarde deixe  
marca nas [unhas  
onde está tua alma sempre que o velho Anjo conquista  
as árvores  
com seu sêmen?  
os aviões desencadeiam uma saudade metálica do outro  
lado do mundo  
colunas de vômito vacilam pelos olhos dos loucos  
corpos de bebês mortos apontam na direção de uma  
praça vazia  
o tapume os vultos meu delírio prestes a serem  
obliterados pelo  
crepúsculo  
almas inoxidáveis flutuando sobre a estação das  
angústias suarentas

as palavras cobrem com carícias negras os fios  
telefônicos  
no ar no vento nas poças as bocas apodrecem enquanto  
a noite  
soluça no alto de uma ponte



## **OS ANJOS DE SODOMA**

Eu vi os anjos de Sodoma escalando  
um monte até o céu  
E suas asas destruídas pelo fogo  
abanavam o ar da tarde  
Eu vi os anjos de Sodoma semeando  
prodígios para a criação não  
perder seu ritmo de harpas  
Eu vi os anjos de Sodoma lambendo  
as feridas dos que morreram sem  
alarde, dos suplicantes, dos suicidas  
e dos jovens mortos  
Eu vi os anjos de Sodoma crescendo  
com o fogo e de suas bocas saltavam  
medusas cegas  
Eu vi os anjos de Sodoma desgrenhados e  
violentos aniquilando os mercadores,  
roubando o sono das virgens,  
criando palavras turbulentas  
Eu vi os anjos de Sodoma inventando  
a loucura e o arrependimento de Deus

## PAISAGEM EM 78 RPM

A criança abaixa as sobrancelhas  
e o sorvete  
sobre a cabeça de lata de Camões  
esquecida atentamente nos estofos normais de um  
Packard

Eu sou naquela tarde um ritmo  
sabendo de antemão um coração ferido  
Sem ser necessariamente elogiado pelos plátanos  
ou saltar das fronteiras  
de São Paulo para abraçar  
as redondilhas da vida pastoral  
Os filantropos entraram com o pé direito  
na Casa da Aventura Lansquené  
e os pardais urravam nos ninhos  
feitos com cabelos de Trótski  
as latas de compota riam com as línguas  
de fora  
o Sol se punha nos meus planos

e

a

nossa  
amante ruiva bota no pescoço um  
lenço verde de Tolstói  
No alto  
do Viaduto o louco colava pedacinhos de céu  
na camisa de  
força

destruindo o horizonte a marteladas  
a Morte

é

um

REFRÃO NO CRÂNIO SEM JANELAS

## NO PARQUE IBIRAPUERA

Nos gramados regulares do Parque Ibirapuera  
Um anjo da Solidão pousa indeciso sobre meus ombros  
A noite traz a lua cheia e teus poemas, Mário de  
Andrade, regam minha  
    imaginação  
Para além do parque teu retrato em meu quarto sorri  
    para a banalidade dos móveis  
Teus versos rebentam na noite como um potente  
    batuque  
    fermentado na rua Lopes Chaves  
Por detrás de cada pedra  
Por detrás de cada homem  
Por detrás de cada sombra  
O vento traz-me o teu rosto  
Que novo pensamento, que sonho sai de tua fronte  
    noturna?  
É noite. E tudo é noite.  
É noite nos para-lamas dos carros  
É noite nas pedras  
É noite nos teus poemas, Mário!  
Onde anda agora a tua voz?  
Onde exercitas os músculos da tua alma, agora?  
Aviões iluminados dividem a noite em dois pedaços  
Eu apalpo teu livro onde as estrelas se refletem  
    como numa lagoa

É impossível que não haja nenhum poema teu  
    escondido e adormecido no fundo deste parque  
Olho para os adolescentes que enchem o gramado  
    de bicicletas e risos  
Eu te imagino perguntando a eles:  
    onde fica o pavilhão da Bahia?  
    qual é o preço do amendoim?  
    é você meu girassol?  
A noite é interminável e os barcos de aluguel  
    fundem-se no olhar tranquilo dos peixes  
Agora, Mário, enquanto os anjos adormecem devo  
    seguir contigo de mãos dadas noite adiante  
Não só o desespero estrangula nossa impaciência  
Também nossos passos embebem as noites de calafrios  
Não pares nunca meu querido capitão-loucura  
Quero que a Pauliceia voe por cima das árvores  
    suspensa em teu ritmo

## POEMA PORRADA

Eu estou farto de muita coisa  
não me transformarei em subúrbio  
não serei uma válvula sonora  
não serei paz  
eu quero a destruição de tudo que é frágil:  
    cristãos fábricas palácios  
    juízes patrões e operários  
uma noite destruída cobre os dois sexos  
minha alma sapateia feito louca  
um tiro de máuser atravessa o tímpano de  
    duas centopeias  
o universo é cuspidor pelo cu sangrento  
    de um Deus-Cadela  
as vísceras se comovem  
eu preciso dissipar o encanto do meu velho  
    esqueleto  
eu preciso esquecer que existo  
mariposas perfuram o céu de cimento  
eu me entrincheiro no Arco-Íris  
Ah voltar de novo à janela  
    perder o olhar nos telhados como  
    se fossem o Universo  
o girassol de Oscar Wilde entardece sobre os tetos  
eu preciso partir um dia para muito longe  
o mundo exterior tem pressa demais para mim  
São Paulo e a Rússia não podem parar

quando eu ia ao colégio Deus tapava os ouvidos para  
mim?  
a Morte olha-me da parede pelos olhos apodrecidos  
de Modigliani  
eu gostaria de incendiar os pentelhos de Modigliani  
minha alma louca aponta para a Lua  
vi os professores e seus cálculos discretos ocupando  
o mundo do espírito  
vi criancinhas vomitando nos radiadores  
vi canetas dementes hortas tampas de privada  
abro os olhos as nuvens tornam-se mais duras  
trago o mundo na orelha como um brinco imenso  
a loucura é um espelho na manhã de pássaros sem  
Fôlego

## POEMA DA ETERNIDADE SEM VÍSCERAS

Na última lua eu odiava as montanhas  
minha memória quebrada não pode receber  
o amor  
eu tomava sopa aguardando meus amigos desordeiros  
no outro lado da noite  
este é o meu estranho emprego este mês  
outro tempo quando o velho Gide se despachava para a  
África  
meu coração era sólido eu dançava  
eu assistia uma guerra de chapéus e as brancas  
lacerações dos garotos no Ibirapuera angélico  
terreno vazio onde eu mastigava tabletes de  
chocolate branco  
no próximo instante eu vi árvores e aeroplanos com  
bigodes  
e lágrimas de Ouro  
no Ibirapuera esta noite eu perdi minha solidão  
ROBERTO PIVA TRANSFERIDO PARA REPARO DE VÍSCERAS  
todos os meus sonhos são reais oh milagres epifanias  
do crânio e do amor sem salvação que eu sabia  
presos  
no topo da minha alma  
meu esqueleto brilhava na escuridão  
repleto de drogas  
eu nunca estou satisfeito e ando um incorrigível demônio  
lunático com os dez dedos roídos tamborilando num  
campo



magnético  
memória do arsênico que eu dei a uma pomba  
os olhos cinzentos do céu meu oculto Totem espiritual

## METEORO

Eu direi as palavras mais terríveis esta noite  
enquanto os ponteiros se dissolvem  
contra o meu poder  
contra o meu amor  
no sobressalto da minha mente  
meus olhos dançam  
no alto da Lapa os mosquitos me sufocam  
que me importa saber se as mulheres são  
férteis se Deus caiu no mar se  
Kierkegaard pede socorro numa montanha  
da Dinamarca?  
os telefones gritam  
isoladas criaturas caem no nada  
os órgãos de carne falam morte  
morte doce carnaval de rua do  
fim do mundo  
eu não quero elegias mas sim os lírios  
de ferro dos recintos  
há uma epopeia nas roupas penduradas contra  
o céu cinza  
e os luminosos me fitam do espaço alucinado  
quantos lindos garotos eu não vi sob esta luz?

eu urrava meio louco meio estarrado meio fendido  
narcóticos santos ó gato azul da minha mente!  
eu não posso deter nunca mais meus Delírios  
Oh Antonin Artaud  
Oh García Lorca  
    com seus olhos de aborto reduzidos  
    a retratos

        almas  
            almas  
                como icebergs  
                como velas  
                como manequins mecânicos  
e o clímax fraudulento dos sanduíches almoços  
                sorvetes controles ansiedades  
eu preciso cortar os cabelos da minha alma  
eu preciso tomar colheradas de  
                Morte Absoluta  
eu não enxergo mais nada  
meu crânio diz que estou embriagado  
suplícios genuflexões neuroses  
    psicanalistas espetando meu pobre  
    esqueleto em férias

eu apertava uma árvore contra meu peito  
como se fosse um anjo  
meus amores começam a crescer  
passam cadillacs sem sangue os helicópteros  
mugem  
minha alma minha canção bolsos abertos  
da minha mente  
eu sou uma alucinação na ponta de teus olhos

# PIAZZAS

## INTRODUÇÃO

Uma tarde em que eu ouvia Palestrina por toda uma vida sem obstáculo, sem a floresta do afogamento, meu companheiro surgiu no balaústre de meu quarto seus cabelos ondulando com a curvatura da Terra & me disse com sua desgraça de Anjo: o estado originário da imaginação se reencontra na primeira figura da natureza & isto é na aspereza cobiçosa que guia a sua figura através do mundo obscuro & até ao fogo — O intervalo tirou o seu fio decapitado entre nós & o sopro da Substância de Joelhos se perdeu de vista — O pequeno coração me reteve em flor: Escuta eu sou o Tríptico — os pássaros me envolveram & ele me reteve. Às cinco horas eu recomeço uma vida a partir do caprichoso hálito que Jacob Böhme me acusa naquela tarde de gelo & tristeza originais Meu companheiro dizia: é fácil aprisionar alguém na fome de uma flor Assim a Estrela estava sólida no dente fatigado A negra diligência oferecia seus ramos sem chance Seu rosto permanecia ensolarado pela doçura Às cinco horas aquele que Devora se mostrou entre as ondas Infantil entre as pálpebras como num enterro Soluçando Aquele que Devora teve suas núpcias de pedra — Freud é o Inferno Musical Nietzsche é o Paraíso Meu companheiro é o Jardim das Delícias A Figura Negra está impertinente como um Porta-Estandarte Heliogábalo o novo dia recomeça Este é o único turbilhão que meus olhos possuem — O Karma coletivo me aborrece eu acordo com uma luz que me

acena por cima dos tetos aquelas mesmas flores após a longa chuva de corações, abanam para sempre os instantes pegajosos que se precipitam na Rocha Eu acordo & elas existem como luz encarnada crescendo em escalas até o supremo Girassol — Como um enorme porco verde perto de um lago o Demônio esteve 2 noites ao meu lado plantando seus pesadelos entre minhas mãos & o Sono Ele supervisionou as portas que me retêm dentro das raízes da Mandrágora Eu viro a cabeça um órgão multiplica & ferve uma Mensagem — Uma luz azul amortece através da vidraça Dante & Beatriz com suas novas faces poderiam vir até mim agora Frankenstein Rimbaud Blake todos pelos chuveiros todos pelas paredes, estes mitos, estes gregos adolescentes no domingo de seus amores como pequenas crianças enrubescendo todo mundo Ruas Praças cheias de silêncio as árvores outra vez todos estes mitos com seus roxos corpos nus todos chamando por mim & meu amigo para morar com eles crânios galopantes Rimbaud Shelley Caravaggio & o braço sorridente também Nos escuros tapetes cinzentos da luz Nas caminhadas de sábado Nos jantares Apertando as avenidas nos bolsos alaranjados Eles mesmos, através da Terra

## INTRODUÇÃO

Uma tarde em que eu ouvia Palestrina por toda uma vida sem obstáculo, sem a floresta do afogamento, meu companheiro surgiu no balaústre de meu quarto seus cabelos ondulando com a curvatura da Terra & me disse com sua desgraça de Anjo: o estado originário da imaginação se reencontra na primeira figura da natureza & isto é na aspereza cobiçosa que guia a sua figura através do mundo obscuro & até ao fogo — O intervalo tirou o seu fio decapitado entre nós & o sopro da Substância de Joelhos se perdeu de vista — O pequeno coração me reteve em flor: Escuta eu sou o Tríptico — os pássaros me envolveram & ele me reteve. Às cinco horas eu recomeço uma vida a partir do caprichoso hálito que Jacob Böhme me acusa naquela tarde de gelo & tristeza originais Meu companheiro dizia: é fácil aprisionar alguém na fome de uma flor Assim a Estrela estava sólida no dente fatigado A negra diligência oferecia seus ramos sem chance Seu rosto permanecia ensolarado pela doçura Às cinco horas aquele que Devora se mostrou entre as ondas Infantil entre as pálpebras como num enterro Soluçando Aquele que Devora teve suas núpcias de pedra — Freud é o Inferno Musical Nietzsche é o Paraíso Meu companheiro é o Jardim das Delícias A Figura Negra está impertinente como um Porta-Estandarte Heliogábalo o novo dia recomeça Este é o único turbilhão que meus olhos possuem — O Karma coletivo me aborrece eu acordo com uma luz que me



acena por cima dos tetos aquelas mesmas flores após a longa chuva de corações, abanam para sempre os instantes pegajosos que se precipitam na Rocha Eu acordo & elas existem como luz encarnada crescendo em escalas até o supremo Girassol — Como um enorme porco verde perto de um lago o Demônio esteve 2 noites ao meu lado plantando seus pesadelos entre minhas mãos & o Sono Ele supervisionou as portas que me retêm dentro das raízes da Mandrágora Eu viro a cabeça um órgão multiplica & ferve uma Mensagem — Uma luz azul amortece através da vidraça Dante & Beatriz com suas novas faces poderiam vir até mim agora Frankenstein Rimbaud Blake todos pelos chuveiros todos pelas paredes, estes mitos, estes gregos adolescentes no domingo de seus amores como pequenas crianças enrubescendo todo mundo Ruas Praças cheias de silêncio as árvores outra vez todos estes mitos com seus roxos corpos nus todos chamando por mim & meu amigo para morar com eles crânios galopantes Rimbaud Shelley Caravaggio & o braço sorridente também Nos escuros tapetes cinzentos da luz Nas caminhadas de sábado Nos jantares Apertando as avenidas nos bolsos alaranjados Eles mesmos, através da Terra

## INTRODUÇÃO

Uma tarde em que eu ouvia Palestrina por toda uma vida sem obstáculo, sem a floresta do afogamento, meu companheiro surgiu no balaústre de meu quarto seus cabelos ondulando com a curvatura da Terra & me disse com sua desgraça de Anjo: o estado originário da imaginação se reencontra na primeira figura da natureza & isto é na aspereza cobiçosa que guia a sua figura através do mundo obscuro & até ao fogo — O intervalo tirou o seu fio decapitado entre nós & o sopro da Substância de Joelhos se perdeu de vista — O pequeno coração me reteve em flor: Escuta eu sou o Tríptico — os pássaros me envolveram & ele me reteve. Às cinco horas eu recomeço uma vida a partir do caprichoso hálito que Jacob Böhme me acusa naquela tarde de gelo & tristeza originais Meu companheiro dizia: é fácil aprisionar alguém na fome de uma flor Assim a Estrela estava sólida no dente fatigado A negra diligência oferecia seus ramos sem chance Seu rosto permanecia ensolarado pela doçura Às cinco horas aquele que Devora se mostrou entre as ondas Infantil entre as pálpebras como num enterro Soluçando Aquele que Devora teve suas núpcias de pedra — Freud é o Inferno Musical Nietzsche é o Paraíso Meu companheiro é o Jardim das Delícias A Figura Negra está impertinente como um Porta-Estandarte Heliogábalo o novo dia recomeça Este é o único turbilhão que meus olhos possuem — O Karma coletivo me aborrece eu acordo com uma luz que me

acena por cima dos tetos aquelas mesmas flores após a longa chuva de corações, abanam para sempre os instantes pegajosos que se precipitam na Rocha Eu acordo & elas existem como luz encarnada crescendo em escalas até o supremo Girassol — Como um enorme porco verde perto de um lago o Demônio esteve 2 noites ao meu lado plantando seus pesadelos entre minhas mãos & o Sono Ele supervisionou as portas que me retêm dentro das raízes da Mandrágora Eu viro a cabeça um órgão multiplica & ferve uma Mensagem — Uma luz azul amortece através da vidraça Dante & Beatriz com suas novas faces poderiam vir até mim agora Frankenstein Rimbaud Blake todos pelos chuveiros todos pelas paredes, estes mitos, estes gregos adolescentes no domingo de seus amores como pequenas crianças enrubescendo todo mundo Ruas Praças cheias de silêncio as árvores outra vez todos estes mitos com seus roxos corpos nus todos chamando por mim & meu amigo para morar com eles crânios galopantes Rimbaud Shelley Caravaggio & o braço sorridente também Nos escuros tapetes cinzentos da luz Nas caminhadas de sábado Nos jantares Apertando as avenidas nos bolsos alaranjados Eles mesmos, através da Terra

ROBERTO PIVA  
São Paulo, ago. 1964

*Eu levarei meu amor  
tal como um apóstolo de outrora  
por mil e mil caminhos.*

MAIAKÓVSKI

## PIAZZA I

Uma tarde  
é suficiente para ficar louco  
ou ir ao Museu ver Bosch  
uma tarde de inverno  
sobre um grave pátio  
onde *garòfani* milk-shake & Claude  
obcecado com anjos  
ou vastos motores que giram com  
uma graça seráfica  
tocar o banjo da Lembrança  
sem o amor encontrado provado sonhado  
& longos viveiros municipais  
sem procurar compreender  
imaginar  
a medula sem olhos  
ou pássaros virgens  
aconteceu que eu revi  
a simples torre mortal do Sonho  
não com dedos reais & cilíndricos  
Du Barry Byron Marquesa de Santos  
Swift Jarry com barulho  
de sinos nas minhas noites de bárbaro  
os carros de fogo  
os trapézios de mercúrio  
suas mãos escrevendo & pescando  
ninfas escatológicas  
pequenos canhões do sangue & os grandes olhos abertos

para algum milagre da Sorte

## HOMENAGEM AO MARQUÊS DE SADE

O Marquês de Sade vai serpenteando menstruado por  
máquinas & outras vísceras  
imperador sobre-humano pedalando a Ursa maior no  
tórax do Oceano  
onde o crocodilo vira o pescoço & acorda a flor louca  
cruzando a mente num suspiro  
é aéreo o intestino acústico onde ele deita com o vasto  
peixe da tristeza violentando os muros de sacarina  
ele se ajoelha na laje cor do Tempo com o grito das  
Minervas em seus olhos  
o grande cu de fogo de artifício incha este espelho de  
adolescentes com uma duna em cada mão  
as feridas vegetais libertam os rochedos de carne  
empilhadas na Catástrofe  
um menino que passava comprimiu o dorso descabelado  
da mãe uivando na janela  
a fragata engraxada nos caminhos da sobancelha  
calcina  
o chicote de ar do Marquês de Sade  
no queixo das chaminés  
falta ao mundo uma partitura ardente como o hímen  
dos pesadelos  
os edifícios crescem para que eu possa praticar amor  
nos pavimentos  
o Marquês de Sade pôs fogo nos ossos dos pianistas que  
rachavam como batatas  
ele avança com tesouras afiadas tomando as nuvens de

assalto  
ele sopra um planador na direção de um corvo  
agonizante  
ele me dilacera & me protege contra o surdo século de  
quedas abstratas



## **O ROBÔ PEDERASTA**

*Um dos robôs correria para junto da  
criança & pegara nela ao colo,  
acariciando-a com uma gentileza que  
não parecia ser possível num robô  
daquelas dimensões.*

ISAAC ASIMOV

Não vale  
sair  
com asas  
onde  
o cra cra cra cra cra cra cra  
cra cra cra cra cra cra  
se amassava  
nas  
velas apagadas  
quem  
quer  
o telhado  
de lágrimas?  
beberei veneno  
contra  
teu temperamento  
alegria que se  
espera  
raio X de gente que  
desce do alto  
porta acesa  
olhar inchado no escuro  
*Signorine, la danza della Morte è servita*  
algumas ficaram  
LOUCAS

## PIAZZA II

Uma daquelas torres  
    como uma plataforma de sonhos  
onde um anjo de sono quente  
                    em estranhos véus  
verdadeiro como o desejo  
    mãos & mordidas  
a abelha louca  
    agora esmagada  
            nos ombros  
                    do jardineiro asteca  
dor irradiando  
    no ar  
sobre o olhar sonâmbulo  
            do anjo  
            que ainda grita

## O INFERNO MUSICAL

As horríveis pianolas  
de câncer  
descendo várias semínimas  
até o Galo  
ondas de meu agrado  
& sempre  
sonorizando a Hora Premeditada

OS QUINZE VELOCÍPEDES

NA LADEIRA

DO AMOR

como um Mar de bocas  
tóxicas de Sagitário  
ondulando nas almas  
que dançam despidas

MONSTROS GIRATÓRIOS

pijamas

## PIAZZA III

Meus olhos  
entornados  
num ligeiro sonho  
                  automático  
em necessária  
                  rifa de encantos  
algumas vezes  
                  falando fora de  
mim mesmo  
                  & além disso  
consolado  
                  nos terraços  
de tijolos úmidos &  
                                  gerânios de cobalto  
assobiando lentas canções  
                  quando eu lembrava Jean  
a olhar para mim  
                  citando Baudelaire  
na penumbra  
                  onde seu rosto  
teria podido matar  
                  numa doce ELEVADA  
                  fome

## PIAZZA IV

Estômagos de praças  
com plátanos manchados de azul  
com filatelistas  
transpirando  
amputações de  
pombas metálicas nos coitos rápidos  
as armaduras  
dos gineceus  
em zumbidos surdos  
de besouros de borracha  
os bocejos macerando o ar  
onde estão as  
fricções fraudulentas das  
ilusões do amor  
o inatingível bolo  
nascendo  
no lindo lugar  
de um amável coração  
um banco revirado  
cheio de silêncio  
a tarde  
sorrindo de frio  
para poucas  
cenas de ciúme  
ou  
Rimbaud  
beijando as pessoas

sua máscara lógica  
LIMITES DA LAREIRA acabando de tombar  
sem nenhum pássaro dentro

## PIAZZA V

Oswald Spengler tem uma  
porta no seu tornozelo  
    & nuvens através dele  
    limpando a pele  
que projeta  
    um velho cachecol marrom  
        em seu olho

eu penso  
    pelos seus  
        líquidos compassos de sátiro

até  
    um cenário de músculos  
    impedido de esmagar  
        o carvão de  
            vidro verde

    que aquece  
        a estrela nua de  
            anteontem

Oswald Spengler tem uma porta no seu tornozelo  
batendo  
    até  
    altas horas



## PARAÍSO

Beijos através do vidro  
seus brancos  
fantasmas  
na Quinta-feira das flores  
a lua chegando na minha carne  
ritmos portáteis  
como agora  
esta espécie de música  
nascendo ao mesmo tempo  
em máquinas  
& ilusões  
nenhum cálice  
nenhum amor  
o timbre  
um encanto do leão  
arrastado  
além da rua  
algabal = amuleto  
ramos esquerdos da macieira  
no Paraíso  
das VELHAS TARDES

## PIAZZA VI

Algumas vezes  
as bombas de sorvete  
caindo há 15 anos  
durante a tempestade

Sem ler  
Freud ou Villon  
os garotos  
rompem barreiras  
então em qualquer  
terreno baldio

iluminam  
vestem-se  
no furacão do amor humano

onde  
um cometa se desdobra

TESTE DI RAGAZZI CHE RIDONO  
nos céus de whisky  
em cada canto da BOCA  
cósmica

## O JARDIM DAS DELÍCIAS

Teu sopro no corrimão anatômico sobre meus olhos  
aquela serpente com escamas de cicuta sacudida entre  
tuas coxas de megatons  
é um meio seguro de não mais aconchegar a mais serena  
catástrofe  
como um espelho de vingança acordado por um bater  
de asas  
& um piano que rola até o limite de doces raízes  
onde se completam as cachoeiras das trepanações  
TEUS OLHOS SÃO GRITOS DEMASIADO REDONDOS  
Meu circuito de trincheiras pela mesma razão de ninho  
de águia  
tempo em que os 12 andares do sexo correm persianas  
de galalite  
relâmpagos do mesmo líquen magnético de tua boca  
de quinze anos  
quando não vais à escola para assistires Flash Gordon  
& ler Otto Rank nas esquinas  
o mundo continua sendo um breve colapso logo que as  
pálpebras baixem  
& meu amor por ti uma profanação consciente de  
eternas  
estrelas de rapina

## PIAZZA VII

O equilíbrio (embora meu)  
é um pouco teu como esta luz ao nível da maré  
que tu divides benfeitor fascinando meu olho de fogo  
justo  
é a vibração impossível de domar agora na potência do  
vazio celeste  
dizem que urras  
desmaias & tens visões  
rolando sobre tua boca dilatada as auroras feitas de  
Presas

## LENTO COURO BRANCO DA PERIFERIA

O garoto salta do canto uma tapeçaria tirada das  
vísceras  
no fundo do armário eu acariciei um barco uma  
lacraia no crânio  
pêndulo que esvai então circuito de vermes gritadores  
entre as esporas de um pandeiro o microsulco  
combativo  
fabuloso  
vibratório  
quando viajas queimada a campânula  
astralucidez  
em todos brilhando a propulsão entre os dedos  
*crepacuore*  
cão de cristal negro  
luzindo como flores  
cuja aranha espera árvore infatigável no coração

## **MATÉRIA & CLARINETA**

As panteras das plumas & as tranças das estrelas  
numa fuselagem sem saída  
um pelicano de tempos em tempos esganiça o mar dos  
ambulantes  
noite de meninos com corações brancos  
fendas diminuídas na imóvel lamentação entre a sopa  
& o garfo de polaroide  
os canteiros dos clavicórdios em oblíqua oração sob os  
dentes  
um curto langor & velas ampliando

## PIAZZA VIII

Eu aprendi com Rimbaud  
& Nietzsche os meus  
toques de INFERNO  
(Anjos de Freud,  
sustentai-me!)  
& afirmando isto  
através dos quartos sem tetos  
& amores azuis  
eu corro até a colher de espuma fervente  
driblando-me no cemitério  
faminto da última FOME  
com tumbas & amantes cheios de pétalas  
porque o céu foi nossa última chance  
esta noite

## **UMA AURORA LATENTE**

A tocaia no terçol dos incêndios  
numa cúpula contaminada de belas nuvens  
rumoreja  
incha algumas vezes no sal do canto da boca  
na estrela perdida entre os pássaros da terra  
o soluço agora fonte de cores  
teu olhar  
navegando o cristal das pequenas unhas  
no túnel do meu coração perdido para sempre



## LÁ FORA, QUANDO O VENTO ESPERA...

*Une nuit de sorcellerie  
Comme cette nuit-ci*

APOLLINAIRE

O coração gelado do pavão na noite  
    ouvindo estrelas  
no vazio de um grande piano  
    não me surpreendendo agora  
o sorriso de sua doce anatomia  
    as pernas quentes no meio da rua  
todo meu rosto deslizando em lágrimas no espelho  
o negro animal do amor morreu de fome nos acordes  
    finais de um peito nebuloso  
não outra vez  
    loiros fantasmas  
fornicando em meu olho

## UMA FLOR SUSTENTA A CABEÇA MORTA DE HART CRANE

Nossas vidas  
entre as luzes das árvores  
com bandeiras ao vento  
nas ruas sonoras  
um apelo breve  
às margens da inocência  
Voando nossas almas  
como pássaros no Tempo  
Meu olhar tomba sobre esta cidade com seus  
chifres elétricos  
tudo parecia explodir como gotas eriçadas  
fugindo dos tapumes  
dois corpos duas caixas  
famintas no céu  
& dentro delas os altos terraços de seus  
cérebros  
existem estrelas por toda parte & gelo  
não caminhamos mais  
& o Tempo passa

## HELIOGÁBALO

I

*O Eros quer o contato,  
pois tende à união,  
à supressão dos limites espaciais  
entre o Eu e o objeto amado.*

SIGMUND FREUD

No grande telhado de carne a mão Quadrilátero latejava sua auréola em torno do minúsculo ovo de osso negro teus olhos estendidos sobre as mesmas órbitas de folhas o sopro rítmico de todas as janelas roçando muitos periscópios na superfície de tua boca inflamada eu estava prestes a me desfazer como um olho sonoro dentro de um relógio submerso onde as algas cravaram suas unhas de sono vegetal na colina machucada do coração. Algumas rúpias perdidas entre um rochedo de nácar, beija-flores aquáticos com penas canibais & ânus de pérola avançavam ao mesmo tempo que minhas tristes palpitações. Tremores de uma alucinação feroz em giros excêntricos pelos porões das velhas escunas onde fui atirado em segmentos perpendiculares aos cantos arqueados dos joelhos enquanto tuas vísceras me envolvem & eu fico prisioneiro para sempre. Um doce mormaço nos faz levitar através das ondulações crispadas no estômago do GRANDE POLVO. Minha boca presa à tua nuca de seda vermelha nos abismamos no jato

líquido de lilases & violetas. Assim transformados em ESTRELA teus cílios — lança — chamas incineram meu corpo ao nível da Lua. Hotel de carícias — penugem ao alcance das asas arborescentes e soluços arrastados pelas ribanceiras emolduradas, boulevardicas. Tuas mãos azuis são um contrapeso, um solo longínquo inanimado de um saxofone num deserto de beijos. Nossas bocas só agora meio despertas fazem passar pássaros em revoada sob a pele. Nosso destino é construir palácios sensoriais nas praias obscuramente favoráveis. Uma garrafa à deriva me seduz de passagem naquele espasmo da vigília como o garoto heráldico hasteado numa garra que avança & que brinca. Cinco pancadas nos gonzos dos corações todas as tardes sobre pavilhões & jardins em debandada numa Flor Vermelha (teu único suspiro) alerta nas águias de mel subjacentes em todas as direções. O trópico de dor concebe um magnetismo especial, borbulhante cujas pétalas são cisnes & alambiques que caem das nuvens. Nas praças desertas os estertores estendem-se monumentais. A cabeleira química nas fendas das lâmpadas ornamentais inscreve o ligeiro soluço do ANJO NAMOR numa galeria de meninos-sóis simetricamente fascinados.

*Corre o rio do meu amor  
para o insuperável!  
Como não encontraria um rio  
enfim o caminho do mar?*

NIETZSCHE

Nunca mais sairei. As pontes incandescentes contornam fragilmente a pista de teu coração bordado a fogo. Chifres azulados retalham a silenciosa atmosfera donde tombam as penas dos dragões selvagens. Olhando cada ponto do canteiro esquimó eu vejo um oblato com o sexo arrancado durante a noite, o sangue coagulado entre as coxas formando um tenebroso lago Polar. As alamedas marítimas enfaixavam um horóscopo com moluscos-cartomantes embriagados de bombons velhos. A seda noturna descia sobre meu crânio como um espelho de Amor. Nós escapávamos ainda uma vez aos terremotos de silêncio alaranjado demência apaixonada encerrando-nos numa concha na larga pálpebra da floresta. Serás tu o pequeno príncipe minotauro cujas luvas de frenesi atravessam o céu? Serás tu Anubis náufrago enfeitado com lenços de hortelã? Pouco a pouco os trapézios de neon avançavam através das sobranceiras cerradas da meia-

noite. Os olhos de dois pássaros carnívoros abandonaram perigosamente suas doces órbitas vazias. Cortinas de chuva suave depositam seu pólen luminoso nas ancas crispadas de Amianto. Uma rosa giratória em permanente destruição sobre os trilhos da valsa borrifava perfumes nas gargantas pontiagudas do Outono de bárbaros. O sol levantava seu pavilhão oscilatório. Planetas de creme explodiam. Nas emanções das tochas de alabastro, flutuava um garoto de beleza Azul.

Certos arcanjos esburacados como lacraias se agrupam numa farândola de asas. A cor do mundo é um pulmão verde-claro. O vento indiscutível desfila um longo cometa testemunho do tremor lunar sob meus ossos. As vozes se misturam na carapaça da tartaruga até a mais terna altitude (suas ogivas mais simples) no ponto mais acústico do coração de porcelana. Neste minuto os escafandros debruçaram nas janelas do oceano de ciprestes. Um navio miraculoso (seu único sobrevivente é um pequeno pirata cor de jambo) cruza a massa híbrida do DILÚVIO. A orquestração de Saturno franjas de luz sobre barracudas gaguejando sua crença na vida. O garoto-pirata conduz as sangrentas luxúrias do Leão & do Riso. De sua coxa loira ele arranca as retinas do Diabo, de sua coxa morena os sonhos onde deitou sua magnificência. O horror de ser sua presa planta lulas de cristal na minha memória recém-chegada do fundo do mar. Um olho gigantesco ultrapassa meu desejo de flores finas & cegas.

*Je te connais et t'admire en silence*

RIMBAUD

Assim falam as medusas no meio dos relâmpagos.  
Roupagens lactescentes desfiadas em seus olhares friorentos. Nos maxilares das constelações nascem gerânios. Ventres boreais grávidos de sátrapas que giram cinzentos. Luta & vertigem nas mágicas geológicas. Os eixos na imensa vibração exaltam a tinta da folhagem seca na esfera dos trombones marinhos um pouco à minha disposição em brilhos de Tômbola. Espinheiro de carga elétrica nos túneis de ovos fritos. O barco levará certamente a tripulação de protozoários & bandeiras. Ele prepara minha surpresa preciosa: Enormes mãos brancas nos fragmentos das lágrimas dilatadas.



## **SLOGAN**

Assim que o sol embaralhado nos seus cílios de bronze como um pequeno espanto nas folhas de luz afugenta os corações dos seus ninhos de crepúsculo o mundo vive na partitura sublinhada do meu sangue o seu único esplendor.

## PIAZZA IX

Os corações árticos coçavam suas cabeleiras cultivando  
a morte  
grandes & ardentes no mesmo sopro de um mesmo  
sorriso apodrecido  
purificados como os nossos idênticos pioneiros metálicos  
às vésperas dos trovões de ar que nos arrebatam as  
cabeças para o céu  
sobre os muros de plenas dissecações ao brilho  
inesperado do salmão das nuvens  
nas cidades circulares de dolorosos espinhos atômicos  
na infância cor de pêssego como a hora do amor  
em cada solitário as mesmas oitavas com ossos à mostra  
éter & línguas sólidas que nós não vemos  
catalogadas ao lado trágico das mesmas ondas paralelas  
aquelas que nos transportam vencendo toda paisagem  
purulenta  
gotas de meninos morenos mudados em nevoentos  
cascalhos de desolação  
nas montanhas murchas de luar onde a lembrança é  
cinzenta  
correndo teu arco na tempestade solar da incerteza  
o dia escurecia a auréola dos mortos descobridores de  
Mágicas

## **PIAZZA X**

O grande Estômago queimava a noite com secreções & suas saboneteiras de um verde brilhante. Além da cortina do meu quarto o grande Estômago estendia-se, no pavimento de terra batida, longo como uma Caravana. O pó que o envolvia oscilava de acordo com suas contrações vagarosas. Houve momentos excepcionais em que eu acreditei ver sua membrana de fuligem envolver a cidade.

## **PIAZZA XI**

Agora não posso mais esquecer o quilate de meu Olho esmagando o mar como uma raivosa caravela. Meus cílios enrolavam o mundo em suavidades superiores. Um degrau vermelho sustentava minha barriga desabada em várias camadas de vísceras quentes. Meus cílios estreitavam mais & mais o mundo enrugado & roxo cujos ossos estalavam como uma floresta. Mais de uma vez o mundo amorteceu sua luz de Ovo. Minha pupila dilatou-se para engoli-lo.

## **ARREGIMENTAÇÃO FORMAL DA ESTRELA HINTER**

Quando adormeço um folhudo girassol rói a parte lateral do meu crânio & me acena seus pequenos olhos cadentes no imenso vazio. Quando adormeço eu digo alguma coisa a este louco, a esta serpente & a esta lanterna circulando na montanha. Quando adormeço a respiração do pajé tumultua um pavão cortado ao meio para enfeitar bonecas (suas partes barrocas intercedem por mim nos diversos iglus). Quando adormeço ah pirâmide de baleias de sarjeta coloridas & sem gosto. Eu deslizo num alívio impuro de sugestões maquinais, turcas espermáticas. Quando adormeço o trigal olímpico invade minhas vértebras abraçadas com os delicados rostos de sempre, exorcismo sem significado na barbárie do Zepelim, antenas sugadoras de desertos de formigas pretas onde o trigal ondula, ondula até a morte.

## PIAZZA XII

Teus olhos amarelos  
                                ritmados numa ferida distante  
  de AMOR  
A Rosa Azul & vazia como uma gaveta de hotel  
Diga-me langorosamente os pequenos mamelucos  
                                tremem em tentáculos eletrificados  
eu provo tua boca  
                                as folhas se desorganizam  
                                em tapeçarias outonais  
  & nas curvas de teus RINS  
fotografando em cores (em supremo grau como  
  o fogo na floresta)  
uma cidade sagrada tão  
                                AZUL

## PIAZZA XIII

*(élevant en un instant sur ma diarrhée  
Ta droite et insurmontable cathédrale)*

H. MICHAUX

As antenas horizontais as escadas de galalite  
os micróbios caem nos corrimãos em forma de pálpebras  
a cidade se expande em montanhas de pergaminho  
nossas vidas de estranhas brutalidades  
o sorriso tão esperado no horizonte da lembrança  
perdido na cacofonia do verão & em densas catástrofes  
nos jardins de enxofre com raízes de ZINCO  
uma cabeça rodopiando seus cabelos de Roseira  
Meu coração continua sua ronda como Edifícios tão Leves  
para que os pardais bêbados de coca-cola anunciem  
o espírito da felicidade rapidamente entrevisto  
no seu incurável medo  
Mas onde estarão Eles?  
Estrela da retaguarda com Olhos de Tortura  
Grandes círculos que ainda me aprisionam  
& me adormecem em gulosas folhas de Verdura  
Minha força perversa & terna nas janelas moribundas  
do ÚNICO AMOR chegando em tropas de narcisos  
as vozes mergulham as portas cessam de brilhar  
sua enorme mão verde estende-se até a Aurora da  
Califórnia em corais bombardeados  
um único homem AMEAÇADOR rompe os invernos os

dramas as grandes Claridades ofendidas.



## POSFÁCIO

*As musas das artes da “aparência”  
empalideceram diante de uma  
arte que proclamava a verdade  
na sua embriaguez.*

NIETZSCHE

Numa noite em que Johnny Alf dava canja no Cambridge, noite de desejar morrer, esquecer tudo, que testemunha a confusão a loucura da minha mente com um Amor tão sujeito à decomposição, querendo fazer-me compreender & gritar tão desolado de maneira a desatinar novamente todas as criaturas, esta mesma noite, tremendo como um verdadeiro anjo estragado pela INTERRUPÇÃO CRIADORA, no instante em que dúvidas, dúvidas não me obrigavam a renunciar ao prazer do passado integrando a Dor Esfarrapada do Mundo no ansioso reconhecimento da Realidade, eu desejei focar as odiosas convenções sociais de uma maneira muito independente, minha & seguir adiante, desejando viver, buscando vida sempre.

Assim a constatação de que Nietzsche estava certo & lúcido ao afirmar que o homem moderno é uma mistura híbrida de planta & fantasma, & que as almas envenenadas pelo cristianismo se conformam & glorificam as conveniências em nome de uma abdicação a favor de um Deus instalado na eternidade (projeção infantil da figura do Pai como confirmaria Freud) donde

reparte suas Graças entre os homens mais consumidos de ressentimento, autoflageladores & submissos.

As cavilosas maquinações contra a Vida como consequência de um Eu Ideal (Deus, Pai, Ditador) nos obrigando a renúncias instintivas, nos transformando em conflituados neuróticos sem possibilidades de Brecha alguma, reduzindo a vício o nosso espontâneo interesse pelo sexo, o cristianismo como a escola do Suicídio do Corpo revelou-se a grande Doença a ser extirpada do coração do Homem. Em todos os meus escritos procurei de uma forma blasfematória (*Paranoia*) ou numa contemplação além do bem & do mal (*Piazzas*) à la Nietzsche explicitar minha revolta & ajudar muitos a superar esta Tristeza Bíblica de todos nós, absortos num Paraíso Desumanizado, reprimido aqui & agora. Já em minhas conversas com Willer & leituras de Freud, Desnos, Ferenczi, Monnerot, eu consolidava mais & mais minha ideia da Poesia como instrumento de Libertação Psicológica & Total, como a mais fascinante Orgia ao alcance do Homem. Esta ideia incentivou-me a reler Freud & Rimbaud vinculando-os estreitamente numa proposição de Clarividência sem a qual nada poderia aproximar-se da minha Palavra com carícias & compreendê-la. Foi em Freud que encontrei melhor formulada esta Proposição inicial que desde a adolescência fermentava em mim: “O verdadeiro gozo da obra poética reside na libertação de tensões em nossa vida psíquica. Talvez este resultado obedeça em grande parte ao fato de que o poeta nos permite gozar de nossas próprias fantasias sem vergonha & sem escrúpulos”.

Provido de uma tal concepção dinâmica da Realidade Poética & da “alucinação das palavras” em termos de Rimbaud, eu atingi a Poesia visando coroar de Amores em primeiro lugar a Existência. Contra a inibição de consciência da Poesia Oficial Brasileira a serviço do

instinto de morte (repressão), minha poesia sempre consistiu num verdadeiro ATO SEXUAL, isto é, numa agressão cujo propósito é a mais íntima das uniões. Acho interessante, neste momento, para melhor configurar o problema da Criação Poética, destacar umas linhas de *El arco y la lira* de Octavio Paz: “Um estilo artístico é algo vivo, uma contínua invenção dentro de certa direção. Nunca imposta de fora, nascida do impulso criador & das tendências profundas da sociedade, essa direção é até certo ponto imprevisível, como o é o crescimento dos ramos de uma árvore. Em troca, o estilo oficial é a negação da espontaneidade criadora, os grandes impérios tendem a uniformizar o rosto cambiante do homem & convertê-lo em uma máscara indefinidamente repetida. O poder imobiliza, fixa num só gesto grandioso, terrível ou teatral & finalmente, simplesmente monótono a variedade da vida. ‘O Estado sou eu’ é uma fórmula que significa a nadificação dos rostos humanos suplantados pelos traços pétreos de um eu abstrato que se converte, até o final dos tempos, num modelo de toda uma sociedade”.

O objetivo de toda Poesia & de toda Obra de Arte foi sempre uma mensagem de Libertação Total dos Seres Humanos escravizados pelo masoquismo moral dos Preconceitos, dos Tabus, das Leis a serviço de uma classe dominante cuja obediência leva-nos preguiçosamente a conceber a Sociedade como uma Máquina que decide quem é normal & quem é anormal. Para a Sociedade Utilitarista do nosso tempo, a prova máxima de normalidade é a adaptação do indivíduo à família & à comunidade. Numa sociedade assim estruturada, todas as virtudes, digo Todas, estão a serviço do Princípio de Utilidade. Assim, entidades Policiais tipo Nazista como a RUDI OU a RUPA constituídas por criminosos fardados & civis têm o poder absoluto para decidir quem é útil & quem é inútil. Para os que ainda duvidam de que a nossa

Sociedade é um Cárcere Criminoso, eu recomendaria que batessem um papo com qualquer adolescente egresso do RPM (Recolhimento Provisório de Menores). Desta maneira, os nossos Ociosos literatos que leem os terríveis relatórios das penitenciárias onde esteve Jean Genet teriam a imaginação suficiente para compreender que tudo que o genial Genet descreve nas inumeráveis prisões por onde passou acontece em termos mil vezes piores aqui no Brasil, São Paulo em 1964. Basta lembrarmos que o Pau de Arara & o choque elétrico pertencem ao folclore da Gestapo brasileira. Enquanto isso, os representantes da poesia oficial & os engomados homens de negócios trocam entre si, numa reciprocidade suspeita, discursos & homenagens estourando de vaidade diante do aplauso de seus concidadãos. O que eu & meus amigos pretendemos é o divórcio absoluto da nova geração dos valores destes neomedievalistas. E a libertação de si mesmos do Superego da Sociedade. Isto é o que nos separa das filosofias autoritárias tais como elas aparecem nas têmperas conservadoras & militaristas. Fazemos uma afirmação de que os atos individuais de violência são sempre preferidos à violência coletiva do Estado. Por isso, em contraposição às passeatas da Família com Deus pela Castidade, & a toda manifestação deste fã-clube-de-Deus, nós oporemos a Liberdade Sexual Absoluta em suas mais extremadas variações levando em conta a solução do Marquês de Sade para quem a Justiça é a Santidade de Todas as Paixões. Sob o império ardente de vida do Princípio do Prazer, o homem, tal como na Grécia dionisíaca, deixará de ser artista para ser Obra de Arte.

ROBERTO PIVA  
São Paulo, ago. 1964

# **OS QUE VIRAM A CARÇAÇA**

## **O MINOTAURO DOS MINUTOS**

Os pontos cardeais dos nossos elementos são: a traição, a não compreensão da utilidade das vidraças, a violência montanha-russa do Totem, o rompimento com os labirintos e nervuras do penico estreito da Lógica, contra o vosso êxtase açucarado, vós como os cães sentis necessidade do infinito, nós o curto-circuito, a escuridão e o choque somos contra a mensagem lírica do Mimo, contra as lantejoulas pelos caracóis, contra a vagina pelo ânus, contra os espectros pelos fantasmas, contra as escadas pelas ferrovias, contra Eliot pelo Marquês de Sade, contra a polenta pelo ragu, nós estamos perfeitamente esquizofrênicos, paranoicamente cientes de que devemos nos afastar da Bandeira das Treze Listas cujos representantes são as bordadeiras de poesia que estão espalhadas por toda a cidade.

## **BULES, BÍLIS E BOLAS**

Nós convidamos todos a se entregarem à dissolução e ao desregramento. A Vida não pode sucumbir no torniquete da Consciência. A Vida explode sempre no mais além. Abaixo as Faculdades e que triunfem os maconheiros. É preciso não ter medo de deixar irromper a nossa Alma Fecal. Metodistas, psicólogos, advogados, engenheiros, estudantes, patrões, operários, químicos, cientistas, contra vós deve estar o espírito da juventude. Abaixo a Segurança Pública, quem precisa disso?

Somos deliciosamente desorganizados e usualmente nos associamos com a Liberdade.

## **A MÁQUINA DE MATAR O TEMPO**

Aqui nós investimos contra a alma imortal dos gabinetes. Procuramos amigos que não sejam sérios: os macumbeiros, os loucos confidentes, imperadores desterrados, freiras surdas, cafajestes com hemorroidas e todos que detestam os sonhos incolores da poesia das Arcadas.

Nós sabemos muito bem que a ternura de lacinhos é um luxo protozoário. Sede violentos como uma gastrite. Abaixo as borboletas douradas.

Olhai o cintilante conteúdo das latrinas.



## **A CATEDRAL DA DESORDEM**

A nossa batalha foi iniciada por Nero e se inspira nas palavras moribundas: “Como são lindos os olhos deste idiota”. Só a desordem nos une. Ceticamente, Barbaramente, Sexualmente. A nossa Catedral está impregnada do grande espetáculo do Desastre. Nós nos manifestamos contra a aurora pelo crepúsculo, contra a lambreta pela motocicleta, contra o licor pela maconha, contra o tênis pelo boxe, contra a radiopatrulha pela Dama das Camélias, contra Valéry por D. H. Lawrence, contra as cegonhas pelos gambás, contra o futuro pelo presente, contra o poço pela fossa, contra Eliot pelo Marquês de Sade, contra a bomba de gás dos funcionários públicos pelos chicletes dos eunucos e suas concubinas, contra Hegel por Antonin Artaud, contra o violão pela bateria, contra as responsabilidades pelas sensações, contra as trajetórias nos negócios pelas faces pálidas e visões noturnas, contra Mondrian por Di Chirico, contra a mecânica pelo Sonho, contra as libélulas pelos caranguejos, contra os ovos cartesianos pelo óleo de Rícino, contra o filho natural pelo bastardo, contra o governo por uma convenção de cozinheiros, contra os arcanjos pelos querubins homossexuais, contra a invasão de borboletas pela invasão de gafanhotos, contra a mente pelo corpo, contra o Jardim Europa pela Praça da República, contra o céu pela terra, contra Virgílio por Catulo, contra a lógica pela Magia, contra as magnólias pelos girassóis, contra o cordeiro pelo lobo, contra o

regulamento pela Compulsão, contra os postes pelos luminosos, contra Cristo por Barrabás, contra os professores pelos pajés, contra o meio-dia pela meia-noite, contra a religião pelo sexo, contra Tchaikóvski por Carl Orff, contra tudo por Lautréamont.

Os que viram a carcaça

ROBERTO PIVA

São Paulo, mar. 1962

# **MALA NA MÃO & ASAS PRETAS**

*D'une seule caresse  
Je te fais briller de tout ton éclat.*

PAUL ÉLUARD

*La subversión poética  
es subversión corporal.*

OCTAVIO PAZ

*a Sergio Cohn*

**ABRA OS OLHOS & DIGA AH!**

VISÃO ANTROPOLÓGICA DO CANTO DA JANELA

PRISMADA EM GELEIA-CORAÇÃO NO VINHO

DE MARÇO (o mês mais terrível)

novos animais de rapina

OS OLHOS DO MEU AMANTE OS OLHOS DO MEU AMANTE

galáxias internas OLHOS LIBERDADE galáxias internas

no fundo cor-de-rosa do chocolate eu te respiro

nas tripas só com os mortos & seus travesseiros

de

flores

nas tripas extravagantes meu amor atrás das

vitruinas

só com os mortos o universo é um espirro

no útero da maçã

tudo começa

a anoitecer

cheio de energia

eu sou o jet set do amor maldito  
DENTRO DA NOITE & SUAS CÓLICAS ILUMINADAS  
os papagaios da morte com Aristóteles na proa do trovão  
DISPOSIÇÃO DE IR À DERIVA NOS DADOS DO AMOR  
espinafre pela manhã & queijo em pasta  
almas-esportivas com flores entre os  
dentes  
minha laranja se abrindo como uma porta  
TUA VOZ É ETERNA eu vejo a mão cinzenta rasgar  
a parede do mundo  
ESTAMOS DEFINITIVAMENTE NA VIDA



(A POLÍTICA DO CORPO EM FOGO DO CORPO EM CHAMAS  
DO CORPO EM FOGO) APAGANDO A LUZ as trevas devoram  
teu corpo em chamas tua boca aberta teu suicídio  
de prazer na grama tuas mãos colhendo meu rosto  
de folhas machucadas na escuridão teu gemido à  
sombra  
das cuequinhas em flor  
teus cabelos são solidamente negros

O ANJO NO BANHEIRO AMANDO A COMUNA DE PARIS

DEIXA-SE FOTOGRAFAR COMENDO UMA FRUTA-DO-CONDE

eu me preparo para estas cidades sem limites  
o deserto & suas línguas trepidantes  
marchas de samurais atentos nos pântanos  
longe sem sair do lugar

(AMO TUA BOCA DEVASTADA POR FUMAÇAS DIABÓLICAS)

uma rosa na ponta dos olhos  
uma rosa em tua boca errante  
meus olhos fixos na fonte do paraíso

na savana os elefantes pirados de amor trombeteiam

UMA ÁGUIA CAI EM MEUS OLHOS & SUSPIRA

SONO & SONHO PALMA DA MÃO INCHADA

quero teu coração prontinho para zarpar

pétalas engasgam teus sonhos

anunciam uma tempestade & tombam na noite

(O SEXO DA MEIA-LUA LANÇA SUA NOTA METÁLICA & SEUS  
GATOS SELVAGENS) onde dançamos com gorilas tântricos  
cérebros eletrônicos fazendo xixi na cama vermelha  
GRITOS MARAVILHOSOS NA JANELA política do esquecimento  
sistemático ESTAMOS NA MERDA GENTIL  
rosto de beterraba & sexos em ruínas  
espelho bilíngue minhas esporas & olhos sorridentes  
TODOS CHORAM AO MESMO TEMPO NO BRONZE DA TIRANIA  
& COMEM SUAS MENINAS o vento da vida os braços  
dependurados maxilares estourados ao amanhecer  
TOTEM KAPITALISTA TOTEM KAPITALISTA TOTEM  
KAPITALISTA

(O MUNDO MUDA A COR DA JABUTICABA MUDA TEU CU MUDA O CHAPÉU  
DO VIZINHO MUDA TEU SEXO MUDA O ÍNDIO MUDA HÖLDERLIN MUDOU  
HEGEL MUDOU TECNÓPOLIS MUDA & MUDAMOS CADA DIA MAIS PARA O  
PORÃO DA VIDA COMO RIMBAUD ARTAUD MACUNAÍMA DINO CAMPANA)

o dragão

corre na corveta caraíba as coxas têm febre eu nem  
planta nem

fantasma o verdadeiro veneno MODESTA CRIATURA CIDADÃO DE  
UM MUNDO

EM CHAMAS eu faço esta advertência: A PERFEITA MÚSICA ESTÁ  
NO AÇO

canteiros folhudos cheios de silêncio

espaço cósmico samba-canção do nada

MAURÍCIO MAUMAU PASSARINHO MASCADOR DE PIRÃO & SUAS OGIVAS  
DE GELEIA onde está tua poesia feita de sandálias  
batendo

nas bochechas da tarde? anjo tupiniquim  
correndo na  
curva da praça molhada com sangue dos cometas

PELICANOS EXPLODINDO EM TEUS SONHOS & A MANHÃ EM  
QUE LERÁS ISAAC DEUTSCHER COÇANDO O DEDÃO

teus minúsculos gestos  
tua pamonha devorada no meio do mato  
teus olhos de amianto dão gritos para o navio  
pirata  
(com lenço na cabeça & punhal entre os dentes  
tua alma

DELIRA)

(MEU AMOR DORME & SE COÇA EM SONHOS SE DEBATE & GEME  
SE DEBATE & GEME SE DEBATE & GEME)

antes do almoço sentaremos no para-lama de  
um carro & falaremos de EMPÉDOCLES assim os  
pássaros  
carregam suas verdades magníficas no centro do  
mundo onde

escutamos vozes de MOTORES HUMANOS

EU OUVI SUAS PALAVRAS QUE ARROMBARAM O UNIVERSO antes  
da chuva carnívora  
antes do transistor canibal

(A EPOPEIA DO AMOR COMEÇA NA CAMA COM OS LENÇÓIS  
DESARRUMADOS FEITO UM CAMPO DE BATALHA)

é ali que eu começo a nascer para a madrugada &  
suas

vertigens onde você meu amor se enrosca em  
meu coração paranoico de veludo verde & as delícias  
de continentes

alaranjados dormem em seu rosto de pérolas turvas oh  
tambores do amor

sem parar rumo às tempestades PLANETÁRIAS & suas  
cachoeiras tristes & pesadas como lágrimas

gosto de gostar & a TV da alma amanhece  
bêbada & tenta

dizer alguma coisa



# INTERMINÁVEL-EXTERMINÁVEL

(OUVINDO BARNEY KESSEL)

anjos com botas vermelhas

(dez aparições de leopardo na  
janela do apartamento)

Mickey Mouse deve ser agente

da CIA

câncer-policia! do mundo & seus velhos

Totens

durmam durmam como rocamboles mijados

Giorgio de Chirico & suas

paisagens feitas de sombras

garoto triste a orgia te espera

com cactos de veludo

antes que a noite se esborrache

eu quero ver tuas

coxas na

televisão estrelada

intestinos lunares sob a luz-neon

acariciando teus cabelos jabuticabas

encaracoladas

## GANIMEDES 76

Teu sorriso  
olhinhos como margaridas negras  
meu amor navegando na tarde  
batidas de pêssego refletindo em teus olhinhos de  
fuligem  
cabelos ouriçados como um pequeno deus de um salão  
rococó  
força de um corpo frágil como âncoras  
gostei de você eu também  
amanhã então às 7  
amanhã às 7  
tudo começa agora num ritual lento & cercados de  
gardênias de pano  
Teu olhar maluco atravessa os relógios as fontes a tarde  
de São Paulo  
como um desejo espetacular tão dopado de  
coragem  
marfim de teu sorriso *nascosto fra orizzonti perduti*  
assim te quero: anjo ardente no abraço da Paisagem

## AFETANDO PROFUNDAMENTE O EMOCIONAL

(ANTÍNIOO, RAGAZZO DI MARBRO)

garoto pornógrafo  
antes que a Lua chegue  
esta feijoada será uma  
batalha

Átila vence a grama do mundo

ADRIANUS CESAR *imperator*

caminhando na manhã romana com seus doze  
amantes

eu gostaria que você lesse Jacob Boehme  
suas coxas se retesam

& você chora um pouco

venha, lamba minha mão &

se prepare para um milhão  
de comas loucas loucas

antes que a Lua chegue

morda meu coração na esquina

& não me esqueça

## **ANTINOUS**

(MOVIMENTO DE ÁRVORES)

são questões

terça-feira eu prefiro você bem

louco

minha palavra & nada que você acredita

poderá acontecer: ostras olhos injetados Hegel

durma com suas violetas do subúrbio

a cidade tosse como

um índio com febre

São Paulo acorda em suas coxas

docemente

banho quente com vapor

em espiral flocos de

samambaias eróticas

assim que você espreguiçar eu estarei

sangrando

## QUANDO SEVERAS ANSIEDADES PREDOMINAM MAS A DEPRESSÃO É AFASTADA

(Batman Baudelaire)

(nossos movimentos, nossos sonhos analisados  
etc.)

onde procurar

o sangue que se

ALONGA pelo

solo

sssssspleesinergia

canhões lascivos

gemido

de

garoto

ferido

totens de madeira

evitando ângulos

&

efeitos

AMEMO-NOS

# EQUINÓCIO DO OITAVO ANDAR CARBONIZADO

(PARA O POETA CLAUDIO WILLER  
MEU AMIGO)

acontecimento das imagens loucas  
corvo nas nuvens  
caubóis na praça 14 Bis  
ônibus recheado de literatos & corintianos  
(antes do basalto & curvas perigosas  
onde andava o *Pithecanthropus  
erectus?*)  
isto que nós sonhamos isto que o  
mundo nos devolve uma  
*stravaganza* sem a pele ensaboada  
aqui vamos pelo trem-fantasma no  
parque da amargura do amor  
sem almas eletrificadas no  
lago Kropótkin  
você pede direito de asilo  
você mergulha direto no front.

## ABRA OS OLHOS & DIGA AH!

nos  
cravos  
*und*  
vários meses  
aborrecidos  
&  
suas imagens  
SE PA RA DAS  
carnaval  
onde  
EU sou o último  
TODO  
comido  
máscara coaxando  
nas legendas  
(meu amor em sua  
marcha CEGA)  
dias e noites que se extinguem  
em  
silêncio  
&  
seus  
pedaços arbitrários

## TRANSFORMANDO O HORIZONTE

o espaço  
em  
  teu braço  
abre o passo  
  corta o traço  
no canto da boca  
  olho & escuto  
  teu soluço  
  encantado  
molhando  
  os cabelos  
te espero na garoa  
  da praça



*Je suis comme vous  
un enfant.*

PICABIA

*Io vidi li occhi, dove Amor si mise  
quando mi fece di sè pauroso.*

GUIDO CAVALCANTI

**COXAS**  
**SEX FICTION & DELÍRIOS**

*Eliminarás a doença e o bárrio.  
Restará o deleite dos homens  
Porque foste o andrógino.*

OSWALD DE ANDRADE

## 1. OS ESCORPIÕES DO SOL

O adolescente ajoelhou-se abriu a braguilha da calça de Pólen & começou a chupar.

Eram 4 horas da tarde do mês de junho & o sol batia no topo do Edifício Copan suas rajadas paulistanas onde Pólen

& Luizinho foram fazer amor & tomar vinho.

O adolescente vestia uma camiseta preta com o desenho no

peito de um punho fechado socialista, calças Lee desbotadas

& calçava tênis branco com listras azuis. Você é minha putinha, disse Pólen. Isso, gritou Luizinho, gosto de ser chamado de putinha, puto, viado, bichinha, viadinho ah acho que vou gozar todo o esperma do Universo!

Neste instante um helicóptero do Citibank se aproximava pedindo pouso & os dois nem ligaram continuando com suas blasfêmias eróticas heroicas & assassinas.

O guarda que estava no helicóptero então mirou & abriu fogo.

Luizinho ficou morto lá no topo do Edifício Copan com uma

bala no coração.

Por onde é preciso começar?

Pólen não sabia, mas seu olho sabia, sua mão sabia, sua política cósmica sabia.

Hermafrodita morto no musgo mais alto. Suas baleias de ternura, suas tranças do mais puro ouro, suas sardas em

torno do narizinho meio arrebitado & insolente.  
Luizinho era uma sombra dentro do seu coração  
anarquista  
& rápido suas lágrimas quebraram o aço dos elevadores  
com  
seus guinchos de múmias eletrificadas ondas de reflexos  
polaroide em frente à Igreja da Consolação rostos  
picados  
nos escritórios & seus violinos enfadonhos, o amor  
começaria por uma perda?  
A atmosfera cor de azeitona era um alívio para o coração  
metralhado pela dor construída ao crepúsculo doente em  
cargas elétricas & surdas feitas de veludo & espinhas de  
peixe um rodízio de aberrações crispou o rosto de Pólen  
que agora tomou um ônibus & percorreu São Paulo num  
suspiro rodando & rodando por aquela massa cinzenta do  
capitalismo periférico sem escapatória & suas grandes  
asas  
cobriam o Sol & seus escorpiões.  
Enquanto isso os cinemas sofriam ataques contínuos de  
office boys armados com estilingues & bolinhas de gude  
&  
partilhavam da turbulência do Grande Terror com  
máscaras feitas de folhas de bananeiras & bermudas  
justíssimas onde se podiam ver magníficas coxas &  
lindos pés  
descalços com tornozelos rodeados com florzinhas  
amarelas  
& muitos traziam a palavra coma-me costurada na  
bermuda na altura do cu.  
Naquela tarde todo mundo estava com vontade de nadar  
em sangue.  
Anjos da verdade pensou Pólen em sua calma  
estranguladora  
de babuínos agora devem começar as quermesses com  
leitões

coloridos purê de maçã & delicados tutus à mineira  
ostras de  
Cananeia apimentadas servidas com retumbantes  
batidas  
de Maracujá (a fruta da paixão) codorninhas recheadas  
com  
uvas-passas & torresminhos com queijo ralado o verão  
bem  
poderia chegar com seu perfume de acarajé invadindo os  
colégios fazendo os adolescentes terem ereções & as  
garotas  
desmaiarem de desejo com seus pequeninos seios  
latejantes.

                  agora  
                  um anjo pousou  
                  em seu ombro  
                  & Pólen adormeceu.

Quando acordou alguém tinha deixado em suas mãos o  
livro *As Américas e a civilização* de Darcy Ribeiro & ele  
desceu do ônibus para sentar na praça Buenos Aires &  
ler.

Abriu na página 503 & leu:

“Os Guerreiros do Apocalipse.

Uma vez implantadas as bases do Estado militarista na  
América do Norte, uma série de acontecimentos  
comoveu

a opinião pública, os governantes, os militares,  
conduzindo

toda a classe dirigente do país a crises sucessivas de  
apavoramento e histeria”.

## **APAVORAMENTO NO 1**

dezoito garotos & dezoito garotas foram emparedados vivos em caixas construídas com chicletes que só Adams fabrica & tostados dentro de um porão de arsênico & cascavéis.

## **APAVORAMENTO NO 2**

quinze adolescentes de ambos os sexos foram chicoteados na bunda por batalhões da TFP que os insultavam enquanto trezentos rapazes & moças de seita imperialista Igreja Católica cortavam rodelas de cebola & colavam em seus olhos.



## **HISTERIA NO 1**

a confraria reacionária Unidos em Série promotora de festivais de telenovelas nas fábricas jogou uma substância

criadora de histeria CBK7 no reservatório de água de um colégio de freiras & as alunas peidaram 3 dias & 3 noites sem parar & depois se flagelaram & crucificaram.

## HISTERIA NO 2

setenta adolescentes fascistas do Colégio Objetivo criaram

no laboratório de química (com auxílio de alguns professores) uma substância hipnótica cuja finalidade é levar a vítima ao arrependimento seguido de crises de misticismo histórico.

Essa substância foi testada no bairro operário da Mooca &

durante 2 meses às 6 horas da tarde na avenida Paes de Barros os operários se reuniram para rezar.

Pólen costumava organizar sua vida às quintas-feiras  
mas  
estávamos numa quarta & sua loucura era da pesada  
sem  
distinção de raça credo ou cor & uivava pelas ruas com  
duas panteras pintadas em seu peito falando com os  
amigos  
sobre as poesias de Maquiavel, César Bórgia, Castruccio  
Castracani o herói das galáxias medievais no início da  
era  
burguesa dos chinelos & pincenê agora devidamente  
catalogada na Ruína Absoluta sem permeios kennedianos  
na mexerica & suas pompas fúnebres.  
O trombadinha quis saber se Pólen acreditava no lúmpen.  
O trombadinha tinha sido descabaçado por um esquimó  
bolsista da PUC. Pólen declamou doze poemas escritos  
contra a CIA. O trombadinha queria dar.  
Pólen o comeu ali mesmo, depois de roubar sua camisa.  
O trombadinha queria mais.  
Pólen então chamou seu amigo economista sádico &  
classicista & fez ele comer o trombadinha que suspirava  
dizia palavrões inflamados pedia para ser cintado &  
chamado de  
Arlete & toda a imaginação delirante de Eros irrompeu no  
cérebro do economista que queria ver a vertigem de  
perto  
antes de se converter para sempre ao ateísmo militante

soltando suas farpas contra a figura de Nonô o  
Curandeiro  
padroeiro do trombadinha.

## 2. OSSO & LIBERDADE

O Inferno de Dante é um paraíso. Esse era o slogan do clube fechado Osso & Liberdade cuja bandeira era um osso branco num campo negro. Adolescentes vestidos de veludo negro & rosa sentados em almofadões também negros & de veludo escutavam seu chefe Lindo Olhar declamar as estrofes finais do Purgatório de Dante. Eles eram especializados em Dante & Mário de Andrade. Para ser admitido no clube Osso & Liberdade o garoto deveria saber de cor 2 ou 3 capítulos de *Macunaíma*. Queriam a destruição maravilhosa do Caráter, como o entendia W. Reich. Esses adolescentes vindos da Penha, Vila Diva & Jardim Japão fundaram o clube Osso & Liberdade com a finalidade de divulgar Mário de Andrade, Dante & vícios requintados. Lindo Olhar olhou para seu querido amigo Pólen & acariciou a cabeça morena de Coxas Ardentes sentado ao seu lado. Coxas Ardentes queria saber se Virgílio no Inferno de Dante poderia ser interpretado como o símbolo da sabedoria humana. Um garoto mecânico chamado Rabo Louco com

olhos negros faiscantes & agressivos disse que sim.  
Vamos ouvir Villa-Lobos? perguntou Lindo Olhar  
dirigindo-se para o andar de cima do sobrado onde  
funcionava o clube. Todos o seguiram.  
Pólen ficou no andar de baixo com a secretária do clube,  
uma garota chamada Onça Humana.  
Onça Humana quis saber se Pólen conhecia um garoto  
meio  
pirado chamado Oscar Amsterdam que tinha vícios  
requintados & que gostava de ser comido por mulheres  
aparelhadas com falos de borracha & que gostava de se  
banquetear com carne de tatu assado no restaurante  
Sujinho aos sábados & colecionar amantes revisionistas  
para  
envenená-los (influência dos personagens de *O príncipe*)  
&  
jogá-los no rio Tietê depois de ter saciado feito uma  
Messalina adolescente seu apetite sexual louco & ter a  
caradura  
de ir jantar frango com polenta & declamar poemas  
de Lorenzo de Médici bebendo cerveja ou lendo algum  
artigo sobre a Iugoslávia ou trabalhando em algum  
manifesto de Política Cósmica batendo sua linda mão na  
mesa com manchas de vinho na toalha branca & coberta  
com alguns restos de salsa.  
Pólen disse que sim.  
Onça Humana agarrou Pólen & foram trepar atrás da  
cortina, porque Onça Humana gostava dos mocós dignos  
da  
sabedoria felina da Onça animal totem de muitas tribos  
de  
índios brasileiros & com eles ameaçada de desaparecer  
sem  
que ninguém fale nisso ou poucos falem nisso & Onça  
Humana queria que isso vivesse na mente permanente  
dos

garotos do clube & eles gostavam de Onça Humana que os observava gulosa quando os via enrabarem-se mutuamente ouvindo a Nona Sinfonia ou Chico do Calabar ou Guerra-Peixe.

Onça Humana tinha lido *Thalassa: psychanalyse des origines de la vie sexuelle* do Dr. Ferenczi & achava que toda mulher devia querer se apropriar do sexo do homem engolindo-o com a vagina úmida simbolizando a grande caverna feliz onde nadamos despreocupados. Os garotos do clube não transavam com Onça Humana.

Eles queriam reviver o ideal grego da Pólis. O Eros grego com seus cabelos cacheados & seus relâmpagos sexuais. Transavam entre si, com Pólen & alguns convidados especiais.

No andar de cima Lindo Olhar estava sendo enrabado por Rabo Louco enquanto Coxas Ardentes sodomizava Lábios de Cereja. Lindo Olhar contorcia seu corpo imberbe & maravilhoso debaixo de Rabo Louco que o devorava. Coxas Ardentes beijava Lábios de Cereja & o pedia em casamento.

No andar de baixo Pólen & Onça Humana viam um filme sobre sociedades secretas & se beijavam.

Lindo Olhar juntou-se aos dois & começou a lamentar seu grande amor perdido Mário que fora fuzilado por rebelião &

destilou sua amargura com a cabeça no peito de Pólen que

passava a mão em seus cabelos & Onça Humana chorou &

Lindo Olhar queria que Mário renascesse na forma de um pássaro etrusco voando para fora do túmulo & acumulando

ninhos amorosos na Lua ou num planeta solitário onde  
ele

Lindo Olhar iria encontrá-lo & beijar suas mãos  
novamente

& ser sua escrava enlouquecida & se vestir de cardeal  
adolescente renascentista & aparecer diante de uma  
imensa

fogueira na praia com uma tanga de pele de leopardo  
enquanto as gaivotas botariam ovos de veludo nos  
rochedos

do amor.

A sensibilidade de Pólen estava sem andaimes.



### 3. CHIANTI TENUTA DI MARSANO

*La bocca e le parole  
son l'arco e le saette che tu hai...*

MAQUIAVEL, "CANZONE"

Quando alguém atravessa a floresta cai o pano do grande teatro as unhas viram fogo & começa a destruição em nome da Fruta da Paixão suave pele de maracujá gigante vagina amarela dentro do luar a pequena cotia geme no ninho o cardume de piranhas devora as margens do grande rio as sombras da noite de lua iniciam uma nova religião. A Boiuna & o Dragão de Rosquinhas atravessaram o sistema nervoso transformado em geleia viscosa refeita & carregada de espuma Orgon deitando por terra o chefe da tribo das pequenas hordas. Tigrana preparava o ritual sangrento num altar onde ardiam dez archotes. Dez garotos da tribo seriam castrados em homenagem ao deus Tibério. Tigrana agarrou a tesoura sagrada & começou com um menino de

olhos negros & profundos. Seus grãos pularam fora  
&

foram imediatamente devorados por Ferfax, o gato-do-  
mato

que juntamente com a aranha Tarântula Mortis  
encomendaram uma grande bacia de cauim & se  
embebedaram.

Pântanos petrolíferos refletiam o olhar parado de Pólen &  
seus dois amigos:

Lindo Olhar & Onça Humana.

Lindo Olhar quer enlouquecer suavemente.

Onça Humana quer tomar vinho italiano & dançar samba.

Lindo Olhar diz que os vampiros serão mortos esta noite.

Um adolescente ruivo de olhos verdes chamado Entrega  
em

Profundidade acha que viu um saci galopando um touro.

Suas mãos tremem seus lábios idem. Bom dia boa noite  
lua

doente de luz mortiça & inflamada de desespero solar  
onde

passeiam tamanduás flutuantes sussurra Entrega em  
Profundidade. Coxas Ardentes rói uma azeitona & toma  
vinho do Porto. Rabo Louco acaricia os mamilos rosados  
de

Entrega em Profundidade. Pólen folheia um tratado sobre  
esquizofrenia nas costas nuas de Lindo Olhar que se vira  
às

vezes para beijá-lo longamente & morder suas coxas &  
tomar um gole de Chianti & imitar um pequeno leopardo  
cheio de mel lambendo com doçura suas longas mãos de  
mármore brando.

## O MANIFESTO DE LINDO OLHAR

Múmia vadia

Deixa a pirâmide pegar fogo & ouve o vento da noite  
onde

Anúbis domina

o Faraó morreu na orgia ao pôr do sol roxo de vinho

Múmia vadia

o amor atravessou seu caminho de ataduras  
enlouquecidas

colhe o frenesi na língua caótica dos deuses & pede

o abraço de Osíris deus da agricultura subdesenvolvida

Molha a alma no sangue da rebelião

volta a adorar os deuses semeadores de discórdias

Pólen carregou Lindo Olhar até o andar de cima colocou-o

sobre as almofadas de veludo negro & se beijaram até

amanhecer, quando o grande rio dilatou suas águas até o

fim do mundo & Lindo Olhar percebeu que o amor fazia

uma nova ronda em sua carne multiplicada onde as

guitarras da paixão deixaram marcas de dentes &  
pequenas

gotas de suor.

## 4. FESTIVAL DO ROCK DA NECESSIDADE

Flor obscena queimando os olhos das cobras com sua  
pasta

fosforescente, abre caminho até estes cabeludos fodidos  
da

vida com seus banjos de alucinação & a menina de olhos  
cor de laranja canta um rock pesado faça de mim o  
que você quiser que pede entre outras coisas que você

A DEIXE NUA BÊBADA NA ESTRADA DAS ILUSÕES SEM

as fronteiras entre acaso & necessidade.

Pólen comia uma maçã do amor em companhia de Lindo  
Olhar que acompanhava o ritmo do rock com os dedos  
batendo na pele do ornitorrinco.

As primeiras fogueiras foram acesas.

Pintou uma roda de samba-chinês-dodecafônico via Ezra  
Pound & um mulatinho que tocava pandeiro se  
transformou

numa borboleta vermelha com perfumes raros.

Suas asas batiam contra o coração do mundo um navio  
chamado Aurora foi recebido com 21 tiros de canhão  
enquanto a garota de olhos cor de laranja gemia no

MICROFONE SUA BALADA SEU CORPO ERA MINHA

BÚSSOLA APONTANDO A DIREÇÃO

& assim pedia o amparo trágico de algum pirado cretino  
chapado de encontro a um pinheiro com as mãos  
meladas

de vinho & fumo.

Os manifestos de Lindo Olhar se dirigiam aos cozinheiros

aos funileiros às manicures distraídas aos fabricantes de  
formicida aos garotos no dia posterior ao  
descabaçamento

às rãs & às manifestações do poleiro.

Coxas Ardentes era seu porta-voz & secretário-geral do  
clube

Osso & Liberdade.

Rabo Louco era especialista em blitzkrieg.

Lábios de Cereja organizava as sessões de orgasmo  
coletivo

& crueldades cristalinas.

Entrega em Profundidade se encarregava dos debates &  
dúvidas metafísicas.

# **ANTROPOLÍTICA DE ENTREGA EM PROFUNDIDADE**

1 — Transformar a praça da Sé em horta coletiva & pública

2 — Acelerar o processo de desinibição

3 — Provocar focos revolucionários na confraria reacionária

Unidos em Série

4 — Ouvir música tentando conceber o Universo Paralelo

5 — Pintar desenhos obscenos nas ruas

6 — Desmascarar os limites do mistério

Pólen amou Lindo Olhar debaixo de um ipê-roxo junto à fogueira.

O Agente Cartesiano tentou ganhar Coxas Ardentes no papo.

O Agente Cartesiano queria um festival de paixões & sonhava com manufaturas.

O Agente Cartesiano tremia ao ouvir palavras como: carga de

espinafre, gavião berolina, fundo da flor, polvo nômade, saci

prancheta, colarinho de gorila, nascido no mato, ovo de turco.

O Agente Cartesiano foi morto por Coxas Ardentes no melhor estilo renascentista com anel de veneno & tudo.

## A AGULHA DE TRICÔ CARISMÁTICA

(rock-balada: letra & música  
de Coxas Ardentes)

pele de foca Nabucodanduras  
ganhou uma lebre ao amanhecer  
gelou suas patinhas na crista da onda  
espetou seu coração no punhal  
do engraxate  
agora a costela escoteira corre a língua  
na bunda adormecida  
o punhal é anfíbio  
Coxas Ardentes tomou um gole de kirsch & seus olhos  
arderam em lágrimas pensando no hambúrguer com  
bacon  
por comer & seus amores passados & a solidão presente  
em  
marcha agônica de Wagner urso do salão nietzschiano  
propiciador de omeletes de queijo com vinho verde &  
batucadas porno-sambas de Luiz II da Baviera & Peter  
Gast  
tocando Zequinha de Abreu ao piano enquanto Cosima  
Wagner  
fritava salsichões vienenses para o grupo de filólogos &  
Nietzsche sonhava com o corpo de salamandra eslava de  
Lou Andreas-Salomé onde acendeu seu fogo dionisíaco &  
pitagórico para além do horizonte de palavras mortais de  
Coxas Ardentes que só terá descanso quando estiver nos  
braços do Andrógino Antropocósmico.

## 5. O ANDRÓGINO ANTROPOCÓSMICO

*À l'androgyné primordial,  
surtout à l'androgyné sphérique  
décrit par Platon,  
correspondent, sur le plan  
cosmique, l'Oeuf cosmogonique  
ou le Géant anthropocosmique  
primordial.*

MIRCEA ELIADE,  
*Méphistophélès et l'androgyné*

escreverei um tratado sobre o amor & o ódio  
escreverei um porno-samba na montanha mágica  
escreverei minha gula em Coxas Ardentes  
esta geleia de garças esta luva de pele de lontra esta  
curva  
de tuas ancas  
olhas em minha direção & o cachalote do desespero  
morde  
tua alma.  
Agarrado nas palhoças o inverno bate os dentes das  
favelas  
onde o garoto vomitando fezes cai com olhos revirados  
perto  
dos ninhos fedorentos da Usura & pare um ser mortal de  
olhos lilases como as figuras de Modigliani enquanto a  
chuva se dirige para os limites da Cidade.



O Andrógino Antropocósmico era como um menino na  
beira de um lago. Atira pedra faz xixi & pede peixinho.  
Ele atravessa as florestas durante a noite & ronda as  
cidades

brasileiras fazendo os adolescentes se contorcer em seus  
morenos travesseiros.

Eu gostaria de fazer a História disse Coxas Ardentes a  
Pólen

que mascava uma perna de centopeia.

Você ama o êxtase que conduz à luz transparente  
submarina

como a alma de um condor na floresta sacrílega aqui &  
agora perderemos a cabeça eu gostaria de assassinar o  
Andrógino Antropocósmico sem pestanejar & você  
casaria

comigo então, Pólen?

Coxas Ardentes era implacável.

Coxas Ardentes era uma rajada de metranca erótica.

Coxas Ardentes sabia onde se deve acariciar & como  
dormir juntos.

Momento algum você terá

o momento

eu alimento os deuses

com pedras & queijadinhas

antes de mim o dilúvio

depois de mim a vidraça & a pedra-pomes

você mordisca meu

pescoço exposto

no mato espesso

você me ama neste

chão agreste

antes & depois dos clubes

fechados onde Hegel entrou

farejou plantou & saiu

com novos cometas

dementes & fluídicos

o leitor é um  
puto  
o leitor quer dar  
& tem medo  
o leitor é um hipócrita  
irmão de Baudelaire

## 6. BAR CAZZO D'ORO

*... la physionomie n'est q'un  
assemblage de traits auxquels  
nous avons lié des idées...*

CONDILLAC

O adolescente estava sentado na mesinha com a maçã encravada no meio. *De l'assassinat considéré comme une des beaux-arts.*

Navios atravessavam sua cabeça-aquarius cabelos negros até os ombros sete braceletes em forma de nuvem no antebraço de marfim.

O relógio que bate as paixões delira.

Logos & Práxis. O adolescente sabe que os anjos estão mortos. Suas coxas latejam de tesão & calma. Girassol louco da manhã no Bar Cazzo D'Oro onde pequenas gotas de chuva servem de mundo ao outono enquanto a cidade desperta seus pardais bêbados de coca-cola cidade de São Paulo 77 um rio coaxando na memória gasolina linear & pedregosa no coração de 200 watts à deriva sem bacantes nas escadas cimentadas de dor & ódio fuligem mística dobrando os joelhos nos telhados onde brincam garotos gulosos de pão com manteiga seus carrinhos de rolimã de sonho mais iconoclasta uma dose excessiva de lindos pés púberes com dedõezinhos encardidos. Ganimedes Antinous mais velozes que o sal do prazer crescendo na bolha do orgasmo mais fundo

meus olhos dançam como serpentes fascinadas trovões  
anunciam uma chuva outonal sempre propiciadora de um  
suave Paul Desmond com seu sax alto floreando em  
staccato meu apartamento com amantes folheando  
alguns álbuns de Hieronymus Bosch & Paolo Uccello  
entre as almofadas de celebração paradisíaca mon petit  
moreno amante da penumbra olhos de onça consagrada  
corpo de caju sumarento escorrendo seu suco de verão  
Noite do Panamá eclipse dos anéis de Saturno na colcha  
mexicana momento do resgate força escorrida entre as  
coxas & sua boca cor de pitanga rosto onde um deus fez  
o ninho.

## 7. SBORNIA FILAMENTOSA

*Moi, ma route me suit. Sans doute  
Elle me suivra n'importe où.*

TRISTAN CORBIÈRE

*Imenso trabalho nos custa a flor*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

O pitecantropo as cidades gregas as doces cobaias  
requentadas & comidas nas favelas o divã da histeria  
relembrando sonhos tribais fuxico do chefe sandálias  
desafiveladas na casa das máquinas o prédio é de Maria-  
-Mole onde roncam cascavéis humanas minha mão é  
deus  
passo decisivo para *el tránsito del mono al hombre*  
miniatura da linguagem ruborizada Macunaíma-Pop  
aventais de luxo balançam nos varais de Cobra Norato  
*Panis angelicus* você sabia que Simão o Caolho vem para  
jantar? por que não o bispo de Berlim? a cicuta é grátis o  
corvo nada entende de política o jaburu come picadinho  
&  
tira a bengala do ar igapós sonham com coalhada a  
menina  
ficou atrapalhada na casa das máquinas tenebroso  
impeachment do caos Engels de turbante & *su Dialéctica*  
de

*la Naturaleza* (que Pólen leu chapado nas montanhas de Atibaia) cantando um agente da CIA de chuteiras cidades de metal precário um quimono para o Príncipe das Trevas dos ovos saltaram duas anãs obscenas que acenaram lenços alaranjados & partiram para sempre em direção à curva de nível. Deus é quimbandeiro.

## 8. QUEM GIRA?

*Um em miliumanoites?  
Toda minha vida entre eles,  
mas agora náusea.*

JAMES JOYCE

*O vermelho da tua boca  
selou sua entrada em trevas.*

GEORG TRAKL

Lemuriano antropocentrado na palma onde o mar engole  
a  
ilha surdez rolada contra o clamor do sabiá merda geral  
para quem não explorou nada a loucura a dois passos da  
morte mais dócil a seu gênio onde você está & suas asas  
de  
fogo tirânico fede sua morte nos goles da represa em  
fome  
universal & simples fomentando o inferno corintiano de  
suas  
coxas brancas no futebol de várzea onde andam os  
nenúfares de outrora? musgo difteria lagartos  
repousando  
paleoliticamente a cabeça nos caroços, manadas de  
relâmpagos na taça mais alta seus olhos choram  
orquídeas  
carcarás & cochilos mastigando o galetto na brasa do  
crepúsculo entre as novas constelações assobiando nos

jardins Pólen deitava seu corpo num único sono com  
Lindo  
Olhar samambaias protegiam esse doce par de deuses  
egípcios, bumerangues lançados ao luar, na barca acesa  
no  
porto de tartarugas elétricas chove caubóis na América  
Latina, dinossauros voltam para suas minas de estanho  
florações de amêndoas nos braços de Lindo Olhar que  
geme  
baixinho & abre as pernas naquela escuridão telepática  
rastros de icebergs malucos suculentos & femininos  
corações  
embalados cidade profetizada longe em seus mananciais  
de  
chocolate & talco. Acorda pássaro cego amaldiçoado em  
espécie dores do imenso parto levado até o fim da noite  
corpos fugindo toda a fadiga do mundo em seus lençóis  
de  
sonho os cabelos longos das algas tudo acontecendo ali  
pertinho: os nomes desconhecidos a elipse o azul da  
garganta.



## 9. NORTE/SUL

A caravana ladra & os cães passam  
você mijá na boca aberta da bicha  
os anjos quebraram suas coxas no muro do hotel todo  
vermelho de susto  
o leitão blindado dança no zigue-zague de Hieronymus  
Bosch  
seu tango de petúnias  
o botão de controle da Sala das Torturas  
no porão do hospital é um olho parado amarelo  
vozes cachos de tâmaras tafetás rasgados de onde salta  
a noite  
gritos de garotos de botas & biquínis  
sendo flagelados por vinte putas alucinadas de  
cocaína  
corredores apinhados de gerentes de banco  
dando o cu para druidas com os paus embrulhados  
em  
celofane  
peidos sintonizados de vinte mil pombas no telhado  
*La terra trema*  
galáxias alvejadas derramando seu suco sobre nossas  
cabeças  
Hitler sacudindo seu pau mole para os Capitães de Areia  
locomotivas nas planícies bêbadas de vinho  
ilhas magnéticas rolando pelos mares  
com seus pássaros exóticos tocando banjo & flauta  
doce

o garoto sofreu o ataque da ave de rapina chamada Zeus  
&

seus testículos hipnotizaram a luz do sol vedando a  
adoração da luz para os patriotas do porno-samba &  
suas  
matracas tatuadas

*La terra trema*

a toca do coelho paranoico & sua Baviera de folhas  
verdes

ronronando até o ponto máximo da febre amarela

*Muchachos ragazzi garçons boys* garotos com vaselinas-  
antenas

duplas mãos na escadaria da pensão Coração  
Adormecido pés

descalços pisam bocas entreabertas dos irmãos  
transbiológicos

travesseiros recheados de penas pornográficas

voo rasante da última senzala iluminada gargalhando de  
esplendor

## 10. ANTÍNOO & ADRIANO

*L'énigme du labyrinthe est  
celle-ci: comment descendre  
jusqu'à Dionysos sans perdre  
la connaissance du chemin?*

A. KREMER-MARIETTI,  
*L'homme et ses labyrinthes*

*The rain outside was cold in  
Hadrian's soul.*

FERNANDO PESSOA, "ANTINOUS"

Esta é a zona batida pelos afogados  
Esta é a velocidade máxima de quem submerge  
aqui as romãs romanas não crescerão mais  
& duas águias de névoa orvalhando sandálias  
adolescentes na grama de primavera escrevem  
a palavra *remember*  
o doce Antínoo com seu arco carregando  
corações maduros na aljava na fenda-essência  
da história  
os semáforos do tempo acendem seu sinal  
verde por cima de sua  
longa cabeleira  
este doce garoto  
partiu o coração do imperador

o Império adorando um deus adolescente afogado no Nilo  
sem esperar a Manhã egípcia chegar  
Adriano chorou o resto de sua  
vida na *villa* ao sul de Roma  
as paredes rachavam pelas tardes  
deixando entrar as lembranças  
houve um tempo nas montanhas da  
Bitínia quando as caçadas se prolongavam  
até a hora do amor  
o vinho Falerno aderindo aos estômagos  
vazios enquanto os olhares se  
cruzavam sobre o javali assado rodeado  
de frutas  
este amor construiu seu império na  
memória & as escamas de  
meu cérebro caem ao contato de  
seus dedos  
os poetas latinos ouviram provaram  
entenderam este tesouro afundado  
nas tripas do tempo  
resta o vento de verão nos caminhos  
onde eles andaram

## 11. BICHO-PREGUIÇA

flores calvas  
calmas  
colunas de fumaça  
dançando  
na Lua nua  
seus beijos dançam  
em minha boca vermelha  
estrelas azuis folhas calcinadas  
o parque é um sonho vegetal & seus olhos zumbem  
vocês atravessam a ponte do delírio  
Bem-te-vi bebendo o orvalho  
na palmeira  
correrias de crianças criando o caos  
colorido  
o parque espreguiça  
onde você estiver esta tarde de janeiro 77  
gostaria de receber seu coração por Via Aérea  
com todas as pérolas do amor com mãos dadas  
percorrendo as ruas à procura do Rumo  
andaimes partidos na alma amassada na  
mesma hora hora  
tudo feito sob medida de um terremoto  
seus dentes brilham na noite  
a boca cheia de mostarda todo mundo quer participar do  
Dolce Stil Nuovo assim chamado por aparentar um  
altiplano  
no centro imaculado dos fios de ovos & suas grutas de

cerejas cristalizadas bem no final da avenida Paulista  
num  
barzinho onde se reúne um pessoal bem-disposto  
escrevendo  
poemas como flechas incendiadas incrível sexo  
lambuzado  
com flores & sua nota trágica & perfeita entre os  
alambrados de carne crua bem no alto da serra da  
Mantiqueira os nomes conjurados em conjunto: boi Ápis  
reserva de quatis definhados em Paris & Babilônia fonte  
de  
Nova York descendo a crista da onda lulus mecanizados  
de  
Istambul fundo da fruta-pão no cacau exterior onde  
iremos  
parar nesta selva de silhuetas obscuras? Acelerando seu  
fim  
pela tempestade sexto rosto desaparecido no cinema  
mental  
de King Kong cheio de excrementos de Valquírias onde  
ancorar seu triângulo amoroso mais prateado do que  
todos  
nós?

## **A VIDA ME CARREGA NO AR COMO UM GIGANTESCO ABUTRE**

A verdade dos deuses  
carnais como nós & lânguidos  
não provém do nada  
mas do desejo trovejante do coração  
partido pelo amor  
em sua disparada pelo rosto de um  
adolescente  
com sua fúria delicada  
cruzo avenidas insones & corroídas  
de chuva  
minha mão alcança minha dor  
presente  
& me preparo para um dia duro  
amargo & pegajoso  
a tarde desaba seu azul sobre  
os telhados do mundo  
você não veio ao nosso encontro & eu  
morro um pouco & me encontro só  
numa cidade de muros  
você talvez não saiba do ritual  
do amor como uma fonte  
a água que corre não correrá  
jamais a mesma até o poente  
minha dor é um anjo ferido  
de morte  
você é um pequeno deus verde

& rigoroso  
horários de morte cidades cemitérios  
a morte é a ordem do dia  
a noite vem raptar o que  
sobra de um soluço



## **PORNO-SAMBA PARA O MARQUÊS DE SADE**

esta homenagem coincide com a deterioração do Gulag  
sul-americano minado pela crise de corações &  
balangandãs  
econômicos onde se mata de tédio o poeta & de fome o  
camponês & sobre os pés femininos se calça a bota de  
chumbo de várias cores gamadas com Hitleres de  
plantão em  
cada esquina recoberta de saúvas & amores  
escancarados  
como túmulos onde tuas coxas, Marquês, servem de  
amparo  
delicado para o garoto que chupa teu pau enquanto uma  
mulher ruiva te cavalga Assim, anotemos o nome da  
vítima-orgasmo-blasfêmia antes que as araras entrem na  
orgia com seus estimulantes bicos recurvos & um  
estratagema de cipós afague os sóis da desolação  
cotidiana em nível de Paraíso A noite é nossa Cidadão  
Marquês, com esporas de gelatina pastéis de esperma &  
vinhos raros onde saberemos localizar o tremor a  
sarabanda  
de cometas o suspiro da carne.

# **20 POEMAS COM BRÓCOLI**

*... ce qui t'est demandé est la  
pureté de l'enfer — ou, si tu  
aimes mieux, de l'enfant...*

GEORGES BATAILLE, *L'Alleluiah*

I

última locomotiva. gregos de Homero  
sonhando dentro do chapéu de palha.  
últimas vozes antes dos lábios &  
dos cabelos. sonoterapia voraz.  
você adora as folhas que caem  
no lago escuro  
este é o banquete do poeta  
sempre  
querendo  
penetrar  
no caroço  
da verdade.  
nariz do garoto negro apontando para  
a praça apinhada de tucanos sambistas.  
você tranca o planeta.

II

Baudelaire sangrou na ponte negra do Sena.

molécula procurando a brecha do  
universo & suas trezentas flores.

assim é a lucidez

o swing das *Fleurs du Mal*.

completa tortura roendo a  
realidade

&

*l'immense gouffre.*

todas as paixões / convulsões no

espelho. Baudelaire & *ses fatigues*

rumo à pálida estrela.

III

a escavadora de corações. vento vindo do Jaraguá  
cortando a cidade em dois pedaços.  
bolso tilintando de nozes. os poemas-leopardo  
deslizando entre tuas coxas.  
telefone mudo da voz estrangulada  
no décimo degrau. grau zero da  
escritura. esta mensagem / esta braçada  
de cravos.

(escrito depois de  
reouvir "Charles Anjo 45"  
de Jorge Ben)

IV

diamante do teu cérebro. entre a vida & a  
morte. áspero clorofórmio / tripas mais  
doidas que escorpiões. parede azul-clara.  
degraus do teu beijo na escuridão  
da avenida. membranas.  
mão esquerda.  
veloz. veloz. veloz.  
aviões apitando. olho dando início  
a alguma coisa.

v

roleta de vertigens. orvalho imigrante.

mariscos suspirando na paella.

carcarás dormindo na tua alma.

as lágrimas rosnam.

jardins com pitangueiras.

um bilhão de meteoros em férias

& você põe fogo no bar.

maneira brejeira de agradecer

o misto-quente.

(lição de  
amor para serpentes)



VI

o cacique tomava chá com seu corpo pintado.  
o pajé dançava com a casca do  
gambá.  
você brincava com meu caralho.  
Macunaíma & Alice no país da  
Cobra Grande.  
mesma estrutura narra-ação &  
barroco elétrico pinçando  
estilhaços de visões.  
palmeiras de cobre.  
meu cu como bandeira  
do navio pirata.  
a Lua começa a cantar.

*("éruptions de joie,  
Qui font rire le Ciel,  
muet et ténébreux")*

BAUDELAIRE

VII

mestre Murilo Mendes tua poesia são  
os sapatos de abóboras que eu calço  
nestes dias de verão.

negócio de bruxas.  
o sol caía na marmitta do  
adolescente da lavanderia.  
você veria isso com  
seu olhar silvestre.  
um murro bem dado no vitral  
que eu mais adoro.

(“Eis a hora propiciatória, augusta,  
A hora de alimentar fantasmas”)

MURILO MENDES

VIII

a tarde que passa escorrega. jazz & o  
brilho das árvores.

o deus Pã de Brecheret &  
chuva fina no bicho-preguiça.  
creme das bicicletas em flor.  
constelação qualquer deitada  
na cama do universo.

jenipapo prata do sonho.  
você carrega a paisagem.  
(as mandíbulas do  
mundo no dia do  
violador)

IX

corra como se você fosse o ÚNICO de  
Max Stirner.

Sem Deus Nem Senhor.

rubi dos muros cobertos  
de musgo & caranguejos.

nenhuma luz. a esquina sangra.

múmia surda em chamas ladeira  
abaixo.

o mundo virou do avesso.

(dedicado a todos  
os garotos  
rebeldes & depravados)

x

o Amazonas espera para transbordar.  
essa tragédia vai ser uma beleza.

braseiro

& seu roteiro na rua.

você quer se fechar no quarto  
onde eu estou.

a noite ergue a cabeça.

coração de cristal / o vulcão se ilumina.

astro berrando em seu ombro.

corpo rolando neste clima de  
lagarto.

o amor é uma ponte de  
brinquedo.

ele dança no pescoço da manhã  
à noite.

só dois monstros na trincheira.  
garotos-filósofos de Platão carregam  
    buquês dos invernos que agonizam.  
a cidade ficou louca.  
    a lua aparece & some na minha mão.  
quero ver você sangrar no skate das  
    ilusões perdidas.  
bem na curva do horizonte onde  
    os demônios fazem  
    ninhos.

*("et sa voix sur un luth, voluptueux accents,  
lui soupire en chanson la langue des  
Persans")*

ANDRÉ CHÉNIER

*ci riguardava come suol da sera  
guardare uno altro sotto nuova luna*  
DANTE, *INFERNO*, CANTO XV, "I SODOMITI"

adolescentes violetas na porta do cinema.

Bar Jeca esquina da São João/  
Ipiranga.

revoada de revoltados. maravilhosos. jamais  
capitular.

pijamas, família, tv doméstica: a  
ordem Kareta se representa  
a si mesma.

corpo doce-delicado-quente na manhã alaranjada.  
o planeta entra na órbita do  
coração.

XIII

os expressionistas alemães têm poemas que abrem  
brechas na realidade.

Georg Trakl & Gottfried Benn.

o veludo do cérebro + anjos vermelhos com  
indicadores enterrados nos corações.

a desordem tem um belo lugar em  
suas vidas.

barracudas.



*para o Carlinhos*

vou moer teu cérebro. vou retalhar tuas  
coxas imberbes & brancas.  
vou dilapidar a riqueza de tua  
adolescência. vou queimar teus  
olhos com ferro em brasa.  
vou incinerar teu coração de carne &  
de tuas cinzas vou fabricar a  
substância enlouquecida das  
cartas de amor.

(música de  
Bach ao fundo)

xv

a cidade com sol vista do alto de um terraço.  
luz sombra cor & estranhas vertigens.  
cabeças decepadas.  
últimos centauros trotando nos parques.  
últimos amores nas tocas antes da noite.

XVI

abandonar tudo. conhecer praias. amores novos.  
poesia em cascatas floridas com aranhas  
azuladas nas samambaias.  
todo trabalhador é escravo. toda autoridade  
é cômica. fazer da anarquia um  
método & modo de vida. estradas.  
bocas perfumadas. cervejas tomadas  
nos acampamentos. Sonhar Alto.

XVII

quero dividir com você a ventania a morte  
& as flores do pessegueiro.  
sinistras aves de rapina.  
fontes de mel. pequena cidade do  
interior donde você brota como  
Amor-Perfeito.  
imensa & delicada adolescência.  
tambores dos quintais & do riacho  
nas asas dos anjos da Memória.

XVIII

saunas & supermercados. garoto nevado.  
caminhões de banana levantando poeira  
na rua sem calçamento.  
dois cus & um Mandrake.  
pimentões & cebolas na entrada da  
quitanda.  
deuses pagãos galopando  
ditirambos.

XIX

o garoto engole a flor. mistura de  
serpentes. seus olhos acendem  
miosótis na dissipada  
ternura do neon.  
dançarei no musgo do teu coração  
onde as estrelas do  
amor caem feito  
ducha.

xx

vocês estão cegos graças ao temor  
olhares mortos sugando-me o sangue  
não serei vossa sobremesa nesta curta  
temporada no inferno  
eu quero que seus rostos cantem  
eu quero que seus corações explodam em  
línguas de fogo  
meu silêncio é um galope de búfalos  
meu amor cometa nômade de  
riso indomável  
façam seus orifícios cantarem o hino  
à estrela da manhã  
torres & cabanas onde foi flechado o  
arco-íris  
eu abandonei o passado a esperança  
a memória o vazio da década de 1970  
sou um navio lançado ao  
alto-mar das futuras  
combinações

## POSFÁCIO

“O poeta faz-se vidente mediante um longo, imenso e sistemático desregramento de todos os sentidos.” Assim Rimbaud definia a passagem da Poesia para a Vidência. Tendo essa afirmação em mente, o leitor deve entrar neste livro para percorrer as veredas do Sonho & da Paixão através das quais cheguei a reunir estes estilhaços de visões.

O poeta, é Rimbaud ainda quem fala, definirá a quantidade de desconhecido que na sua época desperta na alma universal...

Este livro foi escrito repensando os amores presentes & passados & onde São Paulo como uma Sereia de Neon & Mistério contribui também com sua canção cotidiana.

Repensei também os três anos de 1959 a 1961, quando participei do curso sobre a *Divina comédia* dado pelo saudoso professor Edoardo Bizzarri no Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro. Durante os três anos de duração do curso, lemos, comentamos & discutimos os três livros de Dante (Inferno, Purgatório & Paraíso) que compõem essa Suma Poética que é a *Divina comédia*, no que ela tem de loucura, iluminação, beleza & linguagem cinematográfica em plena Idade Média.

Foi repensando Dante Alighieri & relendo o Inferno & o Paraíso (na magnífica edição ilustrada que me foi presenteada pelo escultor italiano Elvio Becheroni) que surgiram, numa síntese caligráfica & na eletricidade de



uma manhã paulista de 1979, esses *20 poemas com brócoli*.

Foi frequentando uma sauna do subúrbio que inventei o molho propiciatório para este casamento do Céu & do Inferno.

As pequenas estufas de vapor para duas pessoas nessa sauna me deram a imagem paradisíaca das *bòlgia* onde os danados de Dante sonham eternamente. Mas os garotos do subúrbio são anjos...

Marinetti, Reverdy & o jazz têm também muito a ver com este livro no que diz respeito ao Ritmo.

No mais, os leitores que fizeram uma boa síntese entre Poesia & Vida terão grande oportunidade de se descobrirem nesses flashes.

A loucura está nas estrelinhas deste subterrâneo & a poesia age às vezes como montanha-russa:

*salimmo su, el primo e io secondo,  
tanto ch'i' vidi delle cose belle  
che porta'l ciel, per un pertugio tondo;  
e quindi uscimmo a riveder stelle.*

DANTE, *INFERNO*, CANTO XXXIV, VERSOS 136-9

ROBERTO PIVA  
São Paulo, 31 dez. 1980

# QUIZUMBA

Quizumba. *Bras. Pop.* Conflito em que se envolvem numerosas pessoas. [Sin. (nesta acepç.) quase todos eles bras. e pop.: arruaça, confusão, embrulhada, desordem, banzé, rixa, água-suja, alteração, angu, angu de caroço, arranca-rabo, arregaçó, arrelia, bagaçó, banzé de cuia, banzeiro, bruega, chinfrim, coisa-feita, cu de boi, esparramo, esporro, estalada, estripulia, estrago, estrupício, fecha, fecha-fecha, forrobodó, furdúncio, fuzuê, pega, pega-pega, quebra-quebra, salseiro, sarapatel, sarrabulho, surumbamba, tempo-quente, aperta-chico, arranca-toco, baderna, bafafá, bafa, banguelê, berzabum, destranque, fandango, frevo, fubá, gangolina, grude, pampeiro, perequê, perereco, pipoco, porqueira, quebra-rabicho, safarrascada, sangangu, sururu, trança, trovoadá, turundundum, rifici.]

*O ar estava duro, gordo, oleoso:  
a negra dentro da madorna;  
e dentro da madorna — bruxas desenterradas.  
No chão uma urupema com os cabelos da moça.  
Foi então que Exu comeu tarubá  
e meteu a figa na mixira de peixe-boi.  
[...]*

*Eis aí três cirurgiões cosendo retrós,  
a bela adormecida no século vindouro  
que esquecerá por certo a magia  
contra tudo que não for loucura  
ou poesia.*

JORGE DE LIMA

*... e sotto l'imagini sensibili e cose materiali  
va comprendendo divini ordini e consigli.*

GIORDANO BRUNO, *De gli eroici furori*

*De repente, com um catrapuz de sinal, ou  
momenteiro com o silêncio das astúcias, ele  
podia se surgir para mim. Feito o Bode-Preto?  
O Morcegão? O Xu? E de um lugar — tão longe e  
perto de mim, das reformas do Inferno — ele  
já devia de estar me vigiando, o cão que  
me fareja.*

GUIMARÃES ROSA, *Grande sertão: veredas*

## 1. CHOVIA NA MERDA DO TEU CORAÇÃO

antenas de tv lambuzadas de veneno / caminhões despencando dos eucaliptos / doze picadas de sal de anfeta na manhã embolorada da alma / você assava pulmão de abutre / partia pra Pensão Estrada / eu vi a amora gotejante do Sol depois do primeiro Purple Haze / fazia calor na Cantareira / garotas apodreciam / guinchos dentro do mato anunciavam Alguma Coisa / Hendrix & movimento submarino / Algas / flores no Cio de Metal / Gulash & Cristais / garotos na Rural Wyllis tocando bongô pra Lua / olho-laser estocando minhas células cervicais / flores canoras nos canteiros de borrachudos / total motores / eixo desmanchado em partículas de poeira pulverizadas em Sonho / Morte do pêssego pródigo / só nós dois no coração da canção / desenhos animados em câmara lenta no cartaz do ônibus / punhais das sessões Zig-Zags / festa pagã do troca-troca religião da infância / Hotel na plataforma espacial do largo Paissandu / plantando quiabo nos jardins da praça Clóvis / misturando as mídias / Plátanos via satélite com folhas de amianto / Coaxando na tv programa Antunes Filho em 63 / Ode Marítima em ritmo de Spansule / Jorge de Lima no Vulcão-Memória / bombordo do Bateau Ivre / Kelene Geral congelado na alquimia / Carnaval de Genghis Khan / vinho branco / hora da lasanha com perfume / Wesley inventando o bicho que quebrou o pescoço / nos quintais tudo bem do Planeta / vou por aí no chão de estrelas onde a borboleta caga assassinato nuclear / Foi assim o

fim sem fim do Serafim Ponte Grande? / sem maiores /  
pra lá de Bagdá & da quadra de basquete / no azul  
daquela serra onde nasceu Iracema & Oswald Spengler /  
decadência do tango argentino visto na televisão  
ocidental / ócio & tal / Cobra Norato graças a deus era  
tarado / esporte do fim do mundo / Cruz Credo como diria  
Pedro II/ Você ia à deriva no rio do meu amor cabeludo /  
mostrando as coxas na estação como um garoto canalha  
/ baganas aos sóis das constelações / nos meus braços  
você foi deus & puta.

## 2. ALGUMA COISA EM SATURNO QUE NÃO CONHEÇO

Filippo Tommaso Marinetti era uma rã no aeroplano / todo de alumínio Zung Tumb / minha morte gula do céu azul / meu amor buldogue de pólvora / garoa de moedas / matinês no corpo do garoto nu / Punktorrada / meu massacre preferido / rosas-chá da belle époque / pra ter visões bastava ligar teu cu na tomada / bacio del fanciullo elétrico / Jorginho Jane Birkin / 16 anos & 3 de crime / tártaros na pradaria / anarquistas de Bonnot esperando a Guilhotina / Mailove / Wittgenstein coberto de pétalas radioativas / trilhões de sabonetes de tocaia / cabelos cacheados do Exu Erva-Doce / anjos de pipoca / eu peneirava tudo: da estrela-do-mar até a língua do panamenho / coração de Urânio Puro / só na moita / veleiro tecnicolor sob os ventos da Paixão / cultivando rosas na tua boca / Verbenas.

### 3. VÊNUS 9

Conversa com Mautner & Jacobina no Ponto Chic /  
Maracatu que Gil gravou com voz de crioulo de Quilombo  
/ tradição Villa-Lobos / dança do índio branco / formidável  
veneno de pantera / o cometa toma Crush / Califórnia  
Sunshine de novo atrás da igreja / guerrilheiro de  
emoções / Augusto dos Anjos / San Juan de la Cruz /  
figuras de alta voltagem do espírito + Bloody Mary  
matinal / queria estar no Rio no Espírito Santo queria  
comer empadinha na onda preferida de Iemanjá / Dante  
afinou o piano ocidental no buraco ameno do purgatório /  
figuras suaves figuras mortas figuras suaves / Claudio  
Willer olhando a Lua através do córtex de sua amante /  
ministro do interior? / vidros em procissão no presépio da  
história / este espelho ampliou Napoleão / lente polida  
por Espinosa / calpestato dagli Ebrei / no mínimo o bater  
de asas do anjo da história ouvido pelo conde Von  
Krosigk / moquecas de malefícios / na boca torta da tarde  
/ lagartos perdem o fôlego / as horas espiam.



## 4. ARDOR DA ÁGUA

Papo com Julio Bressane & Jairo Ferreira no Cachação /  
Lésbicas discutindo semiótica / saídas de um filme de  
Bressane / saídas de um poema de Roberto Piva / o arco-  
íris toma jeito / estilo Farinata no Inferno / Carma da  
pesada & fuorilegge / caipirinha B-52 / noite de cobalto /  
espectro radioativo dos políticos dos Pampas / garras de  
Kamikase / Bacanal na sauna / garoto pendurado no  
Porta-Estandarte / menino loiro materializado na praça  
Roosevelt / Relendo os gregos / Cheeseburger ditirâmico  
de Arquíloco / Teógnis & seu boy Cirno arcangélicos /  
Sonata no Caos de Calcário / Marijuana nos soluços dos  
violões de Outono / fantasmas com línguas reais /  
Caramanchões de Maracujás para sempre / eu levanto o  
Selo da Morte / mestre das oferendas Verbo Mágico /  
mansão de milhões de anos / Osíris imperador da  
Eternidade / deusa-escorpião / quermesse no Zodíaco /  
Rimbaud Diadorim Billy the Kid / Hesíodo seu dote é  
ainda a Terra & o mar infecundo / primeiros deuses Titãs /  
ventre contra ventre & coxas contra coxas (Arquíloco) / ...  
do lado paterno ilustres descendentes de peidômanos  
(Arquíloco) / tambor tambor tambor / armaduras  
reviradas na batalha / o Mundo é uma ânsia / pássaros de  
seda na Enxurrada / Minha canção é pura / minhas tripas  
são loucas / Fernando Pessoa & o mar Egeu / flores na  
palma da madrugada.

## **5. VIKING 1**

Queria reler Vico mas não posso / queria ler fico mas não  
fossa / queria tomar pico mas na roça / queria virar mico  
sem a coça / queria ouvir Chico lá na choça / queria ficar  
rico sem a joça / queria ver o Angico na palhoça / queria  
ser Cristo mas na nossa / queria ser lírico na poça /  
queria mais um tico dessa troça.

## 6. O PRÓPRIO BODIDARMA RESPONDEU

*No meio do eternamente sereno,  
nada de questões ociosas*

YOKA DAICHI, *Shodoka*

Só acredito na geleia genital / ânus solar / azeitona com pimenta & vinho rosé / batuque malandro na circunferência da cintura / âmbar & basalto eternizados / ânforas de rubis / sono entre os braços do menino que me deixa bêbado de Sonho / arca do espírito / polias polissêmicas / cachaça com angu / fontes minerais & totais / Artaud & Bruno & Trakl / fila de meteoros assuntados / veludo dos motores azeitados / minha flor em 15 dialetos / noite nos meandros da rosa / Bestione / minha mão vacila / alguém ficou mais ao norte de mim mesmo.

## 7. BEIJA-FLOR BADULAQUE

nus & feéricos / olho no gatilho meia-lua / nado esta manhã a favor da correnteza / à deriva / no miolo do furacão / eu era uma Sibila entre os gonzos da linguagem / Samba-Vírus / exus nanicos carregando cabaças de pedra da Lua no portal do meu ouvido / cruzamento das avenidas Assassinato & 69 / garoto-pombinha no balcão da lanchonete / esperando o pernilongo da Morte / estrelas rachadas gotejam leite dos deuses / é com este que eu vou sambar até a Pradaria Kamikase / no trecho Belém-Brasília da Teogonia / Verlaine aparece debaixo do tapete / chá para dois / absinto para dois / Rimbaud para dois / Gerry Mulligan para um / circo místico do coração-travesti de Jorge de Lima / boiada estourada sem controle rumo ao estômago de Xangô / babando arco-íris radioativo / sol na brecha / na fresta / na festa / confetes de cocaína nos salões de Madame Ming / relâmpagos acompanharam a Visão.

## **8. EU DARIA TUDO PRA NÃO FAZER NADA**

*para o Gilberto Vasconcellos*

Lulu mandacaru garoto nordestino cabra da peste peixeira enterrada no palmito com mel de cometa jabá na algibeira querendo ler poesia de Gregório de Matos para pôr em prática sem matar o irmãozinho da esquina sul do largo São Bento antes que a Sucuri da Tristeza te devore cor de opala sem máscara de ver vampiro nos planetas distantes parecido com Pound quando criança gentiluomo dos cactos coxas acetinadas de sereno posando para o microfilme da ternura unificada no presépio onde você é adorado como um novo Nero da caatinga serviu como lavador de pratos no restaurante Giovanni sabendo agora ser Buda pela manhã trapezista à tarde & batedor de carteiras ao anoitecer.

## 9. CHOVIA NO TEU CORAÇÃO DE MERDA

Big Jim Colosimo / metranca do Saber / Aureus asinus  
against Catilina / Bugios no quintal / Ida & volta do Cu  
Constelado / Mambo no sintetizador de Timbuctu / varíola  
entre os piratas / varrido pelos piratas / Long John Silver /  
15 homens no baú do morto / Exu Gargarejo / fodendo o  
garoto no bunital / cachaça & vaselina / espelhos  
nascendo num outro tremor / anjo doente & licoroso /  
luas de bolso / Riobaldo & Diadorim: heróis-escaravelhos/  
com quantos punhais construiremos o quarteirão da  
Paixão? / cuíca-cascavel / garoto bêbado chupando o pau  
do travesti / Santa Cecília by night / cafungando / Jorge  
de Lima com seu girassol de coalhada fresca / Batuque /  
Exu comeu Tarubá / John Cage & a violeta de Parma /  
deus submerso / de manhã estrelas verdes / Vous êtes de  
faux nègres.

## **10. JORGE DE LIMA + WILLIAM BLAKE + TOM JOBIM. DANTE OBSERVA**

Papè Satan, papè Satan aleppe / Stradivus cordis meus /  
formavulva falastros / ripus Nicomedis / fla-flu  
Kricotomba / cantus Servilius / Baudelaire-Maxixe /  
fontana efó luzes pardoin / farofa extravivax vox voluptas  
/ moqueca / cachimbando cullus puer / Monte Branco  
belladona / Montagu / Pasolini-panqueca / formas tuas in  
natura / pour toi / Plebiscito Bakunin sin nombre ni  
sustancia / tus pecados / dans le salon de danse / Mon  
gosse Lewis Carroll / suchiando le bambine / na calçada /  
na porta do hospício / eu você nós dois aqui neste  
bagaço à beira-mar / Curiango / tiger / milhafres / sai de  
baixo.

## 11. A COREIA É NA ESQUINA

Assim não dá meu tesão  
eu começo a sonhar com você todas as tardes  
& você lá em Santos  
comendo amendoim  
vendo anjos nas cebolas do mercado  
navios entram & saem do porto polidos  
eu corto as veias & rego meu queijo minas  
você me ama eu sei & me envaideço  
amoras jorram a beleza anarquista de suas  
coxas molhadas  
o peixe-espada pode lhe declarar amor  
eu penso nestas ilhas perfumadas  
mas o caminho de volta eu só conto  
a este urubu em carne viva  
que grasna na sacada.



## 12. CLIENTE DA MUCOSA

Exu comeu Tarubá & você nunca  
foi a Paramaribo  
quando garoto eu me impressionei  
com o estudo de Lawrence sobre  
Edgar Allan Poe  
nunca mais esqueci  
assim como não esqueci Ferreira da  
Silva & nossas leituras de  
Sein und Zeit  
hoje eu posso me virar do avesso, amor  
como o escorpião que injeta no  
seu braço  
leites vindouros não jorrados  
doce choque na porta de suas tripas  
o suor é amigo & concubina  
neste sol maluco que azucrina  
& me faz levitar amando as  
estrelas derrubadas.

### **13. HÉLICE DAS CONSTELAÇÕES VELOZES**

Rengastein Rocha descobriu a pedra filosofal numa enxurrada em Caieiras / Bicelli tem uma teoria sobre o ar comestível / o espaço dança como um antiquário / forno das ilusões / cocada no coração / gigantes / Vico na quimbanda / mãos em brasa / quarteirão mastigado / olho do anjo na lagarta giratória / oh todas as estrelas do meu samba / oh Genet au souffle des chansons / oxigênio de Panzer / desapareições / Pentecostes / veleiro partindo na marmitta / Partitura do Grande Envenenador em pessoa / bilhar de pólen na corola do Universo / Francis Picabia corno você é maroto! / guardas de Netuno / a linguagem se abre / andorinhas urrando Silêncios / Antárticas / garoto da pirataria com muitos cometas nos braços / Abraão de Souza & o nocaute paralelo / África buon giorno / óleos vegetais & mariconas.

## 14. EM 68 SÓ FIZ 69

Coleridge / Canção do velho marinheiro / pena de pavão  
pavoneia o pálio / carnèfice / Netuno & sua tribo / boa  
festa verão / medusas & mercados abandonados / Guido  
Cavalcanti / lo piacer mi stringe tanto / na gandaia & na  
missa dos tarados / cachos de glória & ouro / gatos  
tranquilos / comunas dando o cu pela primeira vez /  
hortelã-pimenta / águias noturnas / mascates  
mascarados / Verhaeren no banho quente / última  
aparição de Deméter em Delfos / folhas amarelas no  
retrato / lebres / cabeleira de amianto das Sereias /  
javalis no largo da Pólvora.

## 15. BATUQUE I

dragão na quizumba é quem governa / olho na direção  
do coração roxo & com febre / Macumba de amor no céu  
solto / glória meu Orixá-Samambaia / garoto porta-  
estandarte da Unidos da Tijuca / entre minha mão & o  
cometa / bem pertinho do povo da mata / Cobra Norato  
apareceu pra mim nas matas da Cantareira / verdoenga  
feroz enxurrada de punhais / tapete de musgo de veneno  
/ Raul “be” Bopp / o que caboclo / no cu de coral da  
assombração / ritmos de espuma / escorpião berrando no  
pau podre / centopeias ferroam na moita / cortando o  
guincho do garoto-morcego.

## 16. BATUQUE II

João Guimarães Rosa / flor do demo pegando fogo no rosto sem sono / flor no sortilégio de seus olhos de pântano / boca do Sem-Nome / pássaro com os corações dos amantes no bico / assim seja / poeira nos cabelos de Tigrana / espadas cruzadas nos terraços do inferno / sanduíche de orvalho / onça equilibrada em cada aparelho de TV / noz-moscada / semáforo da vertigem sem paradeiro / boceta do coco / tatuagem em seus tornozelos de Lagarto / nuvens em chamas / Diadorim / voz da pátria da loucura / procurando a vereda do amor & da morte / encontrando a solidão & o sono / como Da Vinci, Rimbaud, Madame Satã, como nós todos.

## 17. BATUQUE III

Diadorim versus vulgaridade / estrepolias nas estrelas / matagal de Charles Cros / travesti de 16 anos fazendo piruetas na melodia / nenúfar / córrego que voa / rio que decola / Pero sus ojos eran negros / como quien mira a una playa (Lezama) / caçapa do meio bola azul / Artaud & Pavese para os íntimos / Mallarmé & sua queijadinha de relâmpagos / maloca / mico-preto / poeira de pinguim / no inverno costumava escravizar suas ancas douradas / nos mictórios & nas garagens / gafeira de abismos volumosos / esperma de aço / ilhas de Marajó ectoplásmicas / Samba turbulento samba da luminosa escuridão de Osíris / pele acetinada do samba / lojas & suas línguas desertas / amendoins de puro êxtase / vórtex Madame Demônia / forró nuclear / locomotivas na sequência do sonho / aqui Sol & Lua / Mar & Floresta / sou eu mesmo Amor sou eu mesmo.

ROBERTO PIVA  
Águas de Lindóia São Paulo  
jan. fev. 1981

**O SÉCULO XXI  
ME DARÁ RAZÃO**

# **MANIFESTO UTÓPICO-ECOLÓGICO EM DEFESA DA POESIA & DO DELÍRIO**

## INVOCAÇÃO

Ao Grande deus Dagon de olhos de fogo;  
ao deus da vegetação Dionísio;  
ao deus Puer, que hipnotiza o Universo com seu ânus de  
diamante;  
ao deus Escorpião atravessando a cabeça do Anjo;  
ao deus Lúper, que desafiou as galáxias roedoras;  
a Baal, deus da pedra negra;  
a Xangô, deus-caralho fecundador da Tempestade.



Eu defendo o direito de todo ser Humano ao Pão & à  
Poesia  
Estamos sendo destruídos em nosso núcleo biológico,  
nosso espaço vital & dos animais está reduzido a  
proporções ínfimas  
quero dizer que o torniquete da civilização está  
provocando dor no corpo & baba histérica  
o delírio foi afastado da Teoria do Conhecimento  
& nossas escolas estão atrasadas pelo menos cem anos  
em relação às últimas descobertas científicas no  
campo da física, biologia, astronomia, linguagem,  
pesquisa espacial, religião, ecologia,  
poesia cósmica etc.,  
provocando abandono das escolas pelas crianças, que  
percebem que o professor não tem nada a  
transmitir,  
imobilizando nossas escolas no vício de linguagem &  
perda de tempo  
em currículos de adestramento, onde nunca ninguém vai  
estudar Einstein, Gerard de Nerval, Nietzsche,  
Gilberto Freyre, J. Rostand, Fourier,  
W. Heisenberg, Paul Goodman, Virgílio, Murilo  
Mendes, Max Born, Sousândrade, Hynek, G. Benn,  
Barthes, Robert Sheckley, Rimbaud, Raymond  
Roussel, Leopardi, Trakl, Rajneesh, Catulo, Crevel,  
São Francisco, Vico, Darwin, Blake, Blavátski,  
Krutchónikh, Joyce, Reverdy, Villon, Novalis,  
Marinetti, Heidegger & Jacob Boehme

& por essa razão a escola se coagulou em Galinheiro  
onde se chocam a histeria, o torcicolo & a repressão  
sexual,

não existindo mais saída a não ser fechá-la &  
transformá-la em Cinema onde crianças &  
adolescentes sigam de novo as pegadas da  
Fantasia com muita bolinação no escuro.

Os partidos políticos brasileiros não têm nenhuma  
preocupação em trazer a UTOPIA para o cotidiano.

Por isso, em nome da saúde mental das novas gerações  
eu reivindico o seguinte:

- 1 — Transformar a praça da Sé em horta coletiva  
& pública.
- 2 — Distribuir obras dos poetas brasileiros entre os  
garotos(as) da Febem, únicos(as) capazes de  
transformar a violência & angústia de suas almas  
em música das esferas.
- 3 — Saunas para o povo.
- 4 — Construção urgente de mictórios públicos (existem  
pouquíssimos, o que prova que nossos políticos  
nunca andam a pé) & espelhos.
- 5 — Fazer da Onça (pintada, preta & suçuarana) o  
Totem da nacionalidade. Organizar grupos de  
proteção à Onça em seu habitat natural. Devolver  
as onças que vivem trancadas em zoológicos às  
florestas. Abertura de inscrições para voluntários  
que queiram se comunicar telepaticamente com  
as onças para sabermos de suas reais dificuldades.  
Dessa maneira as onças poderiam passar uma  
temporada de 2 semanas entre os homens &  
nesse período poderiam servir de guias &  
professores na orientação das crianças cegas.
- 6 — Criação de uma política eficiente & com grande  
informação ao público em relação aos  
Discos Voadores. Formação de grupos de contato  
& troca de informação. Facilitar relações eróticas

entre terrestres & tripulantes dos óvnis.

- 7 — Nova orientação dos neurônios por meio da Gastronomia Combinada & da Respiração.
- 8 — Distribuição de manuais entre sexólogas(os) explicando por que o coito anal derruba o Kapital.
- 9 — Banquetes oferecidos à população pela Federação das Indústrias.
- 10 — Provocar o surgimento da Bossa Nova Metafísica & do Porno-Samba.

O Estado mantém as pessoas ocupadas o tempo integral para que elas não pensem eroticamente, poeticamente, libertariamente. Novalis, o poeta do romantismo alemão que contemplou a Flor Azul, afirmou: “Quem é muito velho para delirar evite reuniões juvenis. Agora é tempo de saturnais literárias. Quanto mais variada a vida tanto melhor”.

Assino e dou fé,

ROBERTO PIVA

São Paulo, 1983

Hora Cósmica do Tigre

## **O SÉCULO XXI ME DARÁ RAZÃO**

(SE TUDO NÃO EXPLODIR ANTES)

O século XXI me dará razão, por abandonar na linguagem & na ação a civilização cristã oriental & ocidental com sua tecnologia de extermínio & ferro-velho, seus computadores de controle, sua moral, seus poetas babosos, seu câncer que-ninguém-descobre-a-cause, seus foguetes nucleares caralhudos, sua explosão demográfica, seus legumes envenenados, seu sindicato policial do crime, seus ministros gângsteres, seus gângsteres ministros, seus partidos de esquerda fascistas, suas mulheres navios-escola, suas fardas vitoriosas, seus cassetetes eletrônicos, sua gripe espanhola, sua ordem-unida, sua epidemia suicida, seus literatos sedentários, seus leões de chácara da cultura, seus pró-Cuba, anti-Cuba, seus capachos do PC, seus bidês da direita, seus cérebros de água choca, suas mumunhas sempiternas, suas xícaras de chá, seus manuais de estética, sua aldeia global, seu rebanho-que-saca, suas gaiolas, seus jardimzinhos com vidro fumê, seus sonhos paralíticos de televisão, suas cocotas, seus rios cheios de latas de sardinha, suas preces, suas panquecas recheadas com desgosto, suas últimas esperanças, suas tripas, seu luar de agosto, seus chatos, suas cidades embalsamadas, sua tristeza, seus cretinos sorridentes, sua lepra, sua jaula, sua estricnina, seus mares de lama, seus mananciais de desespero.

ROBERTO PIVA  
fev. 1984  
Hora C3smica do B3falo

## MANIFESTO DA SELVA MAIS PRÓXIMA

*... abolição de toda convicção que dure  
mais que um estado de espírito*

ÁLVARO DE CAMPOS

*Para Henri Michaux,  
in memoriam*

Os produtos químicos, a indústria farmacêutica & os miasmas roerão teus ossos até a medula / cadáver rico em vitaminas / rodopios no rio da indústria / burocratas ideológicos morrendo de rir / marxistas que depois que arrancaram a próstata tomaram o poder / vastos desertos no Cérebro / políticos estatísticas câncer no rosto vazio das avenidas da Noite / Mulheres agarrando garotos selvagens para enquadrá-los no Bom Caminho / assobios & fome do verdadeiro caralho fumegante / Robert Graves, Brillat-Savarin & o refrão dos meus desejos / Feiticeira Ecológica no Liquidificador Minotauro / hortaliças incineradas por mercúrio / botinadas da KGB & canções lancinantes / Tempo no osso / Televisão / Centauro na rota da Revolta / Estrelas penduradas na fuligem / Catecismo da Perseverança Industrial / Os governos existem pra te deixar com esse ar de cachorro batido / Os governos existem pra preparar a sopa do General Esfinge / Os governos existem pra você pensar

em política & esquecer o Tesão / Batuque Nuclear Anjo-  
Fornalha / poesia urbano-industrial em novo ritmo /  
Cidade esgotada na feiura pré-Colapso / recriar novas  
tribos / renunciar aos trilhos / Novos mapas da realidade /  
roteiro erótico roteiro poético / Horácio & Lester Young /  
Tribos de garotos nas selvas / tambores chamando pra  
Orgia / fogueiras & plantas afrodisíacas / Abandonar as  
cidades / rumo às praias salpicadas de esqueletos de  
Monstros / rumo aos horizontes bêbados como anjos fora  
da rota / Terra minha irmã / entraremos na chuva que faz  
incliná-la à nossa passagem os Guaimbés / Delinquência  
sagrada dos que vivem situações-limite / É do Caos, da  
Anarquia social que nasce a luz enlouquecedora da  
Poesia / Criar novas religiões, novas formas físicas, novos  
antissistemas políticos, novas formas de vida / Ir à deriva  
no rio da Existência.

ROBERTO PIVA  
São Paulo, out. 1984  
Hora Cósmica da Águia

# **ESTRANHOS SINAIS DE SATURNO**



*O trabalho dos xamãs (curandeiros tradicionais: mestres do êxtase & do transe, diz Mircea Eliade... os técnicos do sagrado) é explorar & criar o extraordinário (o “maravilhoso” de André Breton & dos surrealistas), explorar & criá-lo por meio do transe & pelo controle da língua & do ritmo, & assim por diante (porque ele, que controla o ritmo, escreveu alguém, controla). Da perspectiva da consciência comum, este trabalho do xamã é desorientador, assustador, & o próprio xamã (ele ou ela) frequentemente experimenta tudo isto como terror: um pavor da morte & da doença — curar o pavor da morte & da doença — & o pavor da loucura/psicose/alma, quando ele realmente nos aflige.*

*JEROME ROTHENBERG, etnopoésia no milênio*

*para o Gustavo*

# **CICLONES**

*La volupté  
Est  
Au centre  
Du Cyclone  
Des sens*

MALCOLM DE CHAZAL

*Je suis le vent dans le vent*

H. MICHAUX

## **TEMPO DE TAMBOR**

*Io vi ho insegnato l'estasi  
divina del libero canto: quella che il dervis trova  
nella vertigine della sua danza infernale*

ENRICO CAVACCHIOLI

esqueleto da lua  
o tempo  
tambor tão frágil  
vomitando a noite

na direção dos quatro ventos  
o xamã  
rodopia  
na energia da luz



quatro ventos  
quatro montanhas  
no olhar do garoto  
que dança  
no céu chapado

o riso  
flor tesuda  
com seus dentes  
pedindo vento

o amor  
tem esta exigência:  
deseja o impossível  
& os cometas do coração

o garoto  
& seu cu em flor  
adorno de um deus  
deslumbrando o caos

o amor  
grita na minha garganta  
a serpente  
o gavião  
o jaguar  
me veem  
como seu Duplo

o arco-íris  
é o colar do feiticeiro  
que apaga o dia  
com a mão direita  
& inaugura a noite  
com a mão esquerda

luas caiçaras  
vigiadas  
por óvnis sonâmbulos  
dinastia astral  
reis exteriores

gaivotas  
estrelas que despencam  
no mar  
& se eclipsam



Baco  
me transforma  
num astro vibratório  
com este elixir  
de cacto selvagem  
Vejo uma andorinha  
carregando um solfejo  
enquanto o núcleo  
do Sol explode

anjos  
definidos pela miragem  
meu trono  
de rei vagabundo  
no Boeing do meu coração

Artaud  
Crevel  
Blake  
& a *Signatura rerum*  
no signo do poeta  
luz caminhando sobre  
o luar  
transfusão de imagens  
se convertendo em flor  
& numa dor estranha

**NA PARTE DA SOMBRA  
DE SUA ALMA EM VERMELHO**

*A verdadeira poesia se encontra fora das leis.*

GEORGES BATAILLE

seja devasso  
seja vulcão  
seja andrógino  
cavalo de Dionysos  
no diamante mais precioso

Coltrane  
cujo apelido  
é Buda  
divindade lunar  
que criou  
o homem físico  
animador dos deuses  
povo-carrapicho  
Palavra Voz Espírito

*Iguape, 1984*

a poesia vê melhor  
eis o espírito do fogo  
minha mão  
dança  
no corpo do garoto lunar

teu cu fora da lei  
teu pau enfurecido  
alegria de anjo  
nas estradas  
do prazer  
língua dos espíritos índios  
cogumelos profetizando  
anarquia & delírio  
boca no meu pé  
boca no meu saco  
poesia é desatino  
abrindo a Noite  
no excesso do Dia

*Praia da Jureia, 1983*



garoto jaguar  
& sua tribo  
descendo dos telhados  
pulando janelas  
skates carnívoros  
rondando  
cidades mortas

*São Paulo, 1988*

eu sou o cavalo de Exu  
ebó  
do meu coração  
despachado  
na encruzilhada dos cometas

Dante  
conhecia a gíria  
da *Malavita*  
senão  
como poderia escrever  
sobre *Vanni Fucci*?  
Quando nossos  
poetas  
vão cair na vida?  
Deixar de ser broxas  
pra serem bruxos?

piratas  
plantados  
na carne da aventura  
desertaremos as cidades  
ilhas de destroços

*Ilha Comprida, 1988*

## HIC HABITAT FELICITAS

fastos & nefastos  
deus *fascinus*  
na soleira da porta  
aponta  
a glande rosada  
pro seu olho xereta

*Ilha Comprida, 1983*

signos selos & sigilos  
serpente solar serpenteando  
a seta  
solitudes  
solo de sax santificando  
o Satori

*Juquehy, 1983*

cem planetas? cem pupilas?  
simpatia das coisas distantes  
o nada árido das areias

*Praia do Guaiúba, 1982*

Heidegger  
quando escreveu sobre Trakl  
era um dia assim  
com este vento devasso  
entre o crepúsculo  
& o renascimento

*Praia do Guaiúba, 1982*



Meio-dia dourado  
acaricia garotos & pássaros  
luz de sonho  
partindo o Mundo  
no centro do coração  
lâmina da Eternidade

*Ilha Comprida, 1986*

## **INCORPORANDO O JAGUAR**

na escada do vento  
o sonho  
folha que cura  
pequeno exu que  
dança extático

o garoto ataca planícies  
em debandada  
é o coração do jaguar  
na ponta de fogo  
do diamante  
deus rapinante  
piratas que  
gritam no horizonte

amando sobre a  
terra nua  
garras à mostra  
no fundo azul da  
floresta  
amigo de todos os deuses

*Jarinu, 1991*

## NOSSO ANTEPASSADO FOGO

*para Eduardo Calderón Palomino  
Chamán de los cuatro vientos*

estrela do norte  
    flor de filigrana  
        no nervo do  
            poente  
voo cansado da coruja  
que desgarrá seu  
    arpão  
miraculosa *Cannabis*  
planta do incesto  
    do sol com as  
        águas  
árvores cheias de  
    bocas  
donde o gavião salta  
ciclone do Universo

*Jarinu, 1991*

# FLORESTA SACRÍLEGA

*para Jean-Pierre Duprey*

I.

neste dia  
o sol é transparente  
céu erótico aberto  
com olhos de borra  
de vinho  
o brilho solar canta  
o deserto atravessa o  
céu  
pétalas selvagens  
do horizonte sem fim

II.

pelos direitos não  
humanos do planeta  
a Ilha Comprida  
nada  
nas pradarias do Céu  
gavião pandemônio  
talhado na parte

mais dura do vento

III.

máscara erótica louca  
do verão  
o chefe dos roedores  
quizumbeia  
sua fome de sombra  
é grande  
& o Invisível  
aparece

*Ilha Comprida, 1991*

*para Sergio Cohn*

eu caminho seguindo  
o sol  
sonhando saídas  
definitivas da  
cidade-sucata  
isto é possível  
num dia de  
visceral beleza  
quando o vento  
feiticeiro  
tocar o navio pirata  
da alma  
a quilômetros de alegria

*Ponto Chic, 1995*



*para Gustavo*

há 50 mil anos  
atrás  
o primeiro xamã  
olhou a fogueira  
dos seus olhos  
sob a luz  
vulcânica do  
crepúsculo  
cantou um poema  
primaveril  
com a garganta azul  
da alma  
& no seu tambor  
de peles & folhas  
inventou o ritmo  
de nossos corações

*Parque do Carmo, 1995*

## **BR 116**

necessito cometas  
no céu Caiçara  
onde plana o  
falcão mateiro  
Juquitiba, Miracatu,  
Vale do Ribeira  
gole de vinho  
quando nasce a  
manhã  
na estrada que  
leva ao mar  
& a ilha afluando na  
névoa malva  
do maciço serpentário  
da Jureia

*BR 116, 1995*

Paracelso cercado  
de jasmims  
leve como o fogo  
no embalo do  
navio-*tortilla*  
poder das Ervas  
poder que avança  
na rapidez  
de um beijo

*Mairiporã, 1995*

bigodes semáforos  
de Nerval  
solitude  
tarôs repletos de  
poesia  
*desdichado*  
asas vermelhas  
infladas no poente

*Mairiporã, 1995*

Rimbaud  
garoto-*Panzer*  
coxas douradas  
de mochileiro das estrelas  
*puer* da alquimia

*Mairiporã, 1995*

a força do xamã  
provém do nada  
do êxtase  
do Eros  
tambor-gavião  
estrela fiel na chama do coração  
garoto vestido  
    de menina  
dervixe da Lua

*Mairiporã, 1995*

## PIMENTA D'ÁGUA

*para o babalorixá  
Marco Antônio de Ossain*

a rua é muito estreita  
para o exército  
de folhas  
& seu AXÉ  
esta flor-d'água  
esta ondulação de  
neurônios  
girassol imóvel  
no centro  
do mundo  
a cabeça nas nuvens  
os cabelos na poeira  
& depois  
percebe-se  
a Sombra  
que é a nossa cara

*Jardim Tremembé, 1991*

## XANGÔ E PARACELSO

o mundo subterrâneo  
está mobiliado  
por coxas de garotos  
    selvagens  
o mundo solar  
está mobiliado  
por olhos  
de garotos com  
    almas de pétalas  
eu sou o orixá  
com pênis  
do tamanho do  
pênis do elefante  
pássaros se dedicam  
de imediato à obra  
    em negro  
estrelas em prontidão  
relâmpagos  
temperam  
a cerveja dionisíaca  
de Paracelso  
cuja espada  
faz dançar pirâmides  
feito um raio  
arrebenta  
o plano ruidoso  
do nosso



século

*Jarinu, 1991*

## **GAVIÃO CABURÉ**

*Quelle tempête, la lumière!*

HENRI MICHAUX

Eu atravesssei manguezais  
& estrelas  
sementes espalhadas  
na voz do olho obscuro  
répteis abandonados no pó das estradas  
Esta Serra enforca o horizonte  
nômade do Absoluto.

*Cantareira, 1993*

## A OITAVA ENERGIA

*para Malcolm de Chazal & sua poesia  
oscilatória; para Raymond Abellio,  
Câmara Cascudo, Mircea Eliade,  
Julius Evola & a tradição iniciática*

Que você conheça  
a estrela da loucura  
Na sua verde boca animal  
A paisagem mineral  
rói o olho do peregrino  
que procura seu Deus com chifres  
Amo os garotos que cospem o sangue  
das amoras  
pelos lugares ermos, praias habitadas  
por escamas de peixe, montanhas  
& matas onde o anjo é um pau  
duro no poente  
Que você conheça o relâmpago  
chamado mundo sombrio  
Estremecendo na folha do seu  
coração  
Que você conheça este relógio sem nuvens  
chamado morte  
dependurado no planeta  
como volúpia secreta

Que você conheça manguezais  
    & realidades não humanas  
    que são a essência da Poesia  
Que você conheça o sussurro do Sol  
Na água ferruginosa dos seus olhos

*Praia Grande, 1995*

**LAMENTO DO PAGÉ  
URUBU-KAAPOR**

antes  
de desaparecer  
no  
túnel  
das nuvens  
chega o vento  
a caixa do céu  
se abre  
a estrela  
no olho às  
vezes  
é o  
coração que bate  
estou sozinho  
no topo  
dos hemisférios

*Ilha Comprida, 1991*

## JOÃOZINHO DA GOMEIA

*Os mitos descrevem as diversas e  
frequentemente dramáticas eclosões  
do sagrado no mundo...*

*Aspectos do mito, MIRCEA ELIADE*

gestos-síntese  
de sol & lua  
mãos que governam  
sonhos dos  
meninos que amam o mar  
basta de poesia  
ou religião que não conduza ao êxtase  
existe o grau zero  
da dor  
& alegria  
eu brilho  
na noite acolchoada  
na constelação  
calcária  
o Pedra Preta  
distribui o axé  
enquanto o dia  
avança com o vento

*Ilha Comprida, 1991*

## **RITUAL DOS 4 VENTOS & DOS 4 GAVIÕES**

*para Marco Antônio de Ossain*

*Eu trago comigo os guardiães  
dos Circuitos Celestes.*

LIVRO DOS MORTOS DO ANTIGO EGITO

Ali onde o gavião do Norte resplandece  
sua sombra  
Ali onde a aventura conserva os cascos  
do vodu da aurora  
Ali onde o arco-íris da linguagem está  
carregado de vinho subterrâneo  
Ali onde os orixás dançam na velocidade  
de puros vegetais  
Revoada das pedras do rio  
Olhos no circuito da Ursa Maior  
na investida louca  
Olhos de metabolismo floral  
Almofadas de floresta  
Focinho silencioso da suçuarana com  
passos de sabotagem  
Carne rica de Exu nas couraças da noite  
Gavião-preto do oeste na tempestade sagrada

Incendiando seu crânio no frenesi das  
açucenas



Bate o tambor  
no ritmo dos sonhos espantosos  
no ritmo dos naufrágios  
no ritmo dos adolescentes  
à porta dos hospícios  
no ritmo do rebanho de atabaques  
Bate o tambor  
no ritmo das oferendas sepulcrais  
no ritmo da levitação alquímica  
no ritmo da paranoia de Júpiter  
Caciques orgiásticos do tambor  
com meu *Skate-gavião*  
Tambor na virada do século Ganimedes  
Iemanjá com seus cabelos de espuma

*São Paulo, out. 1994*

## POEMA VERTIGEM

Eu sou a viagem de ácido  
nos barcos da noite  
Eu sou o garoto que se masturba  
na montanha  
Eu sou tecno pagão  
Eu sou Reich, Ferenczi & Jung  
Eu sou o Eterno Retorno  
Eu sou o espaço cibernético  
Eu sou a floresta virgem  
das garotas convulsivas  
Eu sou o disco voador tatuado  
Eu sou o garoto e a garota  
Casa-Grande & Senzala  
Eu sou a orgia com o  
garoto loiro e sua namorada  
de vagina colorida  
(ele vestia a calcinha dela  
& dançava feito Shiva  
no meu corpo)  
Eu sou o nômade do Orgônio  
Eu sou a Ilha de Veludo  
Eu sou a Invenção de Orfeu  
Eu sou os olhos pescadores  
Eu sou o Tambor do Xamã  
(& o Xamã coberto  
de peles e andrógino)  
Eu sou o beijo de Urânio

de Al Capone  
Eu sou uma metralhadora em  
estado de graça  
Eu sou a pombagira do Absoluto

*Ilha Comprida, 1991*

## **POEMAS VIOLETA DA CURA XAMÂNICA**

*Foi esse incidente que despertou meu interesse pelos  
fluidos violeta  
que dizem ser gerados na superfície da pele pelos xamãs  
da  
Ayahuasca, e que eles usam para adivinhar e curar.  
alucinações reais*

TERENCE MCKENNA

garoto com câncer  
condenado à ciência  
ao desastre da quimioterapia  
no país profano  
da medicina alopática  
nas lerdas armadilhas  
da anemia  
você diz que a  
noite está negra  
eu conheço seu tesouro  
onde o pavilhão da vida  
toca seus acordes

*Mairiporã, 1994*

olhos violeta dos  
retratos de Modigliani  
olhos violeta do LSD  
olhos violeta do mar aberto  
ilha falando do refluxo  
& da língua azul da praia  
cabeça no céu  
no deserto violeta sem espelhos

*Ilha Comprida, 1992*

flor chuva morte  
garoto esconde seu sexo perfumado  
vertigem na minha boca  
a terra está nua  
seus olhos sem olhar  
seu quarto sem portas

*Ilha Comprida, 1991*

caralho pop Shiva  
curador  
pura parcialidade  
consanguínea  
procurando o Tao  
em mim  
sorrindo uma vez  
mais  
ao alcance da visão



som silêncio sobrenatural  
benzedeira irradiação-diamante  
sol ao sul da represa  
carancho pousado no redemoinho  
produzindo a sensação de que você É você

*Mairiporã, 1992*

a poesia mexe  
com realidades não humanas  
do planeta  
profecias  
espíritos animais  
vidência  
estrela bailarina  
lugares de poder  
fogo do céu

*Pedra Grande, 1994*

paisagem bela anterior ao dilúvio  
duzentos quilos de razão para ser louco  
a lua me apalpa o corpo  
estou nu  
de pé na primeira estrela  
recebendo o beijo  
do andrógino

*Represa de Mairiporã, 1994*

imensidade interior dos poetas da Aventura  
Nerval Pessoa & os templários Lao Tsé  
Sandro Penna Drukpa Kunley  
Virgílio Crevel  
Dino Campana  
Os expressionistas  
Trakl & Benn  
também piraram  
eles passam perto de nós  
sem saber esconder suas Vertigens

você é o Blake  
da Primavera  
Léo Ferré & cerveja Budweiser  
o tié-sangue & seu coração são da mesma  
matéria  
o vento da manhã sai do seu peito  
rumo às estepes eternas

*Mairiporã, 1994*

# REVELAÇÕES

*para Jacques Vallée*

frio nas fronteiras de topázio  
abandonei-me ao mês do Deus do Vento  
floresce no meu corpo um ponto secreto  
entre os cometas vivos do êxtase

*Mairiporã, 1994*

## VII CANTOS XAMÂNICOS

*Loose desire!  
We naked cry to you —  
“Do what you please.”*

WILLIAM CARLOS WILLIAMS

I

canoa do Amazonas  
no olho-peio  
no céu à queima-roupa  
domina a vegetação & agricultura  
ama a astronomia  
& os vampiros em zigue-zague  
hosana incandescente / flor crispada / anjo  
selvagem  
jaguar sentado na ametista  
& o pássaro caçula do sonho  
bem próximo da morte



II

monstro de puro amor  
curare  
estilo cerâmico de Nazaratequi  
pandemônio de Zeus  
Eros atravessando  
o tímpano com um 38  
gavião de arame farpado  
núcleo do veneno fiel

III

garoto Crevel  
garoto inferno  
banhado no verde-claro  
da manhã tropical  
bons músculos poéticos  
garoto Nerval  
caralho azul de enforcado  
na dobra da noite

IV

o cogumelo é calmo  
& a natureza insegura  
meninos envoltos  
em lágrimas & suor  
Hermes  
na goela  
do império dos mortos

v

morangos silvestres  
racham-se ao sol dos marimbondos  
velas forçam o mar  
& desaparecem  
na planície da loucura  
a paixão agitou  
as samambaias  
de janeiro

VI

garoto índio meu amor  
por três noites o incêndio  
bagunçou o coração das medusas  
sementes & raízes  
onde as ilhas  
erguem  
suas brasas

VII

constelação de peixes rápidos: amor  
o mar  
que Homero  
poetizou  
em technicolor  
o vinho desata  
minha mão lagunar  
no instinto astronauta  
da espécie

*Ilha Comprida, 1986*

**INVENTEM SUAS CORES  
ABATAM AS FRONTEIRAS**

*Les mots ne sont dans mon oeuvre que des simples  
templins, d'où montent et retombent en bondissant  
des corps spirituels et mystiques.  
ma révolution*

MALCOLM DE CHAZAL

Dante foi bruxo da família  
Visconti  
Seus dedos violeta criaram fórmulas,  
venenos & purgatórios sem coração  
No mês 9 no dia 9 na hora 9  
ficou 9 dias com febre  
Todas as novidades estão  
no Inferno



Em Curepipe  
nas Ilhas Maurício  
Malcolm de Chazal  
profetizou amor conhecimento  
& o Deus-Flor  
Lua-Tambor de elfos  
meninos azulados  
montanhas de Saturno com mãos  
ao alto

Ângelus Silesius, você é Dionísio  
ou o quê?  
Abelhas revoam na paisagem de  
girassóis  
Lagoas recebem os corpos quentes dos  
adolescentes  
O verão urra no céu rosa  
Irerês atravessam minha cabeça de  
centopeias lisérgicas  
Ângelus Silesius, você dança? É Shiva?  
As cordas de um velho contrabaixo  
esfaqueiam o silêncio

*... este paraíso é de víboras azuis.*

HERBERTO HELDER

Este paraíso é assim:  
repleto de raças respiratórias.  
Nuvens, periquitos, uvas negras  
à beira do deboche.

Este paraíso é assim:  
relâmpagos & doces de leite,  
punhal escapando da bainha  
de vértebras.  
Menino-acauã dançando  
ao sol estrangeiro.

Este paraíso é assim:  
folhas de mamona, submarinos  
viajando no próprio sangue.  
Leveza. Flores frenéticas.  
Batuque sussurrando: também eu  
atravessei o inferno.

*para Flávio & Antônio*

meu ombro leste  
meu coração norte  
*sparring* do dilúvio  
névoa de pássaros luminosos  
batendo boca com o abismo

*Mairiporã, 1995*

## ÓVNIS

manhã  
    que fareja a  
densidade do  
    ORGÔNIO  
    na tempestade  
    extrarrosa  
    olhar esmeralda  
    relâmpagos de pupilas  
a serpente sou eu  
    tocando flauta

OS DISCOS VOADORES  
    SÃO ANJOS (Pasolini)  
nesta manhã  
    tudo se dizia  
queimando um a um  
    os seus poros

*Ilha Comprida, 1990*

## **A PROPÓSITO DE PASOLINI**

quando você encontra um garoto  
perto de um chafariz  
& ele se curva para água  
tal qual em Caravaggio  
sombra selvagem do crepúsculo  
com o sol turquesa  
nos cabelos ouriçados  
é o momento doente  
como um solfejo pagão  
depois da orgia  
é assim que crescem os deuses  
na primavera e seu ardor melancólico  
são os anos os povos os garotos videntes  
que não broxaram sob as tenazes  
dos cegos que perderam a Palavra

*março/manhã, 1987*

Alma fecal contra a ditadura da ciência  
Rua dos longos punhais  
Garoto fascista belo como a grande noite  
esquimó  
Clube do fogo do inferno: Alquimistas Xamãs  
Beatniks  
*Je vois l'arbre à la langue rouge* (Michaux)  
Templo  
Procissão do falo sagrado  
Deuses contemplam nas trevas o sexo  
do anjo do Tobogã  
Felizes & famélicos garotos seminus dançam  
como bibelôs ferozes  
Pedras com suas bocas de seda  
Partindo para uma existência invisível  
Tudo que chamam de história é meu plano  
de fuga da civilização de vocês

*Represa de Mairiporã, 1995*

**MENINO CURANDERO  
(POEMA CORIBÂNTICO)**

I

*C'est l'heure des mauvais garçons  
l'heure des mauvais voyous*

RENÉ CREVEL

os meninos *curanderos*  
se vestem de anjos nos Canaviais  
resgatam Eros nas ruas  
das cidades-sucata  
nos ritos da magia do Amor  
& bebem Morte numa  
taça de Crânio



*O anel solar é o ânus intacto do seu  
corpo adolescente, e nada  
há tão ofuscante que se lhe possa  
comparar; a não ser o Sol,  
e apesar de ter um ânus que é a noite.*

GEORGES BATAILLE

René Crevel menino vidente  
bebeu morte num pedaço  
de lua em chamas  
coração que perdeu o céu  
garoto americano que te encoxava  
dança agora no infinito  
de um armário aberto  
sanguinhas de galalite da  
cor do arco-íris  
boca surrealista pronunciando  
o verbo de fogo  
& estas luzes sem passagem  
no presente  
estas ruas mortas onde  
não se ressuscita o Vento  
permanente falha mecânica  
na civilização que perdeu  
o Maravilhoso  
é a janela vermelha do  
Ocidente onde grita  
o Anjo

entre coxas dos marinheiros  
tremem meninos  
das ilhas  
paisagem pós-nuclear onde  
a flor negra atravessa  
a sombra

*Je tuerai les rôdeurs  
silencieux danseurs de la nuit*

RENÉ CREVEL

um corpo lunar penetra no  
quarto saído do mar  
noite imemorial onde jogam  
os elementos  
é gavião, é o menino *curandero*  
& tem mil anos  
sua dança celebra o mundo  
sua risada corta a Ilha  
em dois pedaços  
rosa de névoa entre os  
espectros  
corpo de garoto por onde  
passa o Império Romano  
sangue onde navegam piratas,  
estrelas turvas, bosques,  
telescópios

IV

encontro com Satã no verão  
uma bolinada uma aliança  
ele pede um daiquiri  
ele pede uma locomotiva negra  
    que mergulha no Sul  
menino *curandero* de albornoz  
    azul  
rodeado de espelhos de alta  
    Bruxaria

v

*Il m'apparut que l'homme est plein  
de dieux come une  
éponge immergée en plein ciel.  
Le Paysan de Paris, L. ARAGON*

come o teu cogumelo  
no coração do sagrado  
fazendo sinais arcaicos  
procura entre praias, montanhas  
& mangues  
a mutação das formas  
sonha o mundo num só tempo  
o cogumelo mostrará o caminho  
só o predestinado fala  
a luz lilás do cogumelo  
levará ao rio das imagens  
Sombras dançam neste Incêndio

*Viva resta la dolce  
persuasione di una fitta  
rete d'amore ad  
inquietare il mondo.*

SANDRO PENNA

rico de asas  
o menino xamã  
incorpora o gavião  
escuta a luz do monte  
fica nu & deita impassível na Terra  
é dele o tambor feito de Tíbias  
& a estrela mais límpida na  
cabeça

*Le soleil et ton coeur  
sont de même matière*

PIERRE REVERDY

o grande reflexo lilás caminha  
creme de anjos  
flor ameaçadora da manhã  
vento varrendo a paisagem  
no momento sou um deus devasso  
no parapeito frágil do destino  
a névoa que me carrega é horizontal

*Ilha Comprida, 1993*

*... pois, onde se fala uma  
língua de luz, nós somos lidos.*

ERIC MEUNIÉ



**ESTRANHOS  
SATURNO**

**SINAIS**

**DE**

*Xamãs de todo o mundo, espalhem-se!*

R. P.

# ESTRANHOS SINAIS DE SATURNO

*para Claudio Willer  
& Antonio Fernando de Franceschi*

I

o fundo do corredor  
cheio de ursos mal-assombrados  
garoto porco  
garota porca  
observam o  
porco das sombras  
transformando no monstro da mídia  
os sete sanduíches capitais  
o menino estufado de macaco  
derruba o disco voador  
com um nocaute elétrico  
no extremo norte da Terra  
no festival anual de Sacis  
na feira de cerveja Paracelso  
na República de Salò  
o ditirambo canta na escada  
você disse que o brasão dele é  
um cisne  
onde o Inferno está amarrado  
onde o Paraíso voa com a Lua

nos trenós de arroz-doce  
no castelo hipnótico de Luís II da Baviera

II

os imperadores romanos encenaram  
a crueldade surrealista  
no Teatro Colossal do Coliseu  
as feras dançavam no submarino  
da religião Pagã  
até o último suspiro do lobo da estepe  
quando a noite levava os adolescentes  
pra cama dos gladiadores  
o formigão eletrônico & o Apito selvagem  
trocaram de roupa & de farofa  
& fizeram  
Ebó pra Hermes  
no calafrio da palhoça

III

Sou o poeta *na* cidade  
Não *da* cidade  
gosto das extensões azuladas das  
    últimas montanhas  
contemplar nas estradas de topázio  
o anzol das constelações

IV

a vítrea libação das páginas de poesia  
ilumina as escadas do êxtase  
no corrimão afrodisíaco  
onde você aparece com sua tatuagem  
de dragão de olhos azuis  
no esplendor do cerrado  
no aluvião de ossos humanos  
gavião-real de coração partido  
no soluço da tempestade de alvéolos  
asas de borracha  
penas incrustadas no jardim  
Orcas sorridentes no lago vermelho

## TEUS OLHOS TÊM UM CÉU DE LÁGRIMAS

gavião psicopompo  
garotas babilônicas  
    decifrando as vísceras  
    dos pombos  
Mingus caminhando  
    no deserto  
Sade recebendo o  
    santo na porta  
    do hospício  
Beatriz Portinari dizendo  
    Amém no Paraíso



## CHAPÉUS DO IRMÃO CICLONE

Os rios revoltados saberão  
vingar-se  
Oh Paracelso  
Oh Dino Campana  
Oh Xangô  
da minha janela da lua  
vejo cidades que  
sufocam no cimento  
rosas de barbitúricos explodindo  
nas sacadas  
garotos de bicicleta dissertando  
sobre a vida dos deuses

## **A DOR PEGA FOGO**

*para Maria Rita Kehl  
& Marcelo Coelho*

O Marquês de Sade  
& a Marquesa de Santos  
caminham ao jazz do crepúsculo  
lembrando certas luminosidades  
certos espasmos  
certos atos visionários  
gritando seus triunfos na  
escuridão

## **MOSTRA TEU SANGUE, MÃE DOS ESPELHOS**

o mistério lunar da menina  
lésbica

linda como um nenúfar  
com seu nome de pássaro  
levando na mochila

AS CANÇÕES DE BILITIS

uma coruja no ombro  
& no sangue os gritos  
dos naufragos de outrora

## EMOÇÃO EM PEDAÇOS

Bomba atarefada  
Bomba desastre  
anjo de voo de abutre  
garoto-bomba                      mini-Tarzã  
bomba solar do barão Julius Evola  
bomba na bunda de Hitler  
sonhos secos em Tóquio  
agonia de uma princesa deplorável

## **PARA ABRIR OS OLHOS**

Brasão iniciático do corpo  
inteiro  
ressuscitando a caravana de  
Unicórnios  
na goela dos vulcões

## ILUSÕES DA MEMÓRIA

xamã provocador de pesadelos  
meus espíritos começam a falar  
todos planam urrando  
na onda negra do coração  
como uma gota de esperma  
na palma impúbere  
olhos baixos de criança  
submissa  
sob as flechas de uma deusa &  
aviões brancos

## PRESENÇA DE LAVANDA

Não faça cara  
de mártir  
diz Dante  
abençoando nossos  
espíritos  
piscando para  
OS BUDAS das  
palafitas  
nossos rostos recebem  
a chuva  
o mel & o vento  
dos vulcões  
na borda da eternidade

## AOS GRANDES TRANSPARENTES

*para Ademir Assunção  
& Jotabê Medeiros*

Tubarão Vodú cabeça de Martelo  
Voando no ombro pederasta de Whitman  
abraço a garganta loira do ANDRÓGINO  
PRIMORDIAL  
O URUBU-REI louco de ciúmes engoliu inteiro  
O HERMAFRODITA DE JADE  
quando o sol sem luz soprou seu planador  
orgiástico no aeroporto  
na décima oitava chicotada punitiva  
o Marquês de Sade se irrita com meteoros  
no dilúvio de girassóis revolucionários  
& seus relâmpagos



## **ROBÔS GIGANTES NO FERRO-VELHO**

imperador do Mangue  
descarrilhando no urubu primaveril  
sem data para atracar no Globo Terrestre  
O Guapuruvu era um deus  
suas asas suavam doces delírios  
quando eu colhia morangos silvestres  
& as árvores me ensinavam a dançar ao  
crepúsculo  
O Único de Stirner brilhava no neon  
na noite da Anarquia  
até quando  
até quando...

## O JAZZ É UM EXU AFRICANO

I

a pedra vai compreender  
na sua frieza  
de mendiga  
o primeiro grito  
da inspiração  
címalo da trepidação  
supersônica  
palhaço degolado no deserto  
A pedra vai compreender  
o doutor Sax  
& seu improviso de pequenos  
cometas que mudam de cor

*Pedra Grande, 1995*

II

Vagabundos  
    dos corações alados  
    com intestinos de Neon  
Poemas-flechadas  
    perfurando planetas queimados  
        vivos  
lua fogo Sol  
    tocaia de Sonho  
        a Sonho

*Ilha Comprida, 1995*

## **AS ASAS COM CAUSAS**

consultei o carcará caolho da  
verdade  
assunto: carne humana  
11 de junho 1289:  
batalha de Campaldino  
Girolamo Piva, cavalier ghibellino,  
teria comido carne humana?  
professores universitários & sua  
antropofagia vegetariana  
apavorados peidam no escuro

*São Paulo, 1998*

## TODOS OS PÁSSAROS & SUAS FLORESTAS

Ísis pátria de Novalis  
profeta da FLOR AZUL  
derradeiro milagre do grão de Pólen  
Reich conheceu a FLOR AZUL do  
    ORGÔNIO?  
Leopardi viu a FLOR AZUL a  
    jato  
Picasso deitou & rolou no azul africano  
Artaud se inundou no AZUL peyote  
eu mastigo o azul da Orquídea  
trêmula da Ilha  
inauguro EROS AZUL

*São Paulo, 1998*

## A BENGALA ALIENÍGENA DE ARTAUD

O mamute sem pátria  
O professor membrana  
O pica-pau pica tora  
O orgônio letal da sociedade industrial  
O presidente stalinista chefe de quadrilha  
O fantasma de Stálin de Jean-Paul Sartre  
Budapeste anos 1950-séc. XX:  
Secretário-geral do PC húngaro  
manda cavar o solo para construir  
o metrô de Budapeste. Subsolo muito  
duro. Então, não eram os técnicos marxistas  
que estavam errados, mas o subsolo  
de Budapeste que era contrarrevolucionário.  
Brasil 2004-séc. XXI:  
Programa Fome Zero: contrariando  
o governo, o IBGE provou que os  
mais pobres nem sempre são os mais  
malnutridos & os obesos são mais  
numerosos entre os mais pobres.  
O governo se apressou a desmentir o  
IBGE. Taí: não são os padrecos  
assessores que estão errados, mas  
o IBGE & os gordos que são  
contrarrevolucionários  
Conclusão de Sartre: O marxismo é uma  
violência idealista às coisas.  
O bucho do mangusto

O furor uterino da Pomba  
A Laranja emplumada  
O bofetão *on the road*  
As ancas do navio  
O carcará sem fio

*meio poema meio manifesto*  
*Templo zu lai*  
*Rodovia Raposo Tavares*  
*2004*

## GRITO DO ANJO NEGRO

*para o João Silvério Trevisan*

O garoto & a garota  
o hermafrodita o  
andrógino  
caminham pelo império  
romano  
a bicha seca & a lésbica  
redonda  
descascam o lagostim para  
o anjo salpicado de  
veneno  
a bruxa com bunda  
de babuíno  
escoteiros infernais atravessando  
cometas planetas meteoros  
sempre alertas para os  
xamãs & seus  
caitetus mecânicos  
Uma garota chamada  
TUFÃO fazia amor  
23 vezes por dia  
décadas de ouro do  
irracional voo rasante  
que ainda persiste



2007

# TERRA ELÉTRICA

*para Romulo Pizzi*

Mitra Sol invictus  
nos corredores energéticos  
nas gavetas de orgônio  
fonte primordial da leveza  
do mundo laranja azul  
nos estádios extraterrestres  
onde se aplaude Richard Wagner  
& Nelson Cavaquinho  
equilibrando o furor & o amor  
a dança da tartaruga verde  
a desmunhecada mortal do Leopardo  
o peixe palhaço  
o garoto borracheiro voando  
pra Lua  
os escorpiões mastigam as calçadas  
escalando os séculos os elefantes  
levantam as nuvens  
no seu voo alquímico para a Eternidade  
o Gavião-de-Penacho

2007

# AMON RA

*para Rodrigo de Haro*

não há tempo a  
perder  
o efebo eletrônico  
passeia pelos jardins  
do Desterro  
como uma gota de Sombra  
sorrisos de diamantes  
de outrora  
com seus Anubis  
recheados de crepúsculos  
linguagem de pássaro  
lua de hemoglobina  
saltitando nos telhados  
quilômetros de sua  
potência milenar  
dançando no fundo do olho

*Praça Buenos Aires,  
São Paulo, 2007*

## VIOLONCELO RECÉM-NASCIDO

*para Regastein Rocha*

O gordinho folhetinesco  
rebolando na praça pública  
    como uma caveira  
    mexicana  
provocou uma série  
    de curas psicomágicas  
testemunhadas pelo  
    açougueiro bundudo  
que usava seu canivete  
    cataléptico na pesquisa  
    cósmica  
enviando para os deuses sua  
    forma-tatu  
sua forma rolinha  
sua forma menina-moça  
    especialista em cocada  
foi assim que surgiu  
o batuque-abutre  
o batuque-piranha  
mumificados no Espaço

## VELOCIDADES INTERNAS

*para Sergio Cohn, Danilo Monteiro  
& Rodrigo Garcia Lopes*

Walt Whitman  
objeto voador identificado  
Nos calafrios da percepção  
sozinho no estreito de  
Behring  
sempre em vertentes de  
luta  
esgrimindo com o  
Alecrim do Campo  
nas costas tostadas das  
montanhas  
na perversão erótica  
ligada a motores  
é você mesmo  
no planeta fodido  
de naftalina  
nos corações hipnotizados  
no corredor sem fim  
da Morte

*São Paulo, 2007*

## OS LABIRINTOS VOAM DE NOITE

*para Vera*

os pássaros cruzaram o  
Zodíaco  
quando você jogava bola  
no Embu-Guaçu  
como uma garota  
pré-rafaelita de  
Dante Gabriel Rossetti  
suas bonecas inexistentes  
eram todas de Aço  
as borboletas viravam  
nos extremos do Mundo  
psicodélica loucura  
na vida da imaginação  
esperando o crepúsculo  
iluminar a morte minimalista  
do gaviãozinho  
do gafanhoto-folha  
do urso dos Andes

*São Paulo, 2007*

# O ROCK DA SERRA DA CANASTRA

*para Ugo Giorgetti*

Noite de onças  
    azuis  
Tempo ouriçado  
    das Montanhas  
no belo boliche  
    das estrelas cadentes  
Você toca o contrabaixo  
    do cinema  
na direção do Vento  
no horizonte  
    de todas as tramas escocesas  
depois da Morte  
onde estaremos?  
em que névoa  
    violeta em que  
    Silêncio?

*São Paulo, 2007*

## **SOLUÇÃO DE PLANETAS**

*Para Roberto Bicelli  
& Toninho Mendes*

os urubus são insaciáveis  
pais de nossos desejos  
na entrelaçada pista  
das nuvens  
onde um sol retorcido  
gira no grito do  
azul  
aguardando o cataclismo  
na franja da floresta



## BILHETE PARA O BIVAR

hoje é o dia que os  
    anjos descem nas  
    catacumbas de cimento  
sem o aviso das  
    máquinas de empacotar  
sem saltar sobre  
    caramanchões de poluição  
disseminando comportamento  
    de Lacaio  
é o momento do  
    último homem  
o que dura mais  
    tempo  
é o tempo do crime  
    & sua prova  
a caveira que ri  
    na noite vermelha  
a explosão demográfica  
& a fome a galope  
é o Sol mudo a  
Lua paralítica  
Drácula janta na  
    Esquina  
E para que ser poeta  
    em tempos de penúria? Exclama  
    Hölderlin adoidado  
assassinos travestidos em folhagens

hordas de psicopatas  
atirados nas praças  
enquanto os últimos  
poetas  
perambulam na noite  
acolchoada

*Parque da Água Branca, 2007*

# CAIRÁ A NOITE IMENSA

*para Antônio Zago  
& Wesley Duke Lee*

Bruegel  
está de tocaia  
no shopping  
do espaço  
na garganta  
surrealista da morte  
na caçapa do bilhar  
nos ramos atônitos  
do Pau-Ferro  
no Terraço do  
submarino escarlate

## OS MIL DIAS FELIZES DO DR. FERENCZI

*para Luiz Roberto Ramos,  
Luciana Domschke & Marisa Adachi*

os olhos do Totem  
na criatividade da manhã  
mugem no meu coração  
estrelas no céu *curandero*  
poemas portadores da peste  
fantasmas na poeira  
vinho de pura estratégia  
militar  
soprando o vento  
frio da vida &  
da morte

## MARSICANO COM GUINDASTE

sua cítara dadaísta  
é um verdadeiro  
    Tamanduá para  
    os cupins inimigos  
deitado comendo sushi  
na varanda do Inferno  
sem data para visitar  
    Shiva  
enquanto Glauco Mattoso  
abençoa as botas  
    de alpinismo  
    de D'Annunzio  
no Parque do  
    Carmo você  
    reencontrou seu Karma  
    de Arcanjo Miguel  
com a garrafa de  
    conhaque na  
    gaveta

*Jardim Botânico, 2007*

# VENTO LUMINOSO

*para Fabio Weintraub*

o cogumelo tem  
    voz de relâmpago  
com lábios de cometas  
    na hora do crime  
o feiticeiro Pé-de-Sapo  
    & o garoto bicha teatral  
apagam a luz no  
    ventre do rinoceronte  
onde se esconderam  
    da Morte  
duas sanfonas se  
    descabelam numa  
    enxurrada de estrelas

## ILHA COMPRIDA

*Tu queres ilha: despe-te das coisas.*

JORGE DE LIMA

*para Mario Pirone*

gladiadores adolescentes com seus olhos  
de brasa  
cercam teu coração cabeludo  
regado com cervejas elétricas  
dançando com teu séquito coribante  
rumo ao mar & seus tubarões  
violeta  
está na hora do anjo Metatron  
degolar ninfetas nipônicas  
no mangue onde fizemos  
um ebó para Nanã  
& toquei tambor com Gustavo  
enquanto a Ilha afogava nos  
seus lábios de Aurora

*Jardim Botânico, 2007*

# GIRASSOL

*para Valesca Dias*

o intervalo separa você  
do redondo do horizonte  
vento de seda  
sol se transformando  
em pássaro  
aviões cabeludos arrastam  
o céu na direção  
do universo  
a seiva do sonho  
viaja com seus estandartes

*São Paulo, 2007*



# ESCUITA & RESPIRA

*para Nando & Quilha*

Não mais o Serelepe-açu  
o Tauató  
a Suçuarana  
o grande lago dourado  
onde dançam os  
nenúfares

O FUTURO É A DITADURA  
DO ROSTO HUMANO  
que faz empalidecer  
as montanhas  
rasga a pança  
das florestas

O FIM DO MUNDO  
SE CHAMA EXPLOSÃO  
DEMOGRÁFICA (Pasolini)  
nada mais nada menos  
que a volta  
do Inferno

## UFOS PROUSTIANOS NA ESTAÇÃO CENTRAL DOS SONHOS

Quando termina a cidade  
Os seres elásticos aparecem  
Minha alma resgatada  
    Feito um bólido  
uiva no espaço  
um lago sonoro  
um punhal enterrado na  
    noite  
relâmpagos psicodélicos  
forçam os anjos  
    a dança do ventre  
estrelas loucas  
deusas orquídeas  
& o jazz rolando das  
    montanhas  
como uma asa ferida

*Mairiporã, 2006*

## ALECRIM DO CAMPO

*para Gyorgy*

manhã no campo onde  
a poesia habita o destino  
oferecendo homenagem  
ao rei dos Sátiros  
gladiadores nus dançam  
com garotos de minissaia  
o fauno do lago inspeciona  
o infinito

## **A IDADE DO MAR**

Heliogábalo é uma  
nuvem  
com seu charuto  
de rosas  
a força da águia  
romana é azul  
& amarela  
como o pênis-periscópio  
do submarino  
na tarde sem fim

## TARDE SABOR DE VINHO

*para o Dinho & Jorge Mautner*

chupando o pau do  
Saci  
duas meninas & um  
garoto ruivo  
se delicias no pasto  
dos búfalos  
cochilando debaixo da  
mangueira  
dois brasileiros &  
um turco sonham  
com Mussolini  
levando mensagens para  
o Exu de Serviço  
sem pressa & rezando  
muito  
acabam empacotados  
por duas lagartas  
chapadas de haxixe

# O CHUTE DO MANDRIL DA MEIA-NOITE

*para Zé Celso*

O Império Romano  
era assim:  
folhas revoltadas revoando  
na Via Appia  
garotos & garotas cochilando  
no colo do imperador  
deuses sacralizando  
todos os poros  
da Terra  
o poeta Virgílio ganhou  
um garoto de  
Augusto  
o gladiador PIVOTUS  
mergulhou na bacanal  
& até hoje não veio  
à tona para  
tomar fôlego

*Jardim Botânico, 2007*

## SUA EXCELÊNCIA O MARQUÊS DE SADE

*Esta sociedade é uma gaiola para os mamíferos.*

MICHAEL MCCLURE

fora da tribo  
um anjo de outrora  
solidão cercada de  
    bugigangas  
as águias me atravessam  
    por todos os lados  
os brasões são TOTENS  
    contra Eguns  
você dança o samba de  
    EROS  
cavalgando o cometa  
    da POESIA

## **UMA DIMENSÃO EXTREMA**

*Assemelha-te de novo à tua árvore querida,  
a árvore de ampla ramagem, que escuta silenciosa,  
suspensa sobre o mar.*

NIETZSCHE, *Zaratustra*



*A Amazônia está morrendo porque nos recusamos a  
considerá-la  
como um repositório de conhecimento tão importante  
quanto  
as grandes bibliotecas ocidentais.*

*PATRICK DROUOT, O físico, o xamã e o místico*

## GUARAPUVU

*L'ombre que nous avons laissée  
sous l'arbre et qui s'ennuie.*

PIERRE REVERDY

Saltando na pista mágica dos  
teus ramos  
o xamã-pássaro bebe toda Luz  
vento gelado do urso do Norte  
vento-fogo do Leste  
com sua coroa de joias  
crepitando tremores

1998

## JUREMA-PRETA

Sou aluno  
das árvores  
alma elétrica  
nas veredas mais  
secretas  
Catimbó sonâmbulo  
& seus palácios  
meu crânio virando brasas  
desfolhando meu coração  
mananciais transfigurados  
na  
memória

*Jardim Tremembé, 1998*

# GRUMIXAMA

*para Gustavo*

Eu vejo o dragão  
da energia  
no meio do mundo  
lagarto violeta do prazer  
igual ao Sol & à Noite  
anjos sonâmbulos com esporas  
deslizam na escuridão

1999

## ESPINHEIRA-SANTA

planta de cabeceira  
da Deusa  
substância  
do tempo  
    & suas cores  
ritos lunares  
epifanias da seiva  
ensinou meu coração a ficar  
    em estado de Raio  
só sabemos quem somos  
    depois de você  
        se mover

1999

## IPÊ-ROXO

mão invisível  
percorrendo meu sangue  
a nuvem respira  
no acumulador de orgônio  
o dia às vezes  
é verde  
nas ruas nas flores  
nos lagos  
de  
sonhos novos

*1999*

## PAU-FERRO

Todos os dedos do Sol  
nas asas do gavião-peneira  
que anjo ou deva pirado assombrou  
a folhagem da sua alma?  
a nuvem marcha  
o sanhaço lambe o vento no  
corrimão do Mundo  
céu esculhambado  
licor de aurora boreal  
sonho ofegante da árvore-cinema

*Parque Anhanguera, 1991*

*Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião-de-penacho.*  
OSWALD DE ANDRADE, *Manifesto da poesia pau-brasil*



# **SINDICATO DA NATUREZA**

# RELATÓRIO PRA NINGUÉM FINGIR QUE ESQUECEU

*Contra tudo que não for loucura ou poesia*

JORGE DE LIMA

acordar para mastigar este pastel fúnebre recheado de gritos irados & piqueniques de seriedade frente à morte de García Lorca que em vida teve o bom gosto de dormir com adolescentes & toureiros

acordar para mastigar este pastel fúnebre liquidificador antropófago estrelas do futuro carnificina espiritual de impotentes bostas & lágrimas de crocodilo

o poeta só é celebrado nestas procissões blasfemas enterrado seu coração de carne grávido de vermes vivo poderia cantar vossos filhos & isto a moral que desintegrou Hiroshima condena.

10 de maio de 1922

O poeta russo Essiênin & sua esposa Isadora Duncan são festejados pelos meios literários russos de Berlim, mas ele provoca uma série de escândalos & toma porres todas as noites.

Março de 1925

O poeta Essiênin em Moscou sofre crises de melancolia, invade um recital de poesias, bêbado, urra injúrias & sarcasmos, provoca escândalos & orgias se sucedem.

Setembro de 1925

O poeta Essiênin está em Moscou para preparar a edição de suas obras completas pelas edições do Estado. Ele obtém pagamento antecipado & não para mais de beber. O julgamento severo da crítica fez com que ele sofra cruelmente.

Brasil — Bahia século xvii

Nasce o poeta Gregório de Matos que a uma certa altura de sua vida abandona casa, cargos & encargos & sai pelo Recôncavo povoado de pessoas generosas como contador itinerante, convivendo com todas as camadas da população, metendo-se no meio das festas populares, banqueteadando-se sempre que convidado. A violência da sátira do “Boca do Inferno” lhe valeu a deportação para Angola. Gregório de Matos assim é descrito pelo cronista da época: uma cabeleira postiça, um colete de pelica, uma vontade de ficar nu, um escritório adornado com bananas.

Paris 1947

O poeta surrealista Antonin Artaud morre num hospício na mais completa solidão abraçado a um sapato. Depois de 10 anos de eletrochoques, Artaud o Momo tem sua vida confiscada. A França & sua arte lógica estão salvas.

França 1935

O poeta René Crevel põe fim aos seus dias tendo antes tido o cuidado surrealista de espetar um papel com

alfinete na lapela escrito: Enojado.

Nestes dias em que meus únicos companheiros foram a música de Jorge Mautner & algum garoto triste conquistado de madrugada em alguma esquina da solidão eu sei que foram vocês que exilaram Gregório de Matos, enforcaram Essiênin, apertaram o revólver musical de René Crevel, internaram Artaud o Momo no manicômio

Hoje os olhos do poeta García Lorca erram nestas planícies assassinadas & gritam com Maiakóvski: Abandonem finalmente a veneração por meio dos jubileus centenários, a homenagem por meio das edições póstumas! Artigos sobre os vivos! Pão para os vivos! Papel para os vivos!

## QUEM TEM MEDO DE CAMPOS DE CARVALHO?

É BOM ANOTAR O SEGUINTE: O PATO DA DÚVIDA COM LÁBIOS  
DE VERMUTE (LAUTRÉAMONT) LAMBE BAIXO & ESTALA  
PREGAS:

É BOM ANOTAR O SEGUINTE: PANDEIRO & ROMÃ NO TABULEIRO  
DA VIDA. ROENDO LÁPIS & OLHANDO O TUCANO. ORELHAS  
VEGETÁVEIS.

É BOM ANOTAR O SEGUINTE: NO CINEMA A VERTIGEM ELÉTRICA.  
EU & MEU AMOR NO LOGRADOURO PÚBLICO.

É BOM ANOTAR O SEGUINTE: A SAÚVA NA UVA DO DIA SEGUINTE.  
MANHÃ BEM QUENTE. ADEUS.

Dionysos, na Grécia Antiga, era o Deus da vegetação, da orgia, do vinho, da anarquia. Pra começar a falar em Ecologia, precisamos iniciar a gira invocando Dionysos, que traz a renovação da primavera & da vegetação.

É importante lembrar Dionysos neste momento em que a Igreja Católica nos impõe São Francisco de Assis como patrono da Ecologia.

Muitos ecologistas caíram neste conto do vigário, a Igreja Católica esteve do lado dos senhores feudais na Idade Média, da burguesia depois da Revolução Francesa & agora, com sua Teologia da Libertação (ou da Empulhação?), está do lado dos partidos chamados de “esquerda” & dos trabalhadores.

A Igreja Católica só pode viver à sombra do Poder, qualquer Poder. No Brasil, quando chegaram as caravelas de Cabral, o primeiro ato dos padres foi um ato antiecológico: cortaram a primeira árvore brasileira para fazer a cruz da primeira missa.

Ato seguinte converteram & vestiram os índios para melhor escravizá-los. Por isso inaugurando esta coluna gritamos nosso Evoé a Dionysos patrono da Ecologia, da anarquia, do vinho & da orgia.

É preciso não confundir Ecologia com jardinagem.

A Ecologia é uma ramificação da Biologia, que estuda as interações entre os seres vivos & o seu meio ambiente.

Nos anos 1960 quando eu falava de Ecologia, a resposta das pessoas, que se amontoavam em bandos à direita & à esquerda, era sempre uma profissão de fé na

própria mediocridade. “Com tanta gente passando fome, esse cara vem falar de natureza.” Como se a vida do cretino não dependesse exatamente do equilíbrio ecológico. Os trabalhadores têm a CUT, a CGT. A onça-pintada não tem sindicato. Os rios não têm sindicato. O mar não tem sindicato.

Eles terão agora o seu Sindicato neste cantinho. Crie você também com os colegas do bairro, do serviço, do clube, um SINDICATO DA NATUREZA. Nosso lema será sempre AMOR, POESIA & LIBERDADE. A diversidade é a Verdade. Viva a diferença! Evoé!

PRISIONEIRO,  
DEGRADADO,  
SODOMITA,  
HERÉTICO,  
PIRATA,  
ESTE PAÍS  
NASCEU DA  
ANARQUIA.  
TIVEMOS  
TODAS AS  
OPORTUNIDADES  
PARA VIVER O  
MATRIARCADO  
DE PINDORAMA,  
SUA POESIA &  
SEU MITO.  
ENTREGAMOS  
NOSSA  
LIBERDADE  
NAS MÃOS  
EUNUCAS DA  
IGREJA CATÓLICA,  
DOS ACADÊMICOS  
& DOS  
ESQUERDISTAS  
DE PAU PEQUENO



*Mairiporã, 1990*

Na última entrevista concedida à grande imprensa nos meados dos anos 1950, o filósofo Martin Heidegger, perguntado sobre o que ele achava da Bomba Atômica, respondeu: “Qual delas? Esta de agora, ou aquela que explodiu há 2 mil anos?”. “Como assim?”, perguntaram os jornalistas atônitos. Heidegger acrescentou: “Pois quando Cristo falou: ‘Meu reino não é deste mundo’, ele detonou a primeira Bomba Atômica”.

De fato, a visão do mundo judaico-cristã, com seu Deus situado fora do Tempo & do Espaço imobilizado na Eternidade, representa a concepção mais antiecológica de que temos notícia. “Meu reino não é deste mundo” significa que o mundo poderá estar entregue a todo tipo de devastação, quer por bombas, agrotóxicos, industrialização etc., pois para este ponto de vista o planeta Terra é um lugar de passagem, um “vale de lágrimas”, um lugar de expiação.

Não é sem motivo que os romanos perseguiram os cristãos sob a acusação de que eram ateus, pois não adoravam os deuses do panteão romano cada um deles representando uma paixão humana ou deusas agrárias representando a fertilidade & generosidade da Terra, como Ceres & Cibele, sem falar de Baco (Dionísios para os gregos), deus da uva, do vinho & das bacanais que na Grécia & Roma tinham um sentido religioso. Com o advento do Cristianismo, ocorreu a dessacralização do mundo, que para os pagãos era povoado de deuses. “O que for feito à Terra, recairá sobre os filhos da Terra” diz o

ditado dos índios peles-vermelhas, adoradores do peiote, do Sol, da Lua, do coioite & do falcão. Amnésico & anestesiado pela civilização urbana industrial, robotizado em seus sentimentos, limitado em sua visão pelos edifícios & muros das cidades o homem moderno não sente mais a alegria cósmica & pagã de participar de um nascer do sol, de um crepúsculo, do silêncio das ilhas perfumadas, do instinto, da imensidão dos mares silenciosos, das estrelas. Reprimindo a criança que existe nele, o homem moderno aniquila os deuses do júbilo em seu coração. Deixa de improvisar sua vida, enquadrando-se na marcha uniforme da sociedade organizada & vestida.

intelectual brasileiro entra  
em partido político pra lavar chão.  
pra ser Devoto. Pasolini entrou em  
partido político pra criticar,  
pra esculhambar.  
os poetas deixaram de ser bruxos  
pra serem broxas.  
fantasmas-eunucos deste teatro  
de Sombras que é a  
sociedade Industrial,  
bibelôs de consumo devidamente  
etiquetados & vacinados  
contra a Raiva.  
a nossa viagem xamânica começa  
agora:  
para as praias desertas & florestas  
do mundo, rumo ao centro da Terra  
cidade lúcida & quente.

*Ilha Comprida, 1990*

# MANIFESTO DO PARTIDO SURREALISTA-NATURAL

*para Arthur Bispo do Rosário  
& Immanuel Velikovsky*

*A alegria é a prova dos 1990*  
ZÉ CELSO

*Mágicos de todo o mundo, uni-vos!*  
WILLIAM BURROUGHS

+ XAMANISMO + ARTAUD + RIMBAUD + LAMANTIA + LAUTRÉAMONT +  
STIRNER + FÍSICA QUÂNTICA + ECOSISTEMAS INTOCADOS + PLANTAS  
ALUCINÓGENAS + CANDOMBLÉ + AROMATERAPIA + ERVAS MEDICINAIS +  
DROGAS PSICODÉLICAS + RITUAIS DE TERROR + YOGA TÂNTRICA +  
DIONISISMO ORACULAR + INVENÇÃO DE ORFEU + COLTRANE + JOHNNY ALF  
+ JOBIM + EGBERTO + HERMETO + CAZUZA + ORGIA TÂNTRICA +  
CATIMBÓ + UZYNA UZONA + TERREIRO ELETRÔNICA + EDGAR CAYCE +  
ELIPHAS LEVI + POESIA CÓSMICA + PARACELSO + H. P. LOVECRAFT +  
ROBERT SHEKLEY + POLÍTICA DO ÊXTASE + GRANDE SERTÃO + MESCALINA  
MANÍACA DE MICHAUX + OSCARITO + GRAFITES SAGRADOS DE JOHN  
HOWARD & MAURÍCIO VILAÇA + ANARQUISTAS COROADOS + CRUMB +  
ANGELI + MILO MANARA + PETRÔNIO + PAISAGENS DESUMANAS + FABRE  
D'OLIVET + JIM MORRISON + MESA DOS ORIXÁS + BENÉ FONTELES +  
PIRAHY + RUBEM VALENTIM + WESLEY + CHAPADA DOS GUIMARÃES +  
IGUAPE + JUREIA + TAMBORES DA NOITE + MAGIA + MIRONGAS +

MANDINGAS + CARMINHA LEVY & OS NOVOS XAMÃS + AMOR + HUMOR +  
TAO DA FÍSICA + FRANK O'HARA + ALEISTER CROWLEY + LIVRO DOS  
MORTOS + BARDO TODOL + IMAGENS DO INCONSCIENTE + RELIGIÃO DOS  
TUPINAMBÁS + CREVEL + GAROTOS CAIÇARAS + GAVIÃO PRETO + HILDA  
HILST PORNÔ + EXPRESSIONISMO ALEMÃO + FERENCZI + PASOLINI +  
ARQUÉTIPOS + CONHECIMENTO ILUMINAÇÃO + MISTÉRIOS ELEUSIS +  
HELIOGÁBALO & SEUS VESTIDOS DE GAROTO LUZ + AMANITA MUSCARIA +  
RODRIGO DE HARO & SUA POESIA DE SEGREDOS + JOÃOZINHO TRINTA +  
ALMA SAXTENORIZADA DA BEAT + REVERDY + ARQUIVOS INSÓLITOS DE  
GYORGY FORRAI + SERRA DO MAR + JACOB BOEHME + YANOMAMI +  
SIGNATURA RERUM + BOB KAUFMAN + OBRA EM NEGRO + SANDRO PENNA  
+ DINO CAMPANA + RELAÇÃO ERÓTICA COM O MUNDO + DANTE + FEIJÃO  
PRETO + SAUNAS + FUTEBOL DE VÁRZEA + AFOXÉ DE JORGE MAUTNER +  
CONTROLE DEMOGRÁFICO + AVES DE RAPINA + ARRUDA + COGUMELO +  
JUREMA + MALCOLM DE CHAZAL + KURT SELIGMAN + ARRABALDES +  
ÓVNIS + PAIXÃO + TESÃO + ANARQUIA + MOQUECA DE PEIXE + BEIJOS  
NO ESCURO + FODAS SOLARES + PRAIAS DESERTAS + DANÇA + VINHO +  
RALPH CAMARGO & O TARÔ DE TERESÓPOLIS + TRIBO PRESENTE FUTURA  
DOS DELIRANTES CAVALEIROS APAIXONADOS CARNAVALESCOS BACANTES DA  
ORGIA PERMANENTE

EVOÉ LAROIÊ • JUQUITIBA 1990

P.S. + CIDADES VARRIDAS PELO VENTO + MINGUS + CAPITÃO PEIOTE +  
SILÊNCIO DE LUVAS DE BOX + TALENTOS SELVAGENS + EXU + XIVA +  
ALEGRIA PÂNICA + ESCOLA DE SAMBA + BOYS DE KONSTANTINOS KAVÁFIS +  
ILHA COMPRIDA DE ESMERALDA MISTERIOSA + LIVRO DAS MUTAÇÕES +  
TRIBOS SALVAS DA PESTE TECNOLÓGICA + DEMÔNIOS DE BAKÚNIN + FLOR  
NEGRA + GIBIS DEBOCHADOS DE TONINHO MENDES + MARSICANO & A  
CÍTARA DO CAOS INTERIOR + VEREDAS QUE DESEMBOCAM NUMA PAISAGEM  
DE SONHO + BIVAR & SEUS VERDES VALES + GAROTOS PÁSSAROS DE  
PAÚBAS + JOÃO S. TREVISAN & GLAUCO MATTOSO + NÉVOA DAS ESTRADAS  
+ COZINHA DO DECA + FLUIDO MÁGICO DO CORPO + BICELLI & SUA  
POESIA QUERMESSE & CAMINHO DO XAMÃ + HÉLICES DO MARAVILHOSO +  
BAGANAS VULCÂNICAS + SOL + CHUVA + FRIO + CALOR + MÁRIO PIRONE  
& SEUS PERFUMES DO CORAÇÃO NEGRO + ANTONIO & SEU FESTIVAL DE  
VIDA + RELVA SOBREVIVENTE + PINHEIROS DE ITAPECERICA + OLHOS  
SONOROS DE FLÁVIO + BAGAGENS DE CHUVA NO AVIÃO SORVETE +  
POLÍTICA DO MISTÉRIO + UVAS + SONHOS + VISÕES + DIONÍSIO GRITANDO  
BÊBADO & DROGADO NO PARAÍSO

# **TODO POETA É MARGINAL, DESDE QUE FOI EXPULSO DA REPÚBLICA DE PLATÃO.**

O JOGO GRATUITO DA POESIA

*Há campos para todos. Caminhos não marcados a  
ninguém...*

HÖLDERLIN

O fazer poético passa pelo corpo e pela cama. “A poesia se faz na cama como o amor...”, isto para começar a conversa. A palavra registrada em livro é a mera extensão (sublimada) do que sobrou da Orgia. Todos nós somos labaredas provocadas pelo curto-circuito do Desejo. O resto é balacobaco, isto é, literatura. Dante é pra ser relido numa sauna, rodeado de adolescentes. Não num escritório-abrigo-antiatômico. O vampirismo descobriu o desbunde, o marxismo e a linguagem caricata. Henri Michaux já deu o recado: Conhecimento através dos abismos. Inferno, Purgatório e Paraíso são uma coisa só. Mastigue cogumelos e Veja. Nenhuma regra: Ver com os olhos livres. Assim o curumim aprendeu o gosto de todos os espíritos. O assassinato também pode ser a ordem do dia. A blasfêmia e o roubo. Veja o episódio Vanni Fucci no Inferno de Dante. Gíria da pesada de malandro medieval. Mimetismo. Para uma estética da crueldade. Como diz Edoardo Sanguineti, “O Surrealismo é o fantasma que, com toda a justiça,



persegue as vanguardas e lhes nega um sono tranquilo”. Com a costela do Kapitalismo foi criada a Panaceia Socialista. O Forró Nuclear é a medida da Riqueza das Nações. As soluções em Poesia são individuais e não coletivas. Eu estou com Gilberto Vasconcellos: depois que joguei a obra completa de Marx pela janela, comecei a compreender o Brasil. Fora isto o seguinte: Poesia é uma forma de conhecimento que vê através de objetos opacos, como uma viagem de LSD e estados mediúnicos de levitação. Xamanismo, linguagem da Sibila de Cumas e cantos de caça de povos “primitivos”, poesia é uma atividade lúdica em que está empenhada sua vida, sua morte, a felicidade e principalmente o jogo. O jogo gratuito de todas as coisas. Por acaso, eis a origem de todas as coisas, diz Nietzsche. Não devemos excluir autoritariamente, como censor barato, nem os que se dizem marginais e não são e nem os que pensam que são marginais e são escriturários. Os Hitlers e Castros da vida já fizeram isso com muito mais eficiência. A Poesia é a mais fascinante orgia ao alcance do homem. E como diz Hegel, “A Orgia báquica da história será vivida por cada um de seus membros”.

# **FRAGMENTOS POÉTICOS**

o Amor é claro como uma lágrima  
a morte o silêncio, epifania das rosas que desfolham  
cobra mascarada enroscada num  
hiato do Verão

mar calmo & partidas crédulas  
Vento amarelo do Sonho  
contornando coxas estendidas na manhã

olhos negros do garoto & seus sonhos  
borboleta-mil-patas esvoaçando na agonia  
onde eu vi um deus  
Villon, o vento sul cola no teu olho  
    uma bela concha  
garoto de olhos negros, maturação de um outro mundo  
sexo novo, tráfico entre sol & lua

ratos roerão teus ossos  
metatarsos traçando ilusões  
    boca estourada na sinistra  
    risada da caveira  
botas grosseiras pisam  
o lindo olho  
de um garoto vadio

a poesia é perigosa  
flores mitem  
nuvem rosada rosna  
sobre o telhado de taipas  
o garoto dilacera o sexo  
de Deus numa dentada  
relógios desabam do décimo andar  
fogueiras propiciatórias enroscam suas línguas nas coxas  
que fogem  
canhões cospem cazzos compridos  
a poesia é perigosa  
a cidade num espasmo lunar se contrai & explode

garoto negro  
dance dentro dos meus olhos  
labareda expressionista na colina verdejante  
altar de um culto pagão  
muito louco  
& dinástico

Teólogo, até logo  
vou pelos mares sorridentes  
tripas ao vento  
nas colinas salgadas do verão



o garoto caiçara  
vê o gavião-pinhé rodopiando no céu verde  
vento ártico inflama ondas cinzentas sob o barco  
tainhas gritam comendo flores  
o sol geme sua dança de chamas retorcidas

teu beijo com gosto de peixe  
navega na minha boca feiticeira  
fodemos em pleno mar cor de pradaria  
garoto de mel & primavera  
último dos deuses

cara

caralho

carnaval da carne

carnaval do corpo roído pelo espaço

carnaval com estandarte

carnaval na presença do vulcão & do garoto não  
arrependido

*Qui prend l'encens de l'âme et les roses du corps,  
Qui symbolise un lys et que l'enfant enseigne.*

GERMAIN NOUVEAU

era a febre atravessando folhagens do silêncio  
era a febre no teu corpo bobo de adolescente complicado  
balançando feito uma rosa  
nos mamilos do verão

essa atividade muscular chamada poesia  
anos de selvageria & paisagens  
totens de neon carrancudos

eu sou uma criatura do jazz eterno  
esperma-neon no céu noturno  
meu sexo de metal free  
meus olhos de benzedrina cool  
transitório insone trepidante

## **LOVE IS MONEY, CARÍSSIMO**

A foca amestrada da realidade saltou com tudo no meu apartamento

“Love is money, caríssimo”, trombeteou, batendo as nadadeiras

Eu flutuava no carpete-verbena feito com sangue dos anjos

deitado no nada da perfeição

como a onça no ombro vegetal da floresta

olhando o céu através das cortinas

com meus olhos de carne-skate dos cometas

## POEMA

*As teorias passam. A rã fica.*  
JEAN ROSTAND, *Carnets d'un Biologiste*

O que importa é a porta  
cancerosos estudantes de semiótica  
não o buraco negro da fechadura  
na rigidez apolínea dos esquifes  
importa é vento além da porta que ainda ulula no  
horizonte  
gravatas de maconha enlaçadas na aurora  
centauros trotando no porre das avenidas  
cometas nas praias silenciosas  
Eu quero tocar o tambor nesta orgia de claridades  
circular na roda-gigante do coração do garoto punk  
onde a tribo do futuro cochila  
esperando o sinal do Ataque



# **FORTUNA CRÍTICA**

*Moi, j'ai toujours éprouvé  
un caprice infâme pour la pâle  
jeunesse des collèges, et les  
enfants étiolés des manufactures.*

LAUTRÉAMONT

# MAIS SOBRE ROBERTO PIVA

CLAUDIO WILLER

ROBERTO PIVA deve ser examinado por sua poesia, e também pela contribuição como fonte de informações, seja pelas citações e referências bibliográficas apresentadas em seus escritos, seja pela sua própria pessoa. Já foi observada a distinção entre estudar Piva e fazer propaganda de sua obra. Pois bem: ninguém fez mais propaganda de leituras que ele: “Tem que ler Rimbaud...!”, entusiástico, a quem era apresentado. “Esgotei Nietzsche...!”, quando o conheci, no final de 1959. E a série de valiosas indicações, através de telefonemas: “Olha, tem um autor bom, Herbert Marcuse, *Eros e civilização*”; “Tem um livro que você precisa ler, *O arco e a lira*, de Octavio Paz”. Recomendações pioneiras, antes de esses autores ganharem popularidade.

Na ponta das indicações, surrealismo. Ao telefone, lendo e comentando trechos de *La Liberté ou l’amour*, de Robert Desnos; em 1963, maravilhado com o Bébé Cadum. Avisava: “Tem a tradução portuguesa de *O amor louco*, de Breton, na Livraria Lorca”. Mais tarde: “Achei as entrevistas do Breton, *Entrétiens*”. E isso, até o final: “Você tem que ler *A literatura e os deuses*, de Roberto Calasso! O capítulo sobre Lautréamont! ‘Elucubrações de um serial killer!’”. “Na Livraria Cultura tem *História da filosofia oculta*, do Alexandrian!” e por aí afora, em cinco

décadas de telefonemas indicando e comentando livros — para mim e para seus demais amigos e interlocutores.

Ainda no registro de contribuições, vale destacar seu modo de praticar a sociabilidade. Apresentava pessoas nas quais via qualidades. Desde o período de efusão, coincidindo com a criação da coleção *Novíssimos* por Massao Ohno, em 1960, foi formando uma espécie de confraria, composta de pessoas nas quais via algum motivo para o interesse. Boa parte dos meus amigos até hoje, além dos que já partiram, eu conheci através dele.

Nas entrevistas, Piva sempre disse que cresceu no campo, em uma fazenda (destaco a edição de suas entrevistas em livro de 2009<sup>1</sup> e o *Os dentes da memória*, de 2011).<sup>2</sup> Nunca mencionou — exceto em uma prolongada evocação, uma vez em que me visitava — haver sido aluno de internato, no Colégio Mackenzie. Recalcou, acho. Vejo uma dualidade de base entre as duas experiências, de liberdade e confinamento. Delas, emergiu o rebelde, expulso de sucessivos colégios. Ganharia notoriedade, ao mesmo tempo, por sua cultura e como membro de um grupo selvagem, de arrombadores de festas e outras façanhas, e por suas notórias preferências sexuais. Completaria o segundo ciclo mais tarde, em supletivos no início dos anos 1970, para formar-se em sociologia — cursava pela manhã a faculdade de estudos sociais em Guarulhos, chegava lá de carona com Roberto Bicelli, que fez letras, e à noite cursava a Escola de Sociologia e Política. Isso, para lecionar por algum tempo, premido pela necessidade de sustento financeiro, após tentativas de organizar shows de conjuntos de rock e trabalhar em agências de publicidade.

Mas levou o autodidatismo ao limite. Nas leituras, penso, encontrou uma solução da antinomia entre os dois mundos, da natureza já então erotizada e das instituições, colégio interno inclusive. Em comum com

tantos outros autores, o impacto de Dostoiévski, seguido de Nietzsche, Hegel, Heidegger. E clássicos, incluindo o curso sobre Dante Alighieri por Edoardo Bizzarri no Istituto Italiano di Cultura. Achava raridades — em uma das entrevistas, apresenta-se como leitor de Cecco Angiolieri, integrante menos conhecido do Dolce Stil Nuovo.

A destacar, sua memória. Ao encontrá-lo, punha-se a dizer passagens de *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, ou do *Poeta em Nova York*, de Lorca. Episódio exemplar, já no final dos anos 1970, quando, completamente bêbados após um lançamento, recebidos por Marilda Rebouças, conhecemos Italo Mauro, que preparava a tradução da *Divina comédia* de Dante, que sairia pela Editora 34. “Ah, você está traduzindo Dante?” — e citou uma passagem da *Comédia*; Italo, imediatamente, a prosseguiu; Piva, por sua vez, continuou; e assim ficaram, qual repentistas modernos, dizendo passagens de Dante de memória, até Piva desabar de vez e adormecer pesadamente no sofá.

Quando o conheci, a geração beat estava no foco do interesse. Piva chegava a usar a expressão “perfeito beatnik” para referir-se a alguém que o impressionava: “Willer, conheci um perfeito beatnik! Rodrigo de Haro...!”, ao retornar de uma viagem a Florianópolis. Mas nossa informação era mais por matérias jornalísticas e publicações esparsas,<sup>3</sup> até o momento em que ele fez que chegasse, através de uma providencial tia que viajava, uma pilha de edições da City Lights e outras editoras independentes dos Estados Unidos. O elenco completo: *Beat Scene*, Allen Ginsberg, Gregory Corso, Michael McClure, Gary Snyder, Philip Lamantia, Lawrence Ferlinghetti, e um *Destroyed Works*, de Philip Lamantia, o beat-surreal americano. Lamantia (David de Angeli em *Anjos da desolação*, de Kerouac), ainda adolescente, havia sido descoberto e publicado por surrealistas na

década de 1940; sofria de transtorno bipolar e alternava imagens poéticas delirantes e períodos de recolhimento religioso. Na Biblioteca Roberto Piva, no acervo organizado por Gabriel Kolyniak e colaboradores, há uma rara coletânea italiana de Lamantia. E, entre outros títulos de interesse, *The Portable Kerouac*, de Ann Charters: aprendeu inglês lendo os beats.<sup>4</sup>

As relações entre as duas grandes rebeliões fundadas na poesia do século xx, surrealismo e beat, foram enviesadas. Breton certamente não teria aguentado Ginsberg, que, por sua vez, seguidor de uma poética muito mais próxima ao objetivismo inspirado em Ezra Pound, alternou referências críticas e elogios ao movimento francês. Eles se encontram, e atribuo importância histórica a isso, em *Paranoia*, de Piva. Designou seu livro de estreia como “beat-surreal” — em entrevistas e no documentário *Uma outra cidade*, de Ugo Giorgetti. Antes de *Paranoia*, diretamente inspirado no formato de *Bomb...!*, de Gregory Corso, lançou a “Ode a Fernando Pessoa” em uma extensa tira publicada por Massao Ohno. Seus primeiros manifestos — “Bules, bÍlis & bolas”, “A catedral da desordem”, “A máquina de matar o tempo” — também são beat-surreais: as séries de pares opostos, transposição das antinomias opondo *squares* e *hipsters* em *The White Negro*, de *Advertisements for Myself*, de Norman Mailer.

Chamam a atenção, em *Paranoia*, as imagens vertiginosas, levando ao limite a aproximação de realidades distantes. Até hoje, ler o livro todo provoca tonturas. Como é possível, pergunto-me, alguém inventar “meu epiciclo de centopeias libertas”? Epiciclos, na representação do universo aristotélico-tomista, de Ptolomeu, seriam órbitas menores descritas pelos planetas para se ajustarem ao modelo geocêntrico. Imaginem uma quantidade de centopeias revolteando desse modo — algo pavoroso. Ou então, “nas boates

onde comias pickles e lias Santo Anselmo”. Precursor do tomismo, Santo Anselmo teve um papel relevante no debate sobre investiduras, autorizações do papa para que alguém pudesse ser rei: o oposto das simpatias de Piva ao declarar-se leitor de místicos como Jacob Böhme ou Ângelus Silesius. Esses extremos da aproximação de incompatibilidades ao lado de imagens mais descritivas — “terraços ornados com samambaias e suicídios” ou “jovens pederastas embebidos em lilás” — e blasfêmias — “a virgem banha sua bunda imaculada na pia batismal”. Isso, entremeado de frases com uma ironia ou humor característico: “defuntos acesos tagarelam mansamente ao pé de um cartão de visitas”.

Piva declarou várias vezes que o título *Paranoia* é alusão à “paranoia crítica” de Salvador Dalí — a percepção alucinatória de uma realidade, transfigurada pelo delírio racional. Aplica-se ao modo como descreve a rua São Luís, a praça da República, a rua das Palmeiras e outros lugares da região central de São Paulo, por onde, flâneur diuturno, circulava, de um modo bem registrado pelas fotos de Wesley Duke Lee para a edição original do livro. Encontrava-se com um grupo de rapazes na praça da República; a cena de todos subindo em uma árvore reproduz o que realmente aconteceu, após fumarem algo.

Mas há outra interpretação para esse título, que lembra *Gasoline!*, de Gregory Corso (que fazia parte da já mencionada pilha beat): Piva escolheu, como provocação, uma expressão que não tivesse lugar elevado na escala do “poético”.

Já se escreveu bastante sobre os decalques do *Uivo*, de Allen Ginsberg em *Paranoia*. “A Piedade”, poema com o qual abria leituras como se estivesse se apresentando, é adaptação/ampliação do trecho sobre seriedade em “América”. Em “No parque Ibirapuera”, Mário de Andrade está no lugar de Walt Whitman em “Um supermercado na

Califórnia”. Adiciono uma comparação. Em “O Volume do Grito”, de *Paranoia*:

*relógios podres turbinas invisíveis burocracias de cinza  
cérebros blindados alambiques cegos viadutos  
demoníacos  
capitais fora do Tempo e do Espaço e uma  
Sociedade Anônima  
regendo a ilusão da perfeita Bondade*

Na segunda parte de “Uivo”, de Ginsberg:

*Moloch! Moloch! Apartamentos de robôs! subúrbios  
invisíveis! Tesouros de esqueletos!  
capitais cegas! indústrias demoníacas! nações  
espectrais! invencíveis hospícios! caralhos de granito!  
bombas monstruosas!*

Ginsberg prossegue no mesmo ritmo e versificação, com as mesmas imagens apocalípticas. Piva muda:

*os gramofones dançam no cais  
o Espírito Puro vomita um aplauso antiaéreo  
o Homem Aritmético conta em voz alta os minutos que  
nos faltam  
contemplando a bomba atômica como se fosse  
seu espelho*

Foi mostrado, a propósito das afinidades da poesia de Ginsberg e *Paranoia*, que Piva pretendia fazer poesia pública, para ser lida em voz alta;5 isso, lembrando as consequências da primeira apresentação de *Uivo* na mítica leitura na Six Gallery em outubro de 1955, evento que desencadeou a geração beat. Vale também para sua afinidade com *Um poeta em Nova York*, de García Lorca, consagrado declamador (apresentou esse livro em uma leitura em 1933, antes de publicá-lo). Mas cabe, penso,



introduzir uma espécie de contraponto: o poema deveria ser detestado pelo público. É o caso de *Bomba*, de Gregory Corso: criado em 1958, vaiado em sua primeira leitura pública em Londres, em 1960, a ponto de jogarem um sapato no poeta — alguns presentes não toleraram sua irônica argumentação de que tanto fazia morrer em uma catástrofe nuclear ou de algum outro modo.<sup>6</sup>

Já havia observado essa presença de Corso em Piva. Por exemplo, compare-se, de *Paranoia*,

*Eu queria ver as caras dos estranhos embaixadores da  
Bondade quando me  
vissem passar entre as rosas de lama  
firmentando nas ruelas onde  
a Morte é tal qual uma porrada*

E Corso, em *Lady Vestal*:

*Eu conheci as estranhas enfermeiras da Amabilidade,  
eu as vi beijar aos doentes, atender aos velhos,  
dar doces aos loucos! 7*

Se for para enveredar pelo comparatismo literário, o autor a ser mais lembrado a propósito de Piva, penso, é o Rimbaud de *Iluminações*, pelas imagens compostas, através das quais a relação de significação é inteiramente abolida, como estas:

*Iguais a um deus de enormes olhos azuis e formas de  
neve, o mar e o céu atraem  
para os terraços de mármore a turba de jovens e fortes  
rosas.<sup>8</sup>*

Mas *Paranoia* é marcado pela ambivalência, outro traço em comum com Rimbaud: ao mesmo tempo, poema para ser amado e detestado pelo público. Promove o encontro de um poeta carismático como Ginsberg e outro

frequentemente insuportável, como Corso.<sup>9</sup> Isso pode ter contribuído para o modo como foi recebido. A liberdade vocabular, bastante inspirada em Ginsberg, e blasfêmias como “anjos de Rilke dando o cu nos mictórios” fizeram que a geração de 45, então dominante na cena literária, esfriasse de vez conosco. Formalistas e os militantes mais engajados, voltados para a mensagem, tampouco apreciaram.

O livro seguinte, *Piazzas*, é intimista. São citados nomes de interlocutores.<sup>10</sup> Nos poemas em prosa, são frequentes as séries de imagens encadeadas, das quais o mais importante precedente, além dos vertiginosos “belo como” de Lautréamont, está em passagens de *Iluminações*, de Rimbaud, como aquela já citada aqui. A tese de Ricardo Mendes Mattos, *Roberto Piva: Derivas políticas, devires eróticos & delírios místicos*,<sup>11</sup> decifra *Piazzas*. É um livro submerso; encontro das teses do psicanalista Sandor Ferenczi sobre uma nostalgia recalcada da origem no meio aquático; de *Atlantis*, de Hart Crane, também embaixo d’água, assim como a série “Heliogábalos”, uma série de poemas em prosa que remete não apenas ao livro de Artaud, mas ao *Algabaal*, de Stefan George, que termina com o devasso imperador-adolescente submerso. Refere-se ainda a Namor, o Príncipe Submarino das tiras em quadrinhos. Isso, lembrando que o território utópico de Platão, a Atlântida, teria afundado e repousa sob a água.

O modo de criar e escrever de Piva suscitou comentários. Já se falou em “surto”. Há, contudo, que distinguir entre duas coisas: poemas e livros. Grande é a sua quantidade de esparsos e dispersos. Criava constantemente. Boa parte, perdia ou descartava. Algo, salvei — como o corajoso “O hino do futuro é paradisíaco”, de 1977, sobre a tortura de presos políticos pelo regime militar, apresentado por ele em um lançamento.<sup>12</sup> Datilografei o manuscrito e o publiquei no

jornal *Versus*, de Marcos Faerman; mais recentemente, em meu blog.

A propósito de um poema como esse, e outros textos publicados em *Versus*, cabem observações sobre a aparente virada de fio de Piva desde os anos 1980, proclamando-se monarquista e contendor das esquerdas, após declarar-se marxista durante duas décadas. Ele sempre se situava do outro lado, à margem. De esquerda durante o regime militar, aparentemente à direita a partir da redemocratização. Um adepto das rebeliões de elite: apreciador de figuras como Von Stauffenberg (o aristocrata que tentou matar Hitler), leitor de Spengler, tinha a capacidade de transportar-se para outras épocas, bem longe da sociedade burguesa que abominava.

Há, na relação de Piva com seus escritos, episódios cômicos. Por exemplo, como me relatou Roberto Bicelli, a gênese de *Abra os olhos & diga Ah!*, seu exultante terceiro livro, lançado em 1976. O poeta simplesmente deu o original de presente para um rapaz; sua mãe viu aquilo e jogou fora. “Não faz mal, escrevo outro”, disse Piva para Bicelli.

Em 1978, aventurei-me em publicações; resolvi editar outros poetas. “Ah, você está publicando? Então vou escrever um livro!”, exclamou Piva. E criou *Coxas*. Lia-me ao telefone trechos da saga de adolescentes que criavam uma confraria, inspirada em *Wild Boys*, de William Burroughs, logo após escrevê-los.

Já comentei, sobre esse livro, a mudança de tom: começa relatando as aventuras da confraria Osso & Liberdade, composta de jovens leitores de Dante e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, que partem em busca do Andrógino Antropocósmico. Achado, o andrógino é morto. Em seguida, virando a página, Piva está em um bar, em São Paulo (para ser mais preciso, o bar Joly, no final da avenida Paulista, ponto de encontro ao lado da então livraria Kairós). E oferece uma série alternada de

poemas em linguagem direta, elegíacos, como “Antínoo & Adriano” e “A vida me carrega no ar como um gigantesco abutre”, e outros em prosa, que são os mais delirantes que escreveu, como “Sbornia filamentosa”. Interpretei como aversão de Piva ao discursivo: não suportaria criar um relato com começo, meio e fim. Interpretação melhor é a de Ricardo Mendes Mattos, na tese citada: nos mitos, para a instauração do mundo, é necessário um sacrifício; no caso, do Andrógino primordial, símbolo da unidade em Platão (entre tantas outras fontes). Uma vez consumado o sacrifício, o protagonista está no mundo “real”, do aqui e agora; na São Paulo de 1978, por onde perambula, fazendo-se acompanhar pelo marquês de Sade.

Um tópico também merecedor de exame é o do xamanismo em Piva, tema de alguns bons trabalhos.<sup>13</sup> Mas cabe perguntar sobre a emergência algo tardia das menções ao sacerdote ou mago tribal: apenas na década de 1990, com os luminosos poemas de *Ciclones*. Ele já conhecia bem a contribuição de Mircea Eliade; lia o historiador das religiões desde os anos 1960, além de outros autores que trataram do tema. Mas referia-se sempre ao pajé, não ao xamã. Aparentemente, para autorizar-se a usar o termo e apresentar-se como poeta xamânico — fez leituras de *Ciclones* vestido de branco, acompanhado de dois rapazes seus amigos, soando instrumentos de percussão —, precisou de duas viagens iniciáticas ao inferno. A primeira, declarada, de *20 poemas com brócoli*. Mas aquele inferno prazeroso, sugerido por uma sauna de subúrbio frequentada por rapazes, não bastou. Procedeu a uma segunda descida em *Quizumba*: seu livro mais extravagante e delirante, no qual palavras são substituídas, em algumas passagens, por glossolalias, e são uma constante os encontros com o Demo através de referências não só a Dante (inclusive o “*Pape Satàn! Pape Satàn!*” do final do

*Inferno*), mas a Guimarães Rosa e ao “Exu comeu Tarobá”, o ritual de magia dos *Poemas negros*, de Jorge de Lima. Acredito que tenha contribuído para a superação de uma forte crise, também, o diálogo com Marco Antônio de Ossain, um culto babalaô, homenageado no “Poema vertigem”, em *Ciclones*.

A mudança de tom irá coincidir com uma espécie de recuperação na década de 1990. Após parecer candidato seguro a um quadro de alcoolismo, modera-se; por anos ausente da cena literária, exceto pelas contribuições para a revista *Chiclete com Banana* de Toninho Mendes, volta a apresentar-se em leituras de poesia, palestras e oficinas literárias (seus “encontros órficos”). A circulação da poesia amplia-se, com a contribuição importante da revista *Azougue*, de Sergio Cohn e amigos. Há um ciclo de recuperação que culmina e se encerra em 1997. Naquele ano, lançou com sucesso *Ciclones*; ampliou a presença em eventos; e começa a ganhar alguma fortuna crítica. Mas apresenta os sintomas do mal de Parkinson que apressaria seu fim; e morre, inopinadamente, Marco Antônio de Ossain.

Seu último livro, *Estranhos sinais de Saturno*, ilustra esse período. É um hino à amizade: todos os poemas têm dedicatória, em oposição a *Paranoia*, em que ninguém é nominalmente citado. Não abre mão do xamanismo, e termina com poemas para o gavião-de-penacho, animal-totem, e as plantas sagradas, como a jurema. Mas proclama-se o poeta “na cidade”, e não “da cidade”; uma metrópole que é cenário de horror, conforme descrito em um poema como “Bilhete para o Bivar”.

Um dos seus manifestos se intitula *O século XXI me dará razão*. Certo como previsão. Em 2000, a reedição de *Paranoia*, pelo Instituto Moreira Salles; em seguida, os volumes de sua *Obra reunida*; as participações em antologias, das quais antes estava inteiramente ausente; algumas traduções; a sucessão de teses, dissertações e

ensaios, configurando-o como poeta não apenas lido, mas estudado; documentários como *Uma outra cidade*, de Ugo Giorgetti, e *Assombração urbana*, de Valesca Dias; versões ou adaptações para teatro e dança.

Uma trajetória ascendente, que felizmente prossegue.

---

*Encontros: Roberto Piva*. Org. de Sergio Cohn. Rio de Janeiro: Azougue, 2009.

*Os dentes da memória: Piva, Willer, Franceschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia*. Org. de Camila Hungria e Renata D'Elia. São Paulo: Azougue, 2011.

Por volta de 1960, havia em São Paulo uma livraria esplêndida com pockets, o Palácio do Livro, na avenida Ipiranga. Lá achei *On the Road* e *The Dharma Bums*, de Kerouac.

Piva não sabia inglês — aprendeu lendo os beats, como o atesta um exemplar de *The Portable Kerouac* de Ann Charters, na mesma biblioteca.

Danilo Monteiro, *Teatralidade da palavra poética em Paranoia, de Roberto Piva*. São Paulo: FFLCH-USP, 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) e em vários trabalhos subsequentes.

O episódio é relatado em *The Beat Hotel*, de Barry Miles; as citações a seguir são da boa edição brasileira: *Gregory Corso: Antologia poética*, sel., trad. e notas Márcio Simões. São Pedro de Alcântara, sc: Nephelibata, 2013.

Essas comparações já estão em meu artigo “Roberto Piva e a poesia”, *Revista Triplov de Artes, Religiões e Ciências*, nova série, n. 2, 2010. Disponível em: <[https://www.triplov.com/novaserie.revista/numero\\_02/claudio\\_willer/index.html](https://www.triplov.com/novaserie.revista/numero_02/claudio_willer/index.html)>. Acesso em: 25 jan. 2022.

Na tradução de Ivo Barroso.

O modo de comportar-se de Corso é bem relatado em *The Beat Hotel*, de Barry Miles, entre outras fontes.

Dois jovens irmãos frequentados por Piva, Claude e Jean, nos poemas, e o meu no posfácio.

São Paulo: IP-USP, 2015 (Doutorado em Psicologia Social).

De *Antes que eu me esqueça*, de Roberto Bicelli, no final de 1977. Trechos da leitura estão no documentário com o mesmo título de Jairo Ferreira.

Recomendo, especialmente, *Deixe a visão chegar: A poética xamânica de Roberto Piva*, de José Juva, inicialmente dissertação de mestrado em Teoria

da Literatura (Recife: CAC-UFPE, 2011) e depois livro (Rio de Janeiro: Multifoco, 2012).

# A CINTILAÇÃO DA NOITE<sup>1</sup>

ELIANE ROBERT MORAES

TUDO É NOITE na poesia de Roberto Piva. Tudo é noite na paisagem estranha e febril que seus poemas deixam entrever, e é também da noite que tudo nasce, fazendo a vida brotar com inesperado vigor, como no poema inicial de *Abra os olhos & diga Ah!*: “no útero da maçã/ tudo começa/ a anoitecer/ cheio de energia”.

Já em *Paranoia* a ênfase do poeta nos cenários noturnos supõe uma forte recusa do mundo emblemático do dia, marcado pela racionalidade do capital e pela rotina do trabalho, em função de um mergulho vertiginoso em domínios mais sombrios, onde predomina o caos. “Visão de São Paulo à noite”, por exemplo (também apresentado como “Poema Antropófago Sob Narcótico”), propõe um roteiro psicodélico pelo centro da capital paulistana, vasculhando o “corpo das praças” nas madrugadas para revelar um labirinto obscuro, onde qualquer tentativa de orientação acaba por ceder aos imperativos da desordem. Uma tal opção pela noite, reino da instabilidade, não se resume porém à descrição da paisagem, estendendo-se à disposição interior do eu lírico: “a lua não se apoia em nada/ eu não me apoio em nada”.

Convém lembrar, contudo, que esse estado flutuante, em que tudo se rende ao provisório, indispondo o sujeito



a vínculos, jamais se confunde com a solidão. Apesar de misteriosos, os cenários noturnos de Piva pouco têm em comum com as noites funestas evocadas pelos artistas românticos, muitas vezes vividas por personagens solitários, perdidos em meio a uma natureza erma, silenciosa e melancólica. Assim, ainda que o poeta se reconheça como herdeiro da linhagem maldita do romantismo, as paisagens de seus poemas exalam uma agitação e um burburinho que raramente se encontram em seus inspiradores. Nessa poesia pulsante, a escuridão é sempre repleta de acontecimentos, pessoas, objetos, barulhos, e por vezes até mesmo ostensivamente iluminada.

É a noite mundana das boates, dos comércios escusos, das galerias suspeitas, dos bares abarrotados de gente anônima, das saunas de subúrbio, dos lascivos mictórios públicos e sobretudo das calçadas urbanas, onde se cruzam bêbados, artistas, poetas, putas, michês e outros seres estranhos à luz do dia. São todos eles, como se lê ainda em *Paranoia*, “corpos encerrados pela Noite”, cuja existência por si só reitera a negação da ordem diurna. Não estranha, portanto, que esse cenário libertino inspire ao autor uma eloquente saudação a Sade, talvez o mais noturno dos escritores, evocado como antídoto à “desolação cotidiana”: “A noite é nossa Cidadão/ Marquês, com esporas de gelatina pastéis de esperma &/ vinhos raros onde saberemos localizar o tremor a sarabanda/ de cometas o suspiro da carne” (“Porno-samba para o Marquês de Sade”, em *Coxas*).

Enfático apelo aos sentidos, como ocorre em quase toda a produção do poeta, que aproxima de forma inequívoca a vida noturna à potência original do sexo. É o que supõe o poema inicial de *Abra os olhos & diga Ah!*, citado acima, ao associar o útero da maçã a um anoitecer “cheio de energia”, sugerindo a eclosão de uma força vital que tem origem no centro secreto de

cada ser. Ou o que sugere o autor em “Bar Cazzo d’Oro” (em *Coxas*), valendo-se do insólito título de um livro de Thomas de Quincey para dar a dimensão do impacto que lhe causa uma prosaica cena de bar carregada de sensualidade: “O adolescente estava sentado na mesinha com a maçã encravada no meio. *De l’assassinat considéré comme une des beaux-arts*”.

Trata-se, portanto, de uma energia que pulsa dentro do corpo, mas com tamanha intensidade que, uma vez liberada, termina por contaminar a paisagem inteira. Trata-se, em suma, de um impulso sexual que, insaciável, promove a contínua erotização do mundo, reiterando sem cessar o mote da lascívia e da devassidão, como nestes breves versos de *Quizumba*: “garoto bêbado chupando o pau do travesti/ Santa Cecília by night” (“Chovia no teu coração de merda”). A noite, aqui, é invariavelmente sinônimo de sexo.

Tudo é sexo na poesia de Piva. Mesmo as cenas diurnas, transcorridas na mais intensa claridade, são fortemente marcadas por essa atmosfera marginal e libidinosa, a atestar a prevalência da noite até sob a luz do sol. *Coxas*, por exemplo, se inicia com um longo poema (“Os escorpiões do sol”) que descreve um encontro erótico entre dois homens no coração da metrópole paulistana. A dicção seca, sem rodeios, a rigor mais próxima da prosa do que da poesia, cria um intervalo entre fundo e forma que contribui para acentuar a estranheza do encontro:

*O adolescente ajoelhou-se abriu a braguilha da calça  
de  
Pólen & começou a chupar.  
Eram 4 horas da tarde do mês de junho & o sol batia  
no  
topo do Edifício Copan suas rajadas paulistanas onde  
Pólen*

*& Luizinho foram fazer amor & tomar vinho.  
[...] Você é minha  
putinha, disse Pólen. Isso, gritou Luizinho, gosto de ser  
chamado de putinha, puto, viado, bichinha, viadinho ah  
acho que vou gozar todo o esperma do Universo!  
Nesse instante um helicóptero do Citibank se  
aproximava  
pedindo pouso & os dois nem ligaram continuando com  
suas blasfêmias eróticas heroicas & assassinas.  
O guarda que estava no helicóptero então mirou &  
abriu fogo.  
Luizinho ficou morto lá no topo do Edifício Copan com  
uma  
bala no coração.  
Por onde é preciso começar?*

Se a saga erótica de Pólen, que o leitor acompanha ao longo do livro, tem sua origem em uma situação a um só tempo lasciva e sinistra, isso acontece justamente porque nela o éthos noturno se vê em absoluto confronto com as determinações do mundo diurno. Ao contrapor a lógica implacável do poder financeiro, próprio do dia a dia da metrópole, à ousadia juvenil do par homossexual que em plena tarde de verão sobe ao topo de um edifício para “fazer amor & tomar vinho”, os versos de *Coxas* reiteram a opção do autor pela via da transgressão, cuja sintonia com o ideário da contracultura já foi muitas vezes assinalada.<sup>2</sup>

A volúpia subversiva do amor homoerótico ocupa, assim, o centro dessa poética, sempre evocada como um antídoto contra todo tipo de aparato repressivo, seja do capital, da Igreja católica, dos guardiões dos bons costumes ou de qualquer outra instância de sujeição da libido. Não é por outra razão que a figura do garoto sensual surge em tal contexto como a encarnação da liberdade, da beleza e da própria poesia.

A noite pertence aos garotos e eles estão por toda parte.<sup>3</sup> Basta percorrer as páginas de qualquer livro de Piva para encontrá-los aos montes, como se pode confirmar num breve exame dos títulos publicados neste volume. Seja o “pequeno deus” ou simplesmente o “garoto pornógrafo” de *Abra os olhos & diga Ah!* (iniciado aliás pela epígrafe de Lautréamont declarando amor aos “pálidos adolescentes”), seja o “petit moreno amante” exaltado em *Coxas* ou então o “garoto canalha” de *Quizumba*, seja ainda o prosaico “adolescente da lavanderia” ou um dos “garotos-filósofos de Platão” cantados em *20 poemas com brócoli* — a evocação do amante-menino é onipresente nesse imaginário de forte apelo sexual, que se constrói sempre “à sombra/ das cuequinhas em flor” (em *Abra os olhos & diga Ah!*).

A meio caminho entre a inocência da infância e a vida erotizada do adulto, a adolescência é muitas vezes representada como a porta de entrada na sexualidade, tendo no horizonte um caminho ainda a ser definido. Com efeito, os garotos que povoam a poesia de Piva parecem realmente viver numa espécie de limbo que lhes outorga a possibilidade de assumir qualquer papel, a começar por aqueles ditados pela própria língua: esses “*muchachos ragazzi garçons boys* garotos com vaselinas-antenas” (“Norte/Sul”, em *Coxas*), travestidos de anjos, de michês ou de bandidos, podem realmente encarnar qualquer fantasia. Daí que sejam eles os objetos privilegiados dos inesgotáveis devaneios sexuais do poeta.

Mas, ao lado da celebração do homoerotismo, a obsessão pelo garoto deixa transparecer também uma utopia temporal, traduzida na idealização da adolescência como idade de ouro. Tal sonho de permanência no tempo juvenil — como se fosse possível capturar o que é por definição passageiro — pode até mesmo estar na origem de uma certa ideia de redenção

pela pederastia, bastante recorrente nessa obra. Seja como for, tudo acontece como se o contato carnal com os “pequenos deuses” garantisse ao sujeito lírico uma juventude eterna, libertando-o das agruras impostas pela passagem do tempo. Entende-se então o motivo mais profundo da erotização contínua do mundo que marca a literatura de Piva, já que ela promete a renovação incessante do desejo e, com isso, a permanência do poeta nos domínios dionisíacos da adolescência.

Esboça-se aí a fantasia de um tempo eterno, no qual se instaura uma orgia louca e interminável, a reverberar na noite lasciva e absurda que cintila na paisagem sensível — mesmo depois do raiar do dia. Eterna e cíclica, essa temporalidade fundada no sexo promove sem cessar o retorno a um presente que só responde ao princípio do prazer e, por isso mesmo, já não se inscreve na história nem na própria duração temporal: “o relógio que bate as paixões delira” (“Bar Cazzo d’Oro”).

Embora imaginada fora do tempo, a vida lúbrica ao lado dos belos garotos tem uma localização espacial bem precisa. É sempre a cidade — ou, melhor, a metrópole — que oferece ao poeta oportunidades infinitas de multiplicar e variar seu moto perpétuo do desregramento, abrindo-lhe as portas da surpresa. A agitação urbana provoca continuamente sua imaginação, incitando-o a inventar nexos novos e insólitos entre os seres e as coisas com que cruza em seus giros noturnos, para criar uma mitologia própria na qual o erotismo se compromete por completo com a sensibilidade cosmopolita.

Nesse sentido, a disposição lírica de Piva pode muito bem ser considerada uma atualização daquele “*état de surprise*” que para Apollinaire definia o espírito do artista moderno que flanava a esmo pela cidade.<sup>4</sup> Não por acaso, um dos poemas de *Piazzas* (“Lá fora, quando o vento espera...”) é introduzido ao leitor com uma

epígrafe do escritor francês — *“Une nuit de sorcellerie/ Comme cette nuit-ci”* — que se vale igualmente da metáfora noturna para realçar a disposição sensível de um sujeito aberto aos convites da rua. Como que oferecendo uma descrição da insólita noitada à qual alude Apollinaire, os versos do poeta paulistano propõem:

*O coração gelado do pavão na noite  
ouvindo estrelas  
no vazio de um grande piano  
não me surpreendendo agora  
o sorriso de sua doce anatomia  
as pernas quentes no meio da  
rua  
todo o meu rosto deslizando em lágrimas no espelho  
o negro animal do amor morreu de fome nos acordes  
finais de um peito nebuloso  
não outra vez  
loiros fantasmas  
fornicando em meu olho*

Como se pode perceber, a “noite de bruxaria” insinuada pela epígrafe reveste-se aqui de uma tonalidade manifestamente urbana, uma vez que a cidade é o pano de fundo da cena lúbrica: “as pernas quentes no meio da rua”. O olhar do poeta para o mundo assume, dessa forma, várias perspectivas ao mesmo tempo: de um lado, mostra-se poroso e até mesmo integrado ao espaço público que se conforma à sua volta; de outro, enfatiza as sensações corporais de uma experiência lasciva, particularizada em detalhes sensíveis, como “o sorriso de sua doce anatomia”. A essas duas camadas soma-se ainda uma terceira, bastante recorrente em sua literatura, que opera no sentido de amplificar a intensidade do ato erótico para

predispor o sujeito lírico ao delírio: “loiros fantasmas/ fornicando em meu olho”.

Com efeito, um dos traços distintivos da obra de Piva é o olhar multifacetado, a instaurar uma visão de mundo a um só tempo social, erótica e delirante. Cumpre notar que o autor se vale justamente da alternância vertiginosa entre esses planos, muitas vezes desdobrada em sucessivas justaposições, para criar um forte efeito de tensão, típico de sua poética. Em razão disso, a vitalidade, a inquietação, o burburinho, e até mesmo um certo tumulto que seus versos manifestam com frequência, não se devem apenas aos temas recorrentes da devassidão cosmopolita, mas sobretudo ao notável pacto entre fundo e forma que estrutura a sua impetuosa lírica.

Mas a reunião dessas três dimensões tão distintas, que supõe uma equação bastante complexa na sensibilidade contemporânea, também denuncia o desafio estético enfrentado por Piva. Afinal, nos dias de hoje já não parece possível sustentar um discurso poético que se volte simultaneamente para as necessidades prementes do coletivo, para as inesgotáveis demandas do desejo e para as derivas sem fim da alucinação. Ou, colocando o problema em outros termos: atualmente, como pode um escritor estabelecer relações sensíveis entre uma tradição revolucionária de fundo libertário, o legado libertino de Sade e a herança visionária de Rimbaud sem se apresentar como um anacrônico repetidor das fórmulas surrealistas?

De difícil resposta, essa pergunta dá a dimensão dos riscos aos quais se expõe o autor, ao mesmo tempo que abre caminho para que se percebam os traços singulares de sua literatura. Assim, ainda que haja uma forte inspiração surrealista na escrita de Piva, sua voz poética sempre se particulariza quando comparada à matriz francesa, a começar pelo efetivo abraço brasileiro do

imaginário surreal que ela deixa transparecer. Não bastasse isso, seria preciso aludir à vocação “anarcomonarquista” declarada pelo poeta, em franca oposição às simpatias de Breton e seus companheiros pelo marxismo, sem esquecer ainda o diferencial do homoerotismo, rejeitado de forma categórica pelos idealizadores do movimento. Antes de tudo, porém, é no projeto de levar à exaustão uma demanda de radicalidade em todos esses planos que sua dicção própria ganha evidência, conferindo-lhe um lugar único também na paisagem literária do Brasil contemporâneo.

Dito de outra forma: embora aqui e acolá a obra de Piva expresse um certo conteúdo programático, bastante afinado com os arroubos libertários que marcaram os jovens da sua geração, sua tomada de partido pela anarquia acaba por prevalecer sobre a militância ideológica, instaurando um generoso espaço para a experiência da errância e o conhecimento da desordem: “eu não me apoio em nada”. Nesse estado flutuante, a sensibilidade inquieta do autor vasculha a lascívia das ruas e das alcovas para então submetê-la ao incansável trabalho da alucinação, apostando no excesso como o único meio capaz de dar conta de uma vertigem que é a um só tempo erótica, estética e existencial.

Escrita insensata, que insiste sem cessar nas próprias obsessões, reiterando o mote transgressivo para deixar a descoberto o princípio de subversão que une definitivamente o sexo à poesia. Escrita arriscada, sobretudo para quem decidiu abraçá-la como tarefa de uma vida inteira, já que a imaginação do excesso não conhece repouso, demandando mais e mais de seus demiurgos. É sempre noite na poesia de Roberto Piva, e o poeta permanece desperto, em constante vigília.



---

Publicado originalmente em Roberto Piva, *Mala na mão & asas pretas* (São Paulo: Globo, 2006), pp. 152-61.

Cf., por exemplo, João Silvério Trevisan, “A arte de transgredir (uma introdução a Roberto Piva)”. In: Id., *Pedaço de mim*. Rio de Janeiro: Record, 2002; Felipe Fortuna, “Roberto Piva: Pivô da anarquia”. *Jornal do Brasil*, suplemento “Ideias”, 24 jan. 1987; Claudio Willer, “Piazzas de Roberto Piva: Fruição, contemplação e o misticismo do corpo”. *Agulha — Revista de Cultura*, Fortaleza; São Paulo, n. 40, ago. 2004.

Para um desenvolvimento do tema, ver Marcelo Coelho, “Solidão e êxtase”. *Folha de S.Paulo*, caderno “Mais!”, 22 mar. 1998.

“A surpresa”, diz Apollinaire em 1917, “é o maior motivo novo. É pela surpresa, pelo espaço que concede à surpresa, que o espírito novo se distingue de todos os movimentos artísticos e literários que o precederam” (Guillaume Apollinaire, “L’Esprit nouveau et les poètes”. In: Id., *Oeuvres en prose complètes*. Paris: Gallimard, 1991, t. II, p. 951).

# O MUNDO DELIRANTE (A POESIA DE ROBERTO PIVA)<sup>1</sup>

DAVI ARRIGUCCI JR.

*a poesia vê melhor  
eis o espírito do fogo*

CICLONES

DESDE QUE APARECEU, editada por Massao Ohno em 1963, a poesia de Roberto Piva bateu como um ciclone para desarrumar a paisagem paulistana e instaurar seu *mundo delirante*. *Paranoia* revelava um poeta com cara de menino, mas que vinha armado com o *poema porrada* para demolir a cidade e viver o sonho de outra coisa: Nínive será destruída, era o seu vaticínio.

Nesse tempo, não era comum que um poeta se expusesse tanto pessoalmente e, para os padrões da norma poética hegemônica, com seu radicalismo formal — eram os anos do concretismo —, o alarido podia soar como bravata de maluco.

A sequência da obra não desmereceu o turbilhão inicial: acentuou o tom de provocação; a irreverência desbordou, para exprimir, de boca cheia, o desejo de transgressão; a atitude do iconoclasta passou a imperar, não querendo deixar pedra sobre pedra. Na prática, o

discurso poético, em versos livres de cortes bruscos e direções imprevistas, mostrou-se ainda mais cambiante, conforme as enumerações variáveis da matéria heterogênea e a mobilidade fugidia dos estados de espírito. Por outro lado, expandiram-se as imagens com força alucinada, para condensar em unidade insólita, soldada pela analogia, a multiplicidade caótica da visão do universo.

Desde o princípio, o poeta preferiu o caos no lugar da ordem. Fiel somente ao próprio desejo, saiu em busca das figurações do sonho, assumindo o papel de *enfant terrible*, ser intratável, contra todos e tudo. O anjo rebelde, sexuado e sem papas na língua, siderado por meninos de carne e osso, fez-se então a figura emblemática para anunciar o desconcerto do mundo segundo Piva. E, pelo mesmo gesto, também se tornou personagem de si mesmo; tinha o umbigo cravado em Santa Cecília e destoava da música dominante na poesia brasileira: era o mais novo dos malditos.

O individualismo anárquico, sua marca de fábrica, se alça desde então contra as construções do industrialismo e da modernização conservadora, cuja face predatória vê encarnada na Babilônia capitalista que é São Paulo, desafiada por seu “robô pederasta” e o erotismo desbragado de seus adolescentes de sono quente. A cidade monstruosa, desencontrada de si mesma, surge no espelho dos versos com sua mistura de progresso e atraso, a coleção completa de mazelas, mas também, com o seu secreto encanto: a poesia esquiva de suas praças e ruas — feias, sujas, descuidadas, de repente bonitas —, e vem refletida em imagens passionais de amor e ódio que caracterizam a relação do poeta com seu espaço. Em meio aos flashes da cidade, os recortes de amor trazem o poeta para a alcova ou a sauna, onde o erotismo rola à solta, numa atmosfera lasciva de

inferno com ares dantescos, ou na caçada dos amores furtivos pelas ruas como no *Satíricon* de Petrônio.

Nessas imagens, há ainda ressonâncias da *Pauliceia desvairada*; a figura de Mário de Andrade, várias vezes evocada, é o companheiro de andanças erráticas pelas avenidas noite adentro.

São, entretanto, variadas as marcas da herança modernista: Murilo Mendes e Jorge de Lima têm presença igualmente fortíssima. Além disso, há a assimilação de muitas outras leituras: de Rimbaud e Lautréamont, de Reverdy e dos poetas do *esprit nouveau*, de Georg Trakl e Gottfried Benn, mas, sobretudo, do surrealismo e da geração beat norte-americana, sem falar, é claro, da poesia italiana contemporânea e de Dante, que, além de inspirá-lo por momentos na transfiguração do mundo, lhe fornece uma espécie de mitologia pessoal da discórdia. É que gosta de comparar um antepassado, que lutou nas Cruzadas e foi queimado por heresia em praça pública, com o avô Cacciaguida, da *Commedia*.

Piva encontrou, porém, uma fórmula nova e original para exprimir a experiência de seu tempo, fazendo das múltiplas citações matéria própria.

Poeta culto e inquieto, ele mobiliza o que lê, o que ouve ou vê — são também recorrentes as referências ao jazz, a compositores eruditos, a grandes pintores —, com a mesma fúria com que investe contra seus fantasmas. A salada não é pequena, mas há um ponto de vista seletivo e o molho comum tem ponta picante.

O fato é que sempre soube resguardar uma atitude pessoal autêntica, de profunda e constante coerência, ao longo do tempo, e deu com uma forma específica do discurso poético, cuja novidade e complexidade é preciso tentar compreender.

A crítica brasileira (e não me ponho fora dela), já de si vasqueira, fez que não viu e voltou as costas para uma obra poética com quase meio século de produção

incessante e grande contundência. É claro que a agressividade, a bandeira acintosa do homossexualismo, o desregramento dos sentidos — um traço rimbaudiano a que Piva dá vazão, por vezes com muito senso de humor — não estão aí para tornar ameno o convite à leitura e podem dificultar o reconhecimento crítico. Há uma parcialidade assumida e até reivindicada que pode desagradar a muita gente, assim como a direção-geral do projeto de uma poesia experimental fundada na exigência de uma vida experimental. Ela parece pedir demais do leitor: tanto excesso pode levá-lo a pensar que o delírio do caos esteja instalado de preferência no próprio poeta, trancafiado com seus botões na cidade que escolheu para fazer exorbitar até a alucinação e, sem espanto, ficar vendo óvnis sentado na praça da República. Em resumo: a atitude *enragée* faz o feitiço virar contra o feiticeiro e acaba afastando cautos e incautos. A poesia de Piva, porém, quando ele a alcança, está para além disso tudo. O verdadeiramente difícil não são os espinhos explícitos do radicalismo e da rebeldia, mas dizer o que é a novidade da mistura incandescente que ele inventou, sem reduzi-la ao sabido. E, mais ainda, mostrar seu poder de iluminação: como de vez em quando dá certo, dá com algo que só raras vezes a forma revela, conforme escreveu seu mestre Murilo Mendes. No conjunto e nas partes, compreender criticamente essa obra continua sendo um aberto desafio.

A vontade libertária de renegar a ordem dada e de suscitar pela desordem as imagens de um mundo diferente, aberto por brechas para o livre curso do desejo, mostra que na poesia de Piva, desde o começo, a lírica vem misturada à épica. Poeta andarilho, ele carrega, feito o romancista, seu espelho pelas ruas da cidade, para contar o percurso como uma experiência imediata do presente. Mas não é apenas o conteúdo de uma consciência no presente intemporal ou “eterno” da

lírica; é também a narração de um encontro com o mundo ao redor, que se processa e se distende no tempo e traz pulsante a memória histórica da cidade.

Os instantâneos líricos de fato se expandem em ondas narrativas em torno do eu-personagem e de seu meio, além de serem poesia de alcova e de exaltação do amor físico. E, por isso, busca ritmos de fôlego amplo, mesmo com os riscos do excesso e da verborragia.

Seu modo de expressão é uma espécie de *epos* desbordante, pontuado de iluminações líricas, que vai além do verso livre modernista ou do versículo à maneira de Rimbaud ou de Whitman, embora descenda em parte desta última linhagem. É um discurso próximo da oralidade, como se estivesse voltado para a recitação diante de um auditório, à maneira de Allen Ginsberg, mas com uma mistura à moda da casa que o singulariza e uma tensão constante que parece exigir a chama sempre viva do vate inspirado.

Resíduo do tempo forte da inspiração, o poema corre o risco do informe ao preferir a autenticidade da expressão de uma experiência emocional intensa ao trabalho de arte. Embora episódico, o discurso toma a forma de um magma ou fluxo verbal contínuo, derivado da fala, para o qual um ritmo de repetições e associações se torna fundamental, combinando os materiais mais diversos em liga estreita e explosiva.

Ao contrário da lição de João Cabral e de seu toureiro que doma a explosão com mão precisa e pouca, dando “à vertigem, geometria”, Piva sente a necessidade da explosão. Basta vê-lo soltar da jaula a onça que pinta às vezes em seus versos como animal totêmico. Em torno dela, o poeta reúne uma “revoada de revoltados” contra a destruição do planeta, enquanto for tempo, pois os tempos não são de solidariedade, e os galos já não tecem a manhã.

A fórmula a que chegou se mostra maleável e impressiva, coadunando-se perfeitamente bem à matéria que tem para cantar e contar. Piva é um rapper antes que o rap tivesse sido inventado.

Como nesse gênero de música, chama nossa atenção para uma difícil poesia que mora nos espaços pobres, no abandono da grande metrópole, onde parece residir apenas o horror do que não se quer ver. Mas são aspectos que, em contraponto, ajudam a compor a verdadeira fisionomia da cidade. Nesse sentido, ele dá voz ao refugo do que se quis, ao outro com que se convive no avesso da ordem dominante. Por isso, provoca aquela surpresa paradoxal que nos faz perceber valor humano mesmo no que parece completamente degradado, ao mesmo tempo que põe em xeque a ordem estabelecida.

Assim, a fala se faz um instrumento poderoso para exprimir as iluminações líricas e os percalços da experiência da rua; canaliza as sobras da metrópole trepidante e predatória, condenada à periferia do mundo globalizado. Antes que esta expressão fosse corrente, a multiplicidade caótica do universo já estava irmanada na visão delirante que ele tem da cidade.

Mas, o que na cidade moderna está fora da alçada do dinheiro e da produção, o que ela própria recalca em zonas periféricas ou marginais, alijando-o de si para a barra pesada de si mesma, é isso o que ressurge com força em seus versos, feito carga obscura de coisas do inconsciente. É o lado sombrio do que todos nós também somos. E *isso* é o que é lançado num rio comum coalhado de dejetos: Tietê imaginário, Anhembi de tempo e esquecimento, aparentemente estagnado, sob o qual flui, no entanto, a corrente gordurosa dos detritos, o lixo rio abaixo, onde jaz a história segregada, refletida no espelho invertido da cidade.

Em grande parte, é a história do que se perde, do que se vai pelo ralo do capitalismo, feito matéria imprestável e sem nome canalizada no canto. E eis que corre nos poemas um *epos* da entropia urbana, do que nela nos assombra e às vezes nos ilumina: visões dantescas e grotescas — o inferno que a própria cidade gera, consome e lança fora, enquanto passam as águas e as palavras.

Esse fluxo poético sem margem, que não teme o informe e a falta da medida, sob o impulso dionisíaco, e que retorna muitas vezes à inspiração de Nietzsche, alimenta-se da fonte originária da lírica que é o ditirambo, para exprimir tanto a alegria jubilosa quanto a mais funda tristeza. Voltado para as grandes emoções, buscando sofregamente o êxtase, deve manter o atrito das contradições nas imagens, em que se fundem palavras elevadas e baixas numa idêntica mistura, em contínuo transe, impelidas pelo ritmo a uma dança frenética de altas tensões. Dessa forma, tende ao sublime, vivendo um jogo perigoso à beira da destruição.

Mesmo falando de coisas rasteiras, do chão do cotidiano e dos amores mais prosaicos, Piva, por força do entusiasmo, no sentido primeiro de estar possuído pelo deus, tende à elevação do discurso, que não perde o aprumo por arrastar de cambulhada o mais baixo ou a mixórdia do dia-a-dia. A herança baudelairiana de suas paisagens urbanas está visível decerto nessa mistura estilística do abjeto com o elevado, mas ressurgem mudada por seu poder de transformação dos materiais de empréstimo com que trabalha, sejam velhos ou novos, na sua fórmula pessoal.

É que Piva está de olho mágico no processo de modernização periférica, que marca sua cidade das entranhas até os detalhes mais imperceptíveis, acumulando temporalidades atrasadas e de ponta em camadas mescladas, sem que uma fisionomia definitiva



se cristalize na face da mistura em permanente mudança. Em meio ao fluxo, ele flagra o detalhe particular aparentemente aleatório, mas que faz sentido, pois é parte de uma experiência histórica a que de algum modo seus versos dão forma ao glosar o ritmo profundo com que a cidade troca de pele.

Ele é o profeta andarilho que, com antenas poéticas, sai à caça do sagrado oculto no chão desencantado da metrópole moderna. Pode não dar com sagrado algum, mas na busca, acompanha o movimento interior e as contradições da cidade com o ritmo receptivo de seus versos, os choques dissonantes de suas imagens, a energia erótica com que junta o disperso e solda os opostos. O modo como registra subjetivamente na sua própria história pessoal as marcas dessa contínua mudança seria por si só um documento importante.

Mas, na verdade, ele dispõe ainda da visão poética, feita de espírito do fogo, a mais proteica das criaturas, que é ainda o signo de sua resistência prometeica aos deuses baratos da economia. Por meio dela, é capaz de antecipar o vindouro e de ver o invisível, que se esconde, como assinalou Murilo, no visível.

A poesia de Piva depende dessa força visionária da imagem, do assombro imaginativo com que ela é capaz de despertar o leitor, abrindo seus olhos para que diga ah!. É que ela confia no poder cognoscitivo dos estalos da imaginação, em sua faísca de surpresa e revelação, mesmo quando continuamos todos adormecidos, submersos sob a maré das mercadorias.

O legado raro de seus melhores momentos é o da lucidez do êxtase, signo da revolta que preferiu aos louros da academia.

# CRONOLOGIA

## **1937**

25 DE SETEMBRO Roberto Lopes Piva nasce em São Paulo, filho único de Sérgio Eduardo Piva, farmacêutico e fazendeiro em Brotas (SP), e de Tereza Lopes Piva.

Passa a infância entre as fazendas da família em Brotas e Analândia, perto de Rio Claro.

## **FINAL DA DÉCADA DE 1940**

Estuda em São Paulo até os quinze anos. “Antes de vir para São Paulo, eu não tinha acesso à literatura. A biblioteca do meu pai [...] era heterogênea, mas cheia de livros inúteis, que não revelam a alma humana em profundidade [...]. De poesia eles não gostavam, não incentivavam e não tinham o menor interesse.”

## **DÉCADA DE 1950**

“Eu sempre pratiquei e pesquisei o xamanismo, desde os doze anos. Meu pai tinha [...] um empregado mestiço de índio com negro, o Irineu. Ele me fazia ficar olhando para o fogo. E me iniciou na piromancia.”

Não completa o secundário, que concluirá em supletivos nos anos 1970.

**1957**

Com os amigos Jorge Mautner e João Quartim de Moraes,  
funda o Movimento Niilista.

## **1958**

Mantém contatos com o Partido do Kaos, de Mautner, José Roberto Aguilar e Arthur Guimaraens, mas não integra o grupo. A *Revista da Semana* (RJ) registra sua participação na Juventude Monárquica de São Paulo, que teria chefiado.

## **1959**

Conhece Claudio Willer, amigo e parceiro de *flâneries* urbanas com quem traduzirá diversos textos da geração beat. Willer sobre Piva: “Quando o conheci pessoalmente, tangenciava as mesas de bar da intelligentsia paulista, lia muito Hegel e Nietzsche, frequentava reuniões de poetas jovens, comparecia a leituras públicas e programas de tv sobre poesia”.

## **1961**

Massao Ohno imprime o poema “Ode a Fernando Pessoa” em tiras de papel (“tripas poéticas”), que o poeta vende nos bares do centro de São Paulo.

JUNHO *A Antologia dos novíssimos*, volume 9 da coleção homônima, é lançada pela Massao Ohno. Participa com “Poema I”, “Poema II”, “Poema III”, “Libelo”, “Marítima” e “Noturno”. Na nota de autoapresentação, elenca suas referências artísticas: “amando jazz Beethoven Nietzsche Dostoiévski Kierkegaard Sartre aceitando Marx Engels Bakúnin Kropótkin influenciando-se por Sá Carneiro Pessoa Guimarães Rosa Graciliano Ramos Mário de Andrade Jorge de Lima Drummond Vinicius”.



## **1962**

Distribui nas ruas e bares os poemas-manifestos “O Minotauro dos minutos”, “Bílis, bules & bolas”, “A máquina de matar o tempo” e “A catedral da desordem”, com a assinatura “Os que viram a carcaça”, que passará a intitular o conjunto mimeografado.

## **1963**

ABRIL Publica *Paranoia*, seu livro de estreia, pela Massao Ohno. Os vinte poemas são ilustrados por 76 fotografias de Wesley Duke Lee, que também assina a capa e o projeto gráfico.

JUNHO Com Willer, De Franceschi e Bar, entre outros, constitui o Grupo Surrealista de São Paulo, que se reúne semanalmente em bares da cidade. O grupo se dispersa no ano seguinte.

## **1964**

28 DE OUTUBRO Lançamento de *Piazzas* num bar da praça Dom José Gaspar, no centro. É o segundo volume da coleção Maldoror da Massao Ohno.

## **1965**

NOVEMBRO A revista *La Brèche: Action Surréaliste*, órgão oficial do movimento, elogia *Paranoia*, considerando-o “o primeiro livro de poesia delirante publicado no Brasil”.

## **DÉCADA DE 1970**

Entre 1969 e 1972, produz shows para bandas de rock alternativo como Made in Brazil, Distorção Neurótica, Zarphus e Joelho de Porco. Completa o secundário e se matricula em estudos sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Farias Brito, em Guarulhos, e no curso noturno da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde se gradua.

Ao longo dos anos 1970 e 1980, trabalha como professor de história e estudos sociais em colégios de São Paulo.

Publica entrevistas e textos sobre cultura, política e sexualidade, além de diversos poemas, em órgãos da imprensa alternativa como *Artes*, *Versus*, *Patata*, *Singular & Plural* e *Lampião da Esquina*.

## **1972**

FEVEREIRO Entrevista “Roberto Piva: Um paulistano desvairado” sai na *Rolling Stone*. Falecimento do pai, em Rio Claro.

DEZEMBRO Assina a cenografia da peça *As três irmãs*, de Anton Tchékhov, no Teatro Oficina, com direção de José Celso Martinez Corrêa.

**1975**

A Massao Ohno publica *Abra os olhos & diga Ah!*, capa e ilustrações em colagem de Tide Hellmeister. O livro reúne dezoito poemas.

## **1976**

14 DE JULHO Lançamento da antologia *26 poetas hoje* (org. de Heloisa Buarque de Hollanda) no Parque Lage, no Rio de Janeiro, pela editora Labor. O livro também inclui Ana Cristina Cesar, Francisco Alvim, Chacal, Cacaso, Waly Salomão e Torquato Neto, entre outros.

9 DE NOVEMBRO *Abra os olhos & diga Ah!* é lançado na Feira de Poesia, promovida pela Massao Ohno no Theatro Municipal de São Paulo.



## **1978**

MARÇO Participa da seção “Feira de poesia” da revista *Almanaque*, n. 6, da editora Brasiliense (SP).

AGOSTO A Brasiliense publica o primeiro número da revista *Caderneta de Poesia*, com poemas seus. Participa do lançamento, na V Bienal do Livro, em São Paulo.

DEZEMBRO Publica os artigos-manifestos “Relatório para ninguém fingir que esqueceu” e “Quem tem medo de Campos de Carvalho?” no primeiro número da revista *Singular & Plural* (SP).

Demite-se de *Versus*, onde escrevia a coluna “Meditações de Emergência”, assinando um manifesto com Willer (editor de poesia), Marcos Faerman (editor-chefe) e outros colaboradores contrários às intervenções da Convergência Socialista, tendência trotskista, na linha editorial do jornal.

## **1979**

FEVEREIRO Com João Silvério Trevisan e representantes do grupo Somos, participa da mesa-redonda sobre homossexualidade do curso de férias promovido pelo centro acadêmico de ciências sociais da USP, considerado o primeiro encontro de movimentos organizados de negros, indígenas, homossexuais e mulheres no país.

OUTUBRO *Coxas: Sex fiction & delírios* é publicado pela editora Feira de Poesia (SP), de Willer, no evento homônimo do Theatro Municipal de São Paulo.

## **1980**

JUNHO Sai a segunda edição, revista e ampliada, de *Piazzas*, pela coleção A Ciência da Abelha da Kairós Livraria e Editora, com capa de Wesley Duke Lee e prefácio de Willer.

DEZEMBRO Publica poemas no primeiro número da revista *Bissexta* (SP).

**1981**

14 DE AGOSTO Lançamento de *20 poemas com brócoli*.

**1982**

FEVEREIRO Publica o artigo-manifesto “O jogo gratuito da poesia” na *Folha de S.Paulo*.

**1983**

22 DE NOVEMBRO Lançamento de *Quizumba* pela editora Global (SP), na Livraria Pagu.

**1984**

JULHO Em entrevista ao Estadão, rejeita o rótulo de “poeta maldito”: “Qualquer pessoa que discorde é maldita, um rótulo que atende à preguiça mental, tentativa de pasteurizar e exorcizar o conteúdo da poesia”.

## **1985**

11 DE JUNHO Publicação da *Antologia poética* pela editora L&PM (Porto Alegre) na coleção Olho da Rua. O livro reúne poemas de 1963-83 e os manifestos “O século XXI me dará razão (se tudo não explodir antes)” e “Manifesto da selva mais próxima”, escritos em fevereiro e outubro de 1984.



**1986**

JANEIRO Com Glauco Mattoso, apresenta-se no show *Vômito do mito*, da roqueira travesti Cláudia Wonder.

## **1987**

JANEIRO A revista *Cerdos & Peces*, de Buenos Aires, publica seu manifesto "O erotismo dará o golpe de estado".

JUNHO O *Jornal do Brasil* (RJ) publica o poema "Ilha Comprida", inédito em livro. "Já participei de bacanais; de concursos literários, não" (*Estadão*).

## **1989**

ABRIL Começa a escrever a coluna “Sindicato da Natureza” na revista *Chiclete com Banana* (SP).

Colabora em *Nicolau*, revista da Secretaria de Cultura do Paraná, até 1990.

Poemas seus aparecem no segundo número da revista portenha *La Carta de Oliver*, com tradução de Rudolph Linck.

## **1992**

FEVEREIRO Participa do evento comemorativo dos setenta anos da Semana de Arte Moderna, no Theatro Municipal. Entoa “VII cantos xamânicos” (*Ciclones*), tocando tambor.

**1997**

9 DE DEZEMBRO Lançamento de *Ciclones* pela editora Nankin, na coleção Janela do Caos.

## **1999**

AGOSTO Participa da exposição coletiva “Transcendência — Caixas do Ser”, de artes, poesia e design, na Casa das Rosas.

## **2000**

13 DE ABRIL O IMS lança uma edição fac-similar de *Paranoia*, na abertura da exposição “Paranoia: São Paulo de Roberto Piva e Wesley Duke Lee”, em sua sede paulistana. O livro será reeditado em 2010, com prefácio de Davi Arrigucci Jr.

NOVEMBRO Com Willer, Mautner, De Franceschi e Haro, além de Carlos Felipe Moisés, participa do média-metragem *Uma outra cidade*, documentário dirigido por Ugo Giorgetti para a TV Cultura de São Paulo.

**2003**

AGOSTO O Fondo de Cultura Económica da Argentina e a Fundação Vitae publicam a antologia bilíngue *Puentes/Pontes*, que inclui poemas seus.



## **2004**

SETEMBRO Lançamento de *Assombração urbana*, documentário em média-metragem sobre o poeta. Direção e roteiro de Valesca Dios, produção da tv Cultura.

**2005**

29 DE SETEMBRO A editora Globo (SP) lança *Um estrangeiro na legião*, primeiro volume das *Obras reunidas*, com organização de Alcir Pécora.

**2006**

13 DE SETEMBRO Lançamento de *Mala na mão & asas pretas*, segundo volume das *Obras reunidas* (Globo).

O IMS organiza o Arquivo Roberto Piva, com manuscritos, recortes e documentos pessoais do poeta.

## **2007**

SETEMBRO Participa do evento comemorativo Roberto Piva, Setenta Anos na Casa das Rosas, onde lê poemas de *Estranhos sinais de Saturno*.

NOVEMBRO Homenageado na II Balada Literária de São Paulo, encontro internacional de escritores.

**2008**

15 DE MARÇO Lançamento do terceiro volume das *Obras reunidas*. O volume inclui CD com poemas lidos pelo poeta.

**2009**

A Azougue (RJ) publica *Roberto Piva* (entrevistas e ensaios), organizado por Sergio Cohn para a coleção Encontros.

## **2010**

FEVEREIRO Internado no Hospital das Clínicas, é submetido a uma angioplastia. Agravamento de seus problemas de saúde.

MARÇO Amigos, colegas e admiradores se reúnem no sarau Viva Roberto Piva!, na galeria b\_arco, com renda revertida para o poeta.

MAIO Nova internação para tratamento de um câncer na próstata.

3 DE JULHO Morre de insuficiência renal e falência múltipla dos órgãos no Hospital das Clínicas. Seu corpo é cremado.

**2011**

A Azougue publica *Os dentes da memória: Piva, Willer, Franceschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia*, de Camila Hungria e Renata D'Elia.



## **2016**

Gustavo Benini, ex-companheiro do poeta, Gabriel Kolyniak, Roberto Bicelli e Claudio Willer, entre outros, fundam em São Paulo a Biblioteca Roberto Piva através de um financiamento coletivo pela internet. A Biblioteca abriga os 6 mil volumes do acervo pessoal de Piva.

*Roberto Piva: Antologia postal*, com trinta poemas e uma entrevista, sai pela Azougue.

*Carta aos alunos*, plaquete com poemas inéditos, é publicado pela Biblioteca Roberto Piva, na coleção Gavião de Penacho.

A editora Córrego (SP) lança *Antropofagias e outros escritos* (poemas e ensaios inéditos).

**2017**

*Poesia & delírio* (ensaio) sai pela Córrego.

**2021**

Marcelo Drummond escreve, dirige e protagoniza o monólogo *Paranoia*, inspirado nos poemas do livro de 1963, no Teatro Oficina.

## FONTES

- ALVES-BEZERRA, Wilson. "Adoráveis marginais". *Revista USP*, São Paulo, n. 93, pp. 224-7, 2012.
- COSTA, Diógenes Oliveira da. *Pauliceia desvairada e Paranoia: O "eu" solidário nas entranhas de combate*. Rio de Janeiro: CEH-UERJ, 2015. Dissertação (Mestrado em Letras).
- CHAVES, Reginaldo Sousa. "Roberto Piva, periferia-rebelde e estética da existência: Subjetividades urbanas desviantes e manifestos literários no Brasil (1958-1967)". *Vozes, Pretério & Devir*, Teresina, v. 3, n. 1, pp. 94-114, 2014.
- HILÁRIO, José Reinaldo Nonnenmacher. *A geração difusa: Roberto Piva, Claudio Willer e Péricles Prade*. Santa Catarina: CCE-UFSC, 2018. Tese (Doutorado em Literatura).
- HUNGRIA, Camila; D'ELIA, Renata. *Os dentes da memória: Piva, Willer, Franceschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia*. Rio de Janeiro: Azougue, 2011.
- MATTOS, Ricardo Mendes. *Roberto Piva: Derivas políticas, devires eróticos & delírios místicos*. São Paulo: IP-USP, 2015. Tese (Doutorado em Psicologia).
- MORAES, Leonardo David de. "Os arquivos do poeta Roberto Piva: Entre o privado & o público". *Manuscrita*, São Paulo, n. 35, pp. 126-36, 2018.
- RIGAMONTI, Amanda. "Roberto Piva, o poeta rebelde, completaria 80 anos". Itaú Cultural, 25 set. 2017. Disponível em:

<<https://www.itaucultural.org.br/roberto-piva-o-poeta-rebelde-completaria-80-anos-hoje>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

VERONESE, Marcelo Antonio Milaré. *A intertextualidade na primeira poesia de Roberto Piva*. Campinas: IEL-Unicamp, 2009. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária).

\_\_\_\_\_. *Ciclone de si: A leitura e a escrita da poesia de Roberto Piva*. Campinas: IEL-Unicamp, 2015. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária).

WILLER, Claudio. "Roberto Piva, poeta do corpo". *Eutomia*, Recife, v. 15, n. 1, pp. 1-19, 215.

Biblioteca Roberto Piva: Disponível em: <<https://bibliotecarobertopiva.wordpress.com/>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

Blog do Claudio Willer: Disponível em: <<https://claudiowiller.wordpress.com>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

Coleção Roberto Piva: Disponível em: <<https://ims.com.br/titular-colecao/roberto-piva/>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

*Folha de S. Paulo*

*Jornal do Brasil*

*O Estado de S. Paulo*

Jornais e revistas da Hemeroteca Digital Brasileira

# SUGESTÕES DE LEITURAS E FILMES

## FILMES

*ANTES que eu me esqueça*. Direção: Jairo Ferreira, 1977.

*HERÓIS da decadensia* [sic]. Direção: Tadeu Jungle, Walter Silveira, 1987.

*UMA outra cidade*. Direção: Ugo Giorgetti, 2000.

*ASSOMBRAÇÃO urbana*. Direção: Valesca Canabarro Dios, 2004.

## **LIVROS**

JUVA, José. *Deixe a visão chegar: A poética xamânica de Roberto Piva*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.

PIMENTEL, Gláucia Costa de Castro. *Ataques e utopias: Espaço e corpo na obra de Roberto Piva*. Curitiba: Appris, 2012.

## **ARTIGOS EM LIVRO**

MOISÉS, Carlos Felipe. "Vida experimental". In: . *O desconcerto do mundo: Do renascimento ao surrealismo*. São Paulo: Escrituras, 2001.

TREVISAN, João Silvério. "A arte de transgredir (uma introdução a Roberto Piva)". In: . *Pedaço de mim*. Rio de Janeiro: Record, 2002.



## **ARTIGOS EM JORNAIS E REVISTAS**

FRANCESCHI, Antonio Fernando de. "Poemas com tensão de curto-circuito". *IstoÉ*, São Paulo, 30 set. 1981.

VASCONCELLOS, Gilberto. "Contra tudo o que não for loucura ou poesia". *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 fev. 1981.

WILLER, Claudio. "Surrealismo e brócoli". *Leia Livros*, São Paulo, n. 41, 1981.

## **ENTREVISTAS**

- ALMEIDA, Miguel. "Epifanias do exotismo sagrado". *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 jun. 1993.
- ASSUNÇÃO, Ademir; LOSNAK, Marcos; LOPES, Rodrigo Garcia. "Roberto Piva: O gavião caburé no olho do caos sangrento". *Coyote*, Londrina, n. 9, 2004.
- COHN, Sergio; MONTEIRO, Danilo. "Encontros/ Roberto Piva". *Azougue*, Rio de Janeiro, 2009.
- ESCOBAR, Pepe. "A quizomba poética de Roberto Piva". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 out. 1983.
- NEVES, Ezequiel. "Roberto Piva, um paulistano desvairado". *Rolling Stone*, São Paulo, n. 3, 1979.
- WEINTRAUB, Fabio. "Entrevista com Roberto Piva". *Revista Cult*, São Paulo, n. 34, 2000.
- WILLER, Claudio. "Meditações de emergência". Disponível em: <[www.revista.agulha.nom.br/ag34willer.htm](http://www.revista.agulha.nom.br/ag34willer.htm)>. Acesso em: 20 jan. 2022.

# **ANTOLOGIA PÓSTUMA**

*Antropofagias e outros escritos.* São Paulo: Córrego, 2016.

# ÍNDICE DE TÍTULOS E PRIMEIROS VERSOS

1. Chovia na merda do teu coração
1. Os escorpiões do sol
2. Alguma coisa em Saturno que não conheço
2. Osso & liberdade
3. Chianti tenuta di marsano
3. Vênus 9
4. Ardor da água
4. Festival do rock da necessidade
5. O andrógino antropocósmico
5. Viking 1
6. Bar Cazzo d'oro
6. O próprio Bodidarma respondeu
7. Beija-flor badulaque
7. Sbornia filamentosa
8. Eu daria tudo pra não fazer nada
8. Quem gira?
9. Chovia no teu coração de merda
9. Norte/Sul
10. Antínoo & Adriano
10. Jorge de Lima + William Blake + Tom Jobim. Dante observa
11. A Coreia é na esquina
11. Bicho-preguiça
12. Cliente da Mucosa

13. Hélice das constelações velozes
14. Em 68 só fiz 69
15. Batuque I
16. Batuque II
17. Batuque III

- I (20 poemas com brócoli)
- II (20 poemas com brócoli)
- III (20 poemas com brócoli)
- IV (20 poemas com brócoli)
- V (20 poemas com brócoli)
- VI (20 poemas com brócoli)
- VII (20 poemas com brócoli)
- VII Cantos xamânicos
- VIII (20 poemas com brócoli)
- IX (20 poemas com brócoli)
- X (20 poemas com brócoli)
- XI (20 poemas com brócoli)
- XII (20 poemas com brócoli)
- XIII (20 poemas com brócoli)
- XIV (20 poemas com brócoli)
- XV (20 poemas com brócoli)
- XVI (20 poemas com brócoli)
- XVII (20 poemas com brócoli)
- XVIII (20 poemas com brócoli)
- XIX (20 poemas com brócoli)
- XX (20 poemas com brócoli)

A agulha de tricô carismática  
A bengala alienígena de Artaud  
Abra os olhos & diga Ah!  
A catedral da desordem  
A dor pega fogo

*(a epopeia do amor começa na cama com os lençóis [...])*

Afetando profundamente o emocional

*a força do xamã*

A idade do mar

Alecrim do campo

*Alma fecal contra a ditadura da ciência*

A máquina de matar o tempo

Amon Ra

Antinous

Antropolítica de entrega em profundidade

A oitava energia

Aos grandes transparentes

Apavoramento no 1

Apavoramento no 2

A Piedade

*a poesia é perigosa*

*a poesia mexe*

*a poesia vê melhor*

*(a política do corpo em fogo do corpo em chamas do corpo em fogo) [...]*

A propósito de Pasolini

Arregimentação formal da estrela Hinter

As asas com causas

A vida me carrega no ar como um gigantesco abutre

*bigodes semáforos*

Bilhete para o Bivar

Boletim do Mundo Mágico

BR 116

Bules, bÍlis e bolas

Cairá a noite imensa

*cara*

*caralho pop Shiva*

*cem planetas? cem pupilas?*

Chapéus do irmão Ciclone  
*Coltrane*

*Dante*

*Dionysos, na Grécia Antiga, era o Deus da vegetação, da  
[...]*

Emoção em pedaços  
Equinócio do oitavo andar carbonizado  
*era a febre atravessando folhagens do silêncio*  
Escuta & respira  
Espinheira-santa  
*essa atividade muscular chamada poesia*  
Estranhos sinais de Saturno  
*eu caminho seguindo*  
*eu sou o cavalo de Exu*  
*eu sou o jet set do amor maldito*  
*eu sou uma criatura do jazz eterno*

*flor chuva morte*  
Floresta sacrílega

Ganimedes 76  
*garoto com câncer*  
*garoto jaguar*  
*garoto negro*  
Gavião Caburé  
Girassol  
Grito do anjo negro  
Grumixama

Guarapuvu

*há 50 mil anos*

*Heidegger*

Heliogábalos

Hic habitat felicitas

Histeria no 1

Histeria no 2

Homenagem ao Marquês de Sade

Ilha comprida

Ilusões da memória

*imensidade interior dos poetas da Aventura*

Incorporando o jaguar

*intelectual brasileiro entra*

Interminável-exterminável

Inventem suas cores abatam as fronteiras

Ipê-roxo

Joãozinho da Gomeia

Jorge de Lima, panfletário do Caos

Jurema-preta

L'ovalle delle apparizioni

Lá fora, quando o vento espera...

Lamento do pagé Urubu-Kaapor

Lento couro branco da periferia

Love is money, caríssimo



Manifesto da selva mais próxima  
Manifesto do partido surrealista-natural  
Manifesto utópico-ecológico em defesa da poesia & do delírio  
Marsicano com guindaste  
Matéria & clarineta  
*maurício maumau passarinho mascador de pirão & suas ogivas*  
*Meio-dia dourado*  
Menino *curandero* (Poema Coribântico)  
Meteoro  
*(meu amor dorme & se coça em sonhos se debate & geme [...])*  
*meu ombro leste*  
Mostra teu sangue, mãe dos espelhos

Na parte da sombra de sua alma em vermelho  
*na savana os elefantes pirados de amor trombeteiam*  
*Na última entrevista concedida à grande imprensa [...]*  
No Parque Ibirapuera  
Nosso antepassado fogo

*o Amor é claro como uma lágrima*  
*o anjo no banheiro amando a comuna de paris*  
O chute do mandril da meia-noite  
Ode a Fernando Pessoa  
*o garoto caiçara*  
O inferno musical  
O jardim das delícias  
O jazz é um Exu africano  
*olhos negros do garoto & seus sonhos*  
*olhos violeta dos*  
O manifesto de Lindo Olhar

O Minotauro dos minutos  
*(o mundo muda a cor da jabuticaba muda teu cu muda o chapéu)*  
O robô pederasta  
O rock da Serra da Canastra  
Os anjos de Sodoma  
O século XXI me dará razão (se tudo não explodir antes)  
*(o sexo da meia-lua lança sua nota metálica & seus gatos selvagens)*  
Os labirintos voam de noite  
Os mil dias felizes do dr. Ferenczi  
Óvnis  
O volume do grito

*paisagem bela anterior ao dilúvio*

Paisagem em 78 RPM

Para abrir os olhos

*Paracelso cercado*

Paraíso

Paranoia em Astrakhan

Pau-ferro

Piazza I

Piazza II

Piazza III

Piazza IV

Piazza V

Piazza VI

Piazza VII

Piazza VIII

Piazza IX

Piazza X

Piazza XI

Piazza XII

Piazza XIII

Pimenta d'água

*piratas*

Poema

Poema de ninar para mim e Bruegel

Poema da eternidade sem vísceras

Poema lacrado

Poema Porrada

Poema Submerso

Poema vertigem

*Pólen costumava organizar sua vida às quintas-feiras  
mas [...]*

Porno-samba para o Marquês de Sade

Posfácio

Praça da República dos meus Sonhos

Presença de lavanda

*prisioneiros*

*p.s. + cidades varridas pelo vento + mingus + capitão  
[...]*

Quando severas ansiedades predominam mas a  
depressão é afastada

Quem tem medo de Campos de Carvalho?

*ratos roerão teus ossos*

Relatório pra ninguém fingir que esqueceu

Revelações

*Rimbaud*

Ritual dos 4 ventos & dos 4 gaviões

Robôs gigantes no ferro-velho

Rua das Palmeiras

*seja devasso*  
*signos selos & sigilos*  
Slogan  
Solução de planetas  
*som silêncio sobrenatural*  
Stenamina boat  
Sua Excelência o Marquês de Sade

Tarde sabor de vinho  
Tempo de tambor  
*Teólogo, até logo*  
Terra elétrica  
*teu beijo com gosto de peixe*  
*teu cu fora da lei*  
Teus olhos têm um céu de lágrimas  
Todo poeta é marginal, desde que foi expulso da  
república de Platão  
Todos os pássaros & suas florestas  
Transformando o horizonte

Ufos proustianos na Estação Central dos Sonhos  
Uma aurora latente  
Uma dimensão extrema  
Uma flor sustenta a cabeça morta de Hart Crane

Velocidades internas  
Vento luminoso  
Violoncelo recém-nascido  
Visão 1961  
*visão antropológica do canto da janela*

Visão de São Paulo à noite: Poema Antropófago sob  
Narcótico  
*você é o Blake*

Xangô e Paracelso

ROBERTO PIVA nasceu em 1937, em Brotas (SP), e morreu em 2010 na capital paulista. Influenciado pelo movimento beat e pelo surrealismo, é autor de livros como *Paranoia* (1963), *Piazzas* (1964) e *Abra os olhos & diga Ah!* (1975). Em 1976, foi incluído em *26 poetas hoje*, organizado por Heloisa Buarque de Hollanda. Sua obra foi coligida em três volumes pela editora Globo entre os anos 2005 e 2008, com edição de Alcir Pécora: *Um estrangeiro na legião*, *Mala na mão & asas pretas* e *Estranhos sinais de Saturno*.

Copyright © 2023 by herdeiros de Roberto Piva

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Elisa von Randow

IMAGENS DE MIOLO

Wesley Duke Lee/ Instituto Moreira Salles

CRONOLOGIA

Érico Melo

PREPARAÇÃO

Leny Cordeiro

REVISÃO

Jane Pessoa

Erika Nogueira Vieira

VERSÃO DIGITAL

Rafael Alt

ISBN 978-65-5782-840-3

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)



# ARARAS VERMELHAS

POESIA

CIDA  
PEDROSA

COMPANHIA DAS LETRAS



# Araras vermelhas

Pedrosa, Cida  
9786557827161  
144 páginas

[Compre agora e leia](#)

**Um olhar emocionante sobre os eventos que moldaram a história recente do Brasil por uma das vozes mais admiráveis da poesia contemporânea.**

Neste longo e comovente poema, a autora do premiado *Solo para Vialejo* narra um episódio ainda pouco comentado na história recente do Brasil: a Guerrilha do Araguaia. Ao entrelaçar memórias pessoais, acontecimentos históricos e referências culturais das décadas de 1960 e 1970, Cida Pedrosa constrói um retrato brutal do autoritarismo e da violência do Estado — mas revela também uma inabalável esperança em construir outro futuro.

Para o poeta Edimilson de Almeida Pereira, que assina a orelha do volume, "Cida Pedrosa responde às ruínas da história com um poema-mundo que, movido pela utopia de falar a todos sobre tudo, exorciza o horror e se ancora firmemente, como testemunha a poeta, numa 'esperança andarilha'".

[Compre agora e leia](#)

COMPANHIA DAS LETRAS

# Erico Verissimo

## Incidente em Antares



# Incidente em Antares (Edição especial)

Verissimo, Erico  
9786559215195  
608 páginas

[Compre agora e leia](#)

**Clássico da literatura brasileira em nova edição, com capa dura, ensaio visual e ampla fortuna crítica.**

Meio-dia, sexta-feira, 13 de dezembro de 1963. Uma assembleia é convocada em Antares, pequena cidade no sul do Brasil. Há uma greve geral, e até mesmo os coveiros estão sem trabalhar, de modo que os cadáveres não podem ser sepultados. À luz do sol, vagando livremente pelas ruas, os mortos-vivos enfim se sentem à vontade para vasculhar a intimidade alheia e falar o que bem entendem, sem receio de repressão das autoridades.

Publicado originalmente em 1971, o último romance de Erico Verissimo se tornou uma das obras mais emblemáticas da literatura brasileira. Crítica política contundente, sátira da ditadura militar e marco do realismo fantástico — trata-se possivelmente do primeiro livro de zumbis do país —, *Incidente em Antares* impressiona por seu vigor e sua atualidade.

O presente volume traz posfácio do escritor Sérgio Rodrigues, que coordena a edição, além de ampla fortuna crítica e ensaio visual inédito do artista Fernando Vilela.

[Compre agora e leia](#)



# O amanhã não está à venda

Krenak, Ailton  
9788554517328  
12 páginas

[Compre agora e leia](#)

## **As reflexões de um de nossos maiores pensadores indígenas sobre a pandemia que parou o mundo.**

Há vários séculos que os povos indígenas do Brasil enfrentam bravamente ameaças que podem levá-los à aniquilação total e, diante de condições extremamente adversas, reinventam seu cotidiano e suas comunidades. Quando a pandemia da Covid-19 obriga o mundo a reconsiderar seu estilo de vida, o pensamento de Ailton Krenak emerge com lucidez e pertinência ainda mais impactantes.

Em páginas de impressionante força e beleza, Krenak questiona a ideia de "volta à normalidade", uma "normalidade" em que a humanidade quer se divorciar da natureza, devastar o planeta e cavar um fosso gigantesco de desigualdade entre povos e sociedades. Depois da terrível experiência pela qual o mundo está passando, será preciso trabalhar para que haja mudanças profundas e significativas no modo como vivemos.

"Tem muita gente que suspendeu projetos e atividades. As pessoas acham que basta mudar o calendário. Quem está apenas adiando compromisso, como se tudo fosse voltar ao normal, está vivendo no passado [...]. Temos de parar de ser convencidos. Não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã."

[Compre agora e leia](#)

**ROSA  
EGIPCÍACA  
UMA  
SANTA  
AFRICANA  
NO  
BRASIL**

COMPANHIA DAS LETRAS

**LUIZ  
MOTT**





# Rosa Egipcíaca

Mott, Luiz  
9786559215539  
672 páginas

[Compre agora e leia](#)

**A incrível e pouco conhecida história de Rosa Egipcíaca ganha nova edição acrescida de informações inéditas sobre seus últimos dias de vida.**

Em 1725, aportava no Brasil uma jovem de seis anos que fora escravizada e trazida à força da Costa de Uidá, Nigéria. Vendida na rua Direita, no Rio de Janeiro, foi batizada com o nome de Rosa e estuprada por seu comprador.

Passados oito anos, é obrigada a deixar a capital fluminense e seguir para Minas Gerais, numa freguesia próxima à vila de Mariana, onde serviria à família Durão. Lá, se prostituiu por quinze anos até ter os primeiros acessos diabólicos, sofrendo uma série de exorcismos. Em meio a essas sessões, deu-se sua conversão a uma vida voltada ao estudo e à devoção à doutrina católica. Daí por diante, sua rotina de visões místicas e manifestações dos sete espíritos que a possuíam só aumentava.

Trabalho primoroso de Luiz Mott, esta é a biografia de uma ex-escravizada negra que, em pleno Barroco brasileiro, chegou a ser considerada por alguns como "a maior santa do céu". Figura ímpar de nossa história, foi também a primeira escritora negra do país, e sua vida

espetacular serviu de inspiração para o samba-enredo da Escola de Samba Unidos da Viradouro de 2023.

[Compre agora e leia](#)



COMPANHIA DAS LETRAS

**O AVESSE  
DA PELE**

**JEFERSON TENÓRIO**

# O avesso da pele - Vencedor Jabuti 2021

Tenório, Jeferson

9788554517793

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

**Um romance sobre identidade e as complexas relações raciais, sobre violência e negritude, *O avesso da pele* é uma obra contundente no panorama da nova ficção literária brasileira. Vencedor do Prêmio Jabuti na categoria "Romance Literário".**

*O avesso da pele* é a história de Pedro, que, após a morte do pai, assassinado numa desastrosa abordagem policial, sai em busca de resgatar o passado da família e refazer os caminhos paternos. Com uma narrativa sensível e por vezes brutal, Jeferson Tenório traz à superfície um país marcado pelo racismo e por um sistema educacional falido, e um denso relato sobre as relações entre pais e filhos.

O que está em jogo é a vida de um homem abalado pelas inevitáveis fraturas existenciais da sua condição de negro em um país racista, um processo de dor, de acerto de contas, mas também de redenção, superação e liberdade. Com habilidade incomum para conceber e estruturar personagens e de lidar com as complexidades e pequenas tragédias das relações familiares, Jeferson Tenório se consolida como uma das vozes mais potentes e estilisticamente corajosas da literatura brasileira contemporânea.

"Não é de graça que Tenório, além de autor premiado, é tão bem acolhido pelo público e pela crítica. Ele não faz turismo, safári social, na desgraça geral do país, não faz da crítica à desigualdade um truque, um atalho apelativo e barato, panfletário, para ter mais aceitação, reconhecimento. Estamos diante de um escritor que, correndo todos os riscos, sabe arquitetar uma boa trama e encantar o leitor. Por muitas vezes durante a leitura eu disse para mim mesmo: como ele consegue construir personagens tão reais e fáceis de serem amados? Eu agradeço, a literatura brasileira agradece." — Paulo Scott

"Através de um profundo mergulho em seus personagens, *O avesso da pele* consegue abordar as questões centrais da sociedade brasileira. E o mais potente nisso tudo é que, aqui, o real e as reflexões partem sempre de dentro pra fora." — Geovani Martins

[Compre agora e leia](#)